

CONVITE À HISTÓRIA

COLEÇÃO

ENCICLOPÉDIA DE CONHECIMENTOS FUNDAMENTAIS

Sob a direção de Mário Ferreira dos Santos

- 1) CONVITE A CIÊNCIA I — de Júlio Minhan
- 2) CONVITE A CIÊNCIA II — de Júlio Minhan
- 3) CONVITE A CIÊNCIA III — de Júlio Minhan
- 4) CONVITE A CIÊNCIA IV — de Yolanda Lhullier dos Santos
- 5) CONVITE A FILOSOFIA — de Mário Ferreira dos Santos
- 6) CONVITE A PSICOLOGIA PRÁTICA — de Mário Ferreira dos Santos
- 7) CONVITE A ESTÉTICA E A DANÇA — de Mário Ferreira dos Santos e Nádía Santos Nunes Galvão
- 8) CONVITE A HISTÓRIA I — de Yolanda Lhullier dos Santos
- 9) CONVITE A HISTÓRIA II — de Yolanda Lhullier dos Santos

ENCICLOPÉDIA DE CONHECIMENTOS
FUNDAMENTAIS

I X

C O N V I T E
À
H I S T Ó R I A

2.º VOLUME

DE

YOLANDA LHULLIER DOS SANTOS

LIVRARIA E EDITORA LOGOS LTDA.
Rua 15 de Novembro, 137 — 8.º andar — Tel.: 35-6080
S Ã O P A U L O

1.ª edição, setembro de 1961

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

Livro impresso para a Livraria e Editôra LOGOS Ltda.,
pela Gráfica e Editôra MINOX Ltda, rua Mazzini, 167,
São Paulo, em setembro de 1961

I N D I C E

Roma — As Suas Origens	11
As Guerras Púnicas	15
A Revolução Romana	19
Augusto	23
O Judaísmo	27
Jesus de Nazaré	29
O Triunfo do Cristianismo	31
As Invasões Germánicas	35
Os Germânicos	37
A América Central, a do Sul e a do Norte	38
O Mundo Árabe	41
A Idade Média	45
Carlos Magno	47
As Cruzadas	51
O Feudalismo Europeu	55
As Primeiras Universidades Européias	59
As Invasões Tartáricas e Mongólicas	63
A Idade Média Bizantina	67
A Idade Média	69
O Ocaso Medieval	71
O Império Turco	77
Os Grandes Descobrimentos do Século XV	81
As Origens da Imprensa	86
A Reforma	87
A Contra-Reforma	95
A Inglaterra e o seu Desenvolvimento	99
A França dos Bourbons	105
A Rússia	111
Frederico, o Grande	115
Independência dos Estados Unidos	117
A Revolução Francesa	127
Napoleão Bonaparte	135

A América Espanhola	143
Absolutistas e Constitucionalistas	145
A Formação da Unidade Italiana	153
A Formação da Alemanha	157
A Formação do Império Britânico	161
Os Estados Unidos	165
A América Espanhola	169
As Nações da América do Sul	172
As Lutas Socialistas	173
A Expansão do Império Russo	177
O Fim do Século XIX	179
A Segunda Guerra Mundial	191

ROMA — AS SUAS ORIGENS

Enquanto as colônias gregas passavam por uma fase de grande prosperidade, tanto nas costas da Ásia Menor como na Itália Meridional e Sicília, no interior da península itálica ocorriam fatos que teriam imensas conseqüências posteriores. Iniciava-se a fundação de uma cidade, onde mais tarde seria o bairro Palatino de Roma.

Conta a tradição que esta fundação se deu por obra de um grupo de foragidos, chefiados por um homem chamado Rômulo. Até uns 50 anos atrás, não se aceitava a existência de Rômulo nem se dava crédito às lendas relativas à fundação de Roma. Hoje, após a realização de sérias pesquisas e estudos dá-se como real a sua existência. Quando Rômulo morreu, a cidade só ocupava a plataforma da colina do Palatino, que era chamada de *Roma quadrada*, nome êste dado devido à forma mais ou menos retangular do seu perímetro.

Entretanto há várias hipóteses quanto à raça à qual pertencia êste grupo, vindo por volta do VII século. Alguns explicam como um grande número de autores latinos, ser Rômulo de sangue real da antiga estirpe latina, cuja capital seria a famosa *Alba-longa*, localizada nos montes Albanos.

Para outros seriam invasores nórdicos, vindos pelos Alpes. Outros, afirmam ser Rômulo um fugitivo da Etrúria, que, por motivos políticos, se refugiou nesta região, onde iniciou a construção de uma cidade. Tal hipótese era corroborada pelo fato de estarem os primeiros séculos da história de Roma cheios de lutas sangrentas contra os etruscos, povo êste que ocupava a Itália Central, dominando desde o rio Tibre até Florença e fazendo fronteira com a cidade que aumentava dia a dia. Roma recebia grande

quantidade de emigrantes e daí a tradição dizer que, por serem em maior número do sexo masculino, Rômulo valeu-se de um estratagema: convidou, para uma festa, os habitantes das montanhas sabinas, e quando êstes estavam no melhor da festa, os romanos roubaram-lhes as mulheres e as filhas. O resultado era de esperar: uma guerra entre romanos e sabinos, que acabou com a instalação dos agravados em Roma, e reinando tanto o seu rei como Rômulo, ambos com direitos iguais.

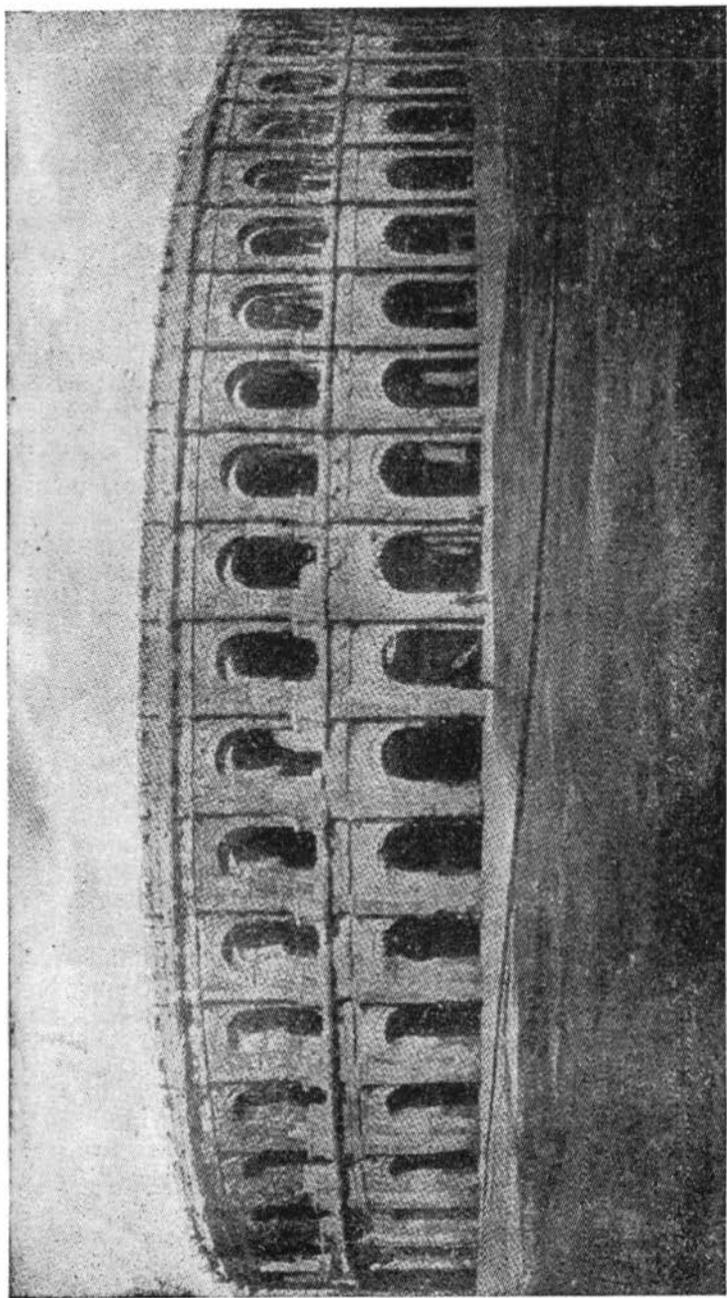
A morte de Rômulo ficou envolta na lenda. Diz a tradição que o céu se cobriu de espessas trevas e entre o ribombar de trovões e relâmpagos, o fundador foi levado pelos deuses. Mas é digno de nota que Rômulo nunca foi considerado um deus para os romanos, assim como não gozou de grande popularidade.

Após o reinado de Rômulo, no qual a cidade crescera mais pela entrada de emigrantes do que por intermédio de conquistas, veio um período de consolidação e unificação desta variada população. Subiu ao poder um homem que se tornou famoso, foi o rei-sacerdote Numa Pompílio. Seguiram-se vários reis, sendo que todos êles realizaram façanhas guerreiras e instituíram novas leis, tanto políticas como religiosas.

Durante todo o século VII, Roma cresceu desordenadamente. Os três últimos reis de Roma foram etruscos, e receberam o cognome de *Tarquínios*. O último dêles, chamado Tarquínio, o Soberbo, foi eleito pelo Senado, e foi também o último rei de Roma, pois a revolução contra a monarquia iniciou-se no ano 509 a. C. Assim acabou-se o período conhecido como de "Os Sete reis de Roma", que vinha desde Rômulo, chegando a Tarquínio, e compreendendo o período de 753 a 510 a. C.

Caindo a monarquia, criou-se o cargo de dois novos magistrados, chamados *cônsules*, que receberam o poder dos antigos reis. Porém, não podiam permanecer no poder mais de um ano.

Outro corpo de poder era o Senado: um Conselho composto inicialmente por cem membros, depois aumentado para duzentos e finalmente para trezentos.



O circo de Verona

No início do século IV, Roma já tinha 100 anos de governo republicano e impusera-se às populações vizinhas do Lácio. Ainda havia grupos mais fortes, que resistiam, e dos quais Roma sofreu ataques, entre eles os etruscos que venceram. Os etruscos, supõe-se, eram originários da Ásia Menor, da Frígia, donde emigraram por volta do ano 2.000 a. C. Chegaram à costa do Tirreno, estabelecendo-se nas terras do norte do Tibre, numa região que tomou o nome de Etrúria.

Sua história ficou melhor conhecida devido aos numerosos vestígios materiais, que foram, e ainda estão sendo descobertos. Muito ainda cabe dizer-se sobre os etruscos e o que se conhece é ainda muito pouco.

No ano 390 a. C., os galos se encontravam às portas de Roma e conseguiram penetrar na cidade deserta, pois a população fugira, permanecendo apenas uma pequena resistência no Capitólio. No ano 225 a. C., uma nova horda de galos atacou, mas, desta vez, Roma resistiu e venceu.

Contudo, os ataques não pararam aí; seguiram-se várias tentativas, realizadas por povos gregos e samnitas.

Tôdas estas longas guerras duraram mais de dois séculos.

Roma, entretanto, estendia-se mais ao sul e ao norte e, concomitantemente, modificava a sua constituição.

Roma, desde os seus começos, esteve dividida em duas classes de cidadãos, que compunham duas castas: a dos *patrícios* e a dos *plebeus*. Assim um plebeu não podia contrair matrimônio com um patrício. Patrício, quer dizer "aquêlo que tem pais" ou "ascendência conhecida." Ambas classes juntas formavam o *populus*, e se reuniam em assembléias chamadas *comícios*. Os côsules eram nomeados dentre os patrícios.

Através de lutas, os plebeus conseguiram todos os direitos aos quais se achavam capacitados a possuir. O Senado até o ano 367 a. C. só se compunha de patrícios, mas, desde esta data em diante, foi concedido ingresso ao plebeus.

AS GUERRAS PÚNICAS

Roma dominava tôda a península, porém ante ela encontrava-se o poderio de Cartago, cidade fenícia do norte da África.

Cartago vivia das suas colônias, pois não tinha outro meio de se expandir. A política adotada por Roma, de conquistar as colônias gregas do sul da península, como a Sicília, ia contra os planos de Cartago, que mantinha colônias e feitorias no sul da Sicília.

Em 274 a. C., Pirro abandonou a Itália, e dez anos depois inicia-se a *primeira guerra púnica*, na Sicília. Originou-se esta guerra do pedido feito pela cidade de Messina, onde dois grupos antagônicos pediam auxílio, um para Cartago e outro para Roma. Os cartagineses, chegando primeiro, tomaram conta da fortaleza, e Roma enviou tropas. Durante vinte e três anos as hostilidades não cessaram, cabendo a vitória ora para Cartago, ora para Roma.

Roma ganhou a última batalha, que foi naval, e Cartago foi obrigada a aceitar as proposições de paz, sendo estas por demais pesadas, ou seja, Roma pediu a entrega imediata da Sardenha e da Córsega mantendo-as como províncias.

A *segunda guerra púnica* teve como figura predominante Aníbal, filho de Amílcar, general das tropas cartaginesas na primeira guerra. Cartago, tendo de deixar a Sicília, iniciou a sua penetração na península ibérica, rica na época devido as suas minas de mercúrio e ouro, resultando em consequência, a segunda guerra.

Aníbal, ou Han-Baal, era da família dos Barcas. Recebera uma educação tôda especial para a guerra. A guer-



ANIBAL

ra realizada contra Roma durou cerca de dezoito anos. Aníbal esperava encontrar auxílio por parte dos descontentes da península e saiu da Espanha com um exército pouco numeroso. A primeira travessia foi o Ródano, onde foi recebido por tropas de galos, vindas em seu auxílio. A travessia dos Alpes é uma das façanhas mais famosas de todas as épocas. No ano 218 a. C., Aníbal se encontrava no Piemonte com o seu exército reduzido à metade, devido as fadigas conseqüentes da longa viagem.

Os romanos tinham construído várias fortalezas, mas sofreram grandes derrotas. Aníbal, desprezando as rotas militares, atravessou os Apeninos mais pelo norte, e surpreendeu os romanos, e seguindo o caminho da Itália Central (região nesta época, pantanosa e de difícil travessia), chegou às portas de Roma. As legiões romanas atacavam, mas Aníbal as venceu. Chegando a poucos quilômetros de Roma, Aníbal resolveu cruzar outra vez os Apeninos e colocar-se em contacto com os samnitas e gregos, dos quais esperava auxílio. Os romanos se limitaram a persegui-lo apenas com guerrilhas.

Várias batalhas se sucederam, vencendo a todas Aníbal, porém o ataque preparado por Cipião, que devido as suas vitórias foi cognominado de O Africano, deu o golpe de morte em Aníbal. A última batalha foi realizada quando Cipião, desembarcando perto de Cartago, organizou o cerco da cidade. Aníbal voltou para sua cidade, tendo que concertar a paz com o jovem general romano. Em Zama, deu-se uma batalha que ficou famosa, tendo-a perdido Cartago foi obrigado a ceder a Espanha, destruindo a sua marinha e pagar dez mil talentos em 50 anos. Cinquenta anos mais tarde, o censor Catão, pretextando uma rebelião de bérberes, insuflou a guerra no Senado, com a frase *Delenda est Cartago* (Cartago deve ser destruída). A velha cidade africana foi arrasada por Cipião Emiliano. Hoje ali, se ergue a cidade de Túnis.





A REVOLUÇÃO ROMANA

O último século da República é um período de constantes revoluções. As vitórias obtidas nas longas campanhas sufocavam Roma. A situação poderia ser melhorada se fôsem declaradas caducas os arrendamentos de terras vigentes no período da República, que originavam as divergências e questões, subdividindo-as em pequenas parcelas, que seriam dadas aos agricultores do Lácio. Tal era a intenção de Tibério Graco, eleito tribuno da plebe no ano 134 a. C.

O projeto de Tibério encontrou fortes restrições por parte de alguns senadores e patrícios que, sendo possuidores de vastas extensões de terra, não queriam que estas fôsem divididas. A luta entre êle e os conservadores durou muito tempo, sendo o projeto sempre vetado. Um tribuno, colega de Tibério, Otávio, procurava por todos os meios não deixá-lo passar. Tibério conseguiu destituí-lo do cargo com o que conseguiu a aprovação. Os triúmviros, nomeados para executá-lo, foram o próprio Tibério e seu irmão Caio. Um ano mais tarde, Tibério era assassinado.

Caio Graco tentou realizar várias reformas mais drásticas que a imposta pelo irmão morto. O Senado aproveitou-se do descontentamento da plebe e instigou o assassinio de Caio.

Roma necessitava de uma nova distribuição de poderes. O Senado passara de Corpo Consultivo, o que fôra no início, a Conselho Soberano. Os cônsules tinham o mandato por somente um ano, e os tribunos podiam ser reduzidos à impotência pelo veto de um colega.

Por esta época, a situação além das fronteiras de Roma era bem difícil. Os territórios, que tinham sido anexados anteriormente, mantinham-nos em constante alerta. Um ho-

mem apareceu e sobrepujou os outros: Caio Mário, que chegou a ser eleito cônsul em cinco eleições sucessivas. Foi, além de tudo, um grande militar. Com êle lutou Sila, contra os sublevados. Sila, que conseguira a reputação de grande general, foi nomeado cônsul. Sufocou uma revolta de generais gregos contra Roma.

As revoltas, entretanto, continuavam, e o Senado tinha de enviar constantemente tropas para exterminá-las. Para a Ásia partia um nobre, Pompeu. No Senado duas figuras se projetavam em grande evidência: Catão e Cícero. Os democratas contavam com Crasso e Caio Júlio Cesar.

César acabou associando-se com Crasso e ambos dirigiram o partido democrático durante a ausência de Pompeu. Nesta época, deu-se a conspiração de Catilina. César uniu-se com Crasso e Pompeu e formou-se o 1.º triunvirato (60 a. C.). César ficou como governador da Gália com poderes ilimitados; Pompeu ficou em Roma, e Crasso recebeu o govêrno dos países para além do Eufrates.

César ficou com o govêrno da Gália romana, que compreendia a região do norte da Itália, a chamada Gália Cisalpina e a região mediterrânea da França atual.

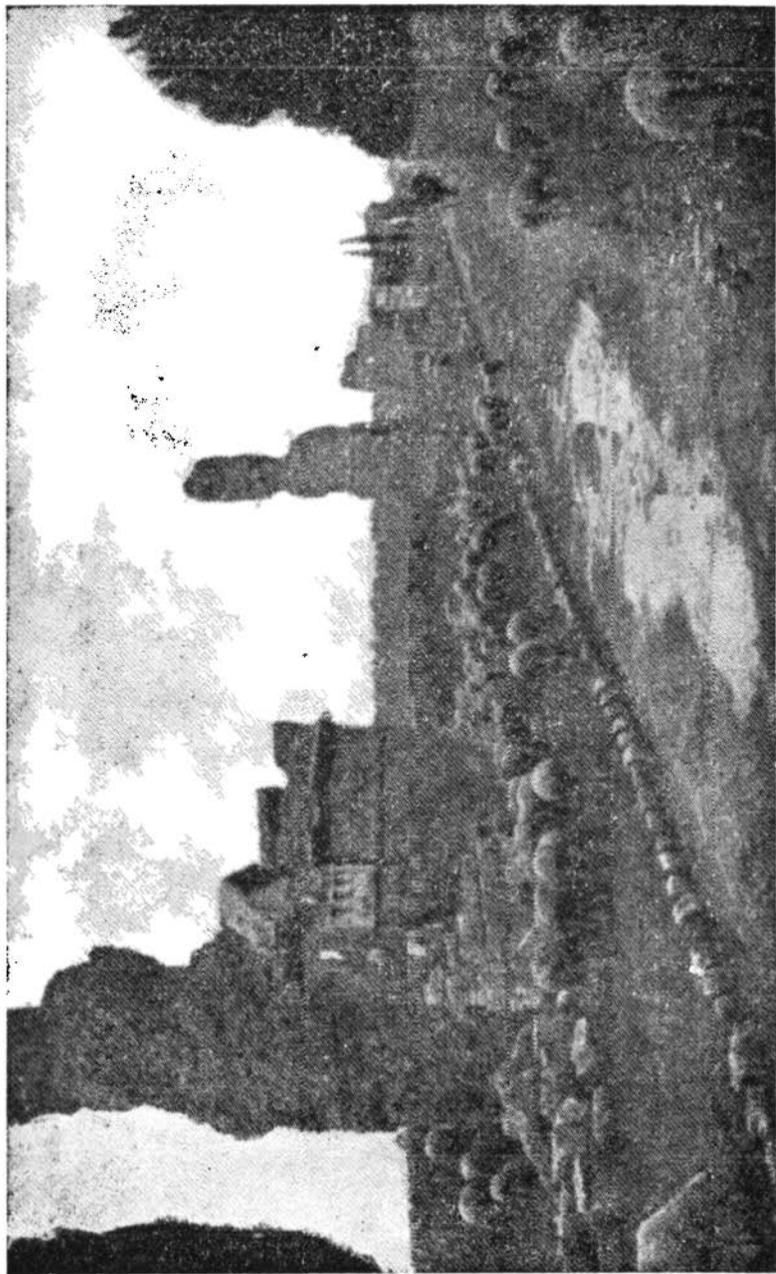
A primeira intervenção de César na Gália foi provocada pela invasão dos helvéticos, que vieram da Suíça, onde viviam, para as terras férteis do Loire. César venceu-os, e conseguiu que estas tribos, da Gália Central, se submetessem ao domínio de Roma.

Logo em seguida são as tribos galas dos "belgas" os que asseguraram a posse da Gália do norte.

Desta forma, ficava sob o domínio romano tôda a Gália, desde os Pirineus até o Reno, e desde os Alpes até o Atlântico.

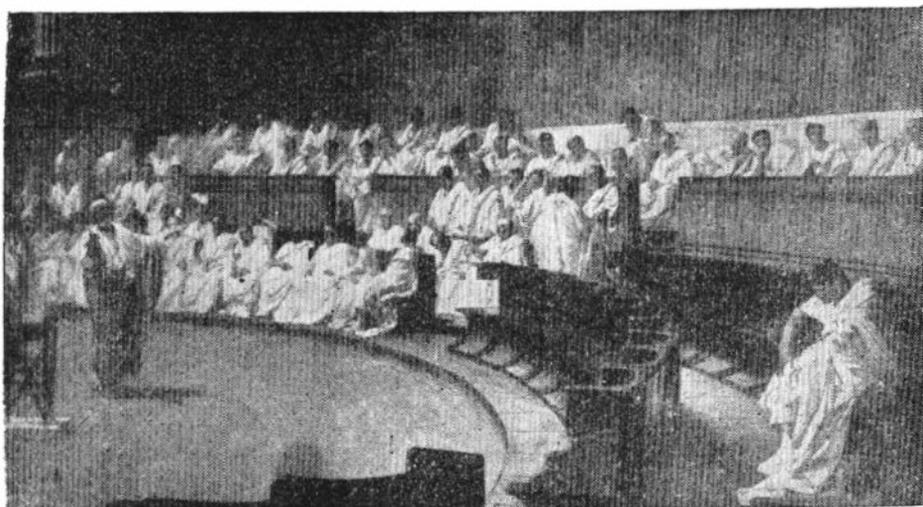
César não parou aí, e realizou expedições à Inglaterra e Germânia, impondo-lhes o domínio romano.

Contudo, na Gália, o povo não aceitou a derrota e os gérmens da rebelião iniciam-se tomando corpo sob o comando de Vercingetórix, que lutou denodadamente, obrigando César a realizar uma dura e difícil campanha. César venceu-o depois de uma penosa luta.



Restos da famosa VIA APPIA, construída pelos romanos

Neste tempo, Pompeu era o homem mais importante de Roma, pois Crasso morrera no Oriente. César não esmoreceu, e numa campanha fulminante tomou Roma, obrigando Pompeu a fugir e procurar asilo na Macedônia. O encontro entre as duas hostes redundou na vitória de César, e o assassinio de Pompeu no Egito. César chegou ao Egito, onde destronou Ptolomeu e colocou, no trono, sua irmã Cleópatra. Ali passou vários meses, dirigindo-se depois, à Ásia Menor, onde uma revolta se sublevava. Tão rápido foi o seu triunfo, que comunicou o resultado de sua campanha só com estas três palavras: "Veni, vidi, vici".



Cícero no Senado Romano acusando Catilina

Em 47, nomeia-se imperador com caráter vitalício, cognominado "Pai da Pátria." Reunia todos os poderes, e tinha a mesma força que um rei. No ano 45, foi assassinado junto à estátua de Pompeu, numa célebre conjuração, na qual tomaram parte Brutus e Cássio.

A U G U S T O

Após a morte de César, brutalmente assassinado, Marco Antônio procurou vingar a sua morte.

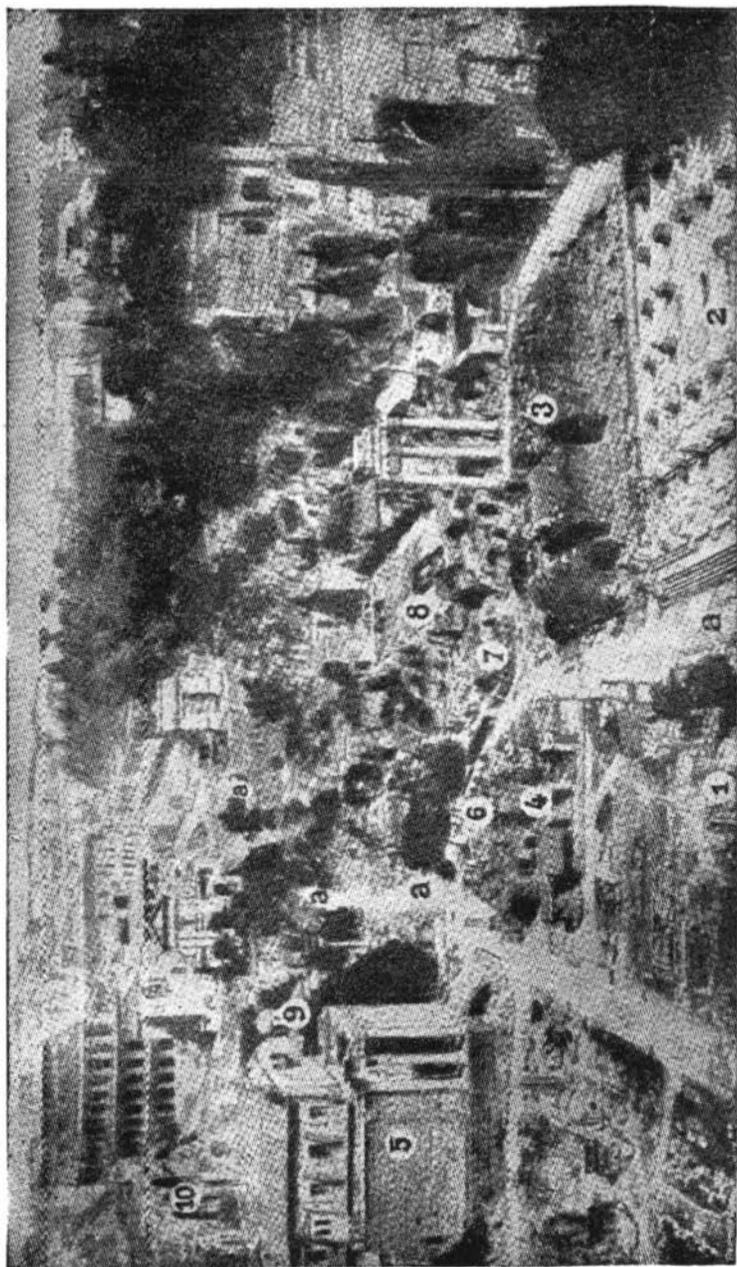
Otávio, jovem de dezenove anos, e sobrinho de César, chegou a Roma e procurou reunir as tropas para organizar o império romano, que então passava por uma fase difícil. O reinado de Otávio, que passou para a História com o nome de Augusto, foi profícuo. Reedificou o templo de Júpiter, no Capitólio, construiu o Campo de Marte, o grande templo de Apolo e várias bibliotecas no Palatino. O povo de Roma constantemente assistia a festas, jogos e cerimônias religiosas. Recusou o título de ditador, e não aceitou a coroa. Mas o povo lhe deu o título de Augusto, ou sagrado, e de Príncipe, que somente quer dizer o *primeiro*.

O Império Romano fixou as fronteiras provinciais, que ficaram definitivas para a Europa e Ásia. Estas divisões e subdivisões administrativas se adaptavam às variedades nacionais. Mas, o que mais contribuiu a unificar o império, foi o culto comum do imperador divinizado.

Outra iniciativa de Augusto, que contribuiu muito para a unificação do Império, foram os chamados *censos*.

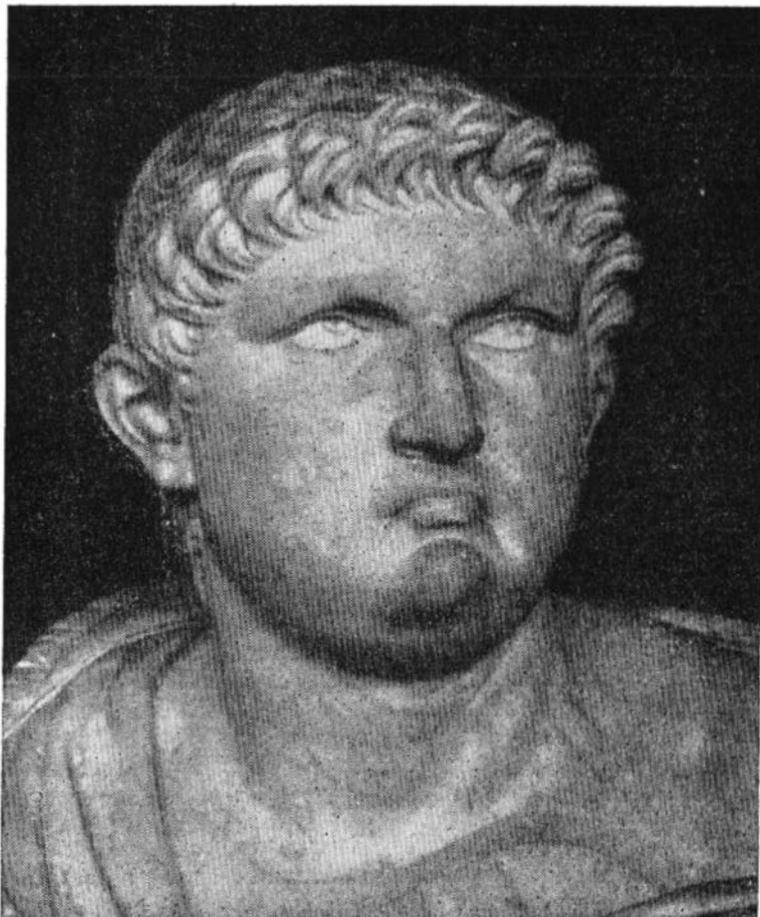
Durante todo este período, grandes vultos apareceram, tanto na história como no teatro, nas artes em geral e na política. No teatro: Terência; na história, César, Salústio e Tito Lívio, Tácito, Suetônio, Plutarco; na poesia épica, Lucrécio, Virgílio e muitos outros; na poesia lírica, Horácio; na elegia, Ovídio; na sátira, Juvenal; na filosofia, foi o período dos estóicos e epicureus, onde apareceram Sêneca, Epítecto e Marco Aurélio, posteriormente.

Augusto faleceu com 76 anos de idade, no ano 14 a. C., e o principal problema criado pela sua morte foi quem seria



O Fóro romano

o seu sucessor. O personagem mais importante era Tibério, filho adotivo de Otávio, aclamado Príncipe, não por seus méritos e sim por ser o parente mais próximo de Augusto.



NERO

Augusto criara uma guarda imperial, que formava um corpo do exército, sempre aquartelado em Roma, constituído de dez a quinze mil veteranos, fiéis ao imperador devido às liberalidades que constantemente dêle recebiam. Eram os temidos pretorianos, recrutados para um período de dez

anos, e que se vestiam com grande luxo. Entre êles havia germanos, galos, eslavos, etc.

A série de imperadores, que se seguiu após a morte de Augusto, não foi nada brilhante. Após Tibério, subiu Calígula, Cláudio, e por fim, Nero, que formaram uma verdadeira dinastia, pois todos pertenciam à mesma família dos Cláudios.

Esta família dos Cláudios extinguiu-se após a morte de Nero, que ficou célebre na história romana como um período de loucuras, infâmias e crueldade.

O Senado podia eleger livremente como imperador qualquer cidadão. Os generais, comandantes das legiões, aproveitaram-se para conquistar o poder imperial, desencadeando-se nova guerra civil.

Galba, comandante das legiões aquarteladas na Espanha, fêz-se reconhecer imperador, porém, devido a uma série de desordens e lutas constantes, foi eleito imperador e reconhecido pelo Senado, Vespasiano, que foi um hábil governante. Adotou o nome de César, que foi desde aí usado como um título por todos os imperadores que o sucederam.

No século II, o império já alcançara um grande progresso e com a dinastia dos Antoninos, constituída por Nerva, Trajano, Adriano, Antonino Pio, Marco Aurélio e Cômodo, acentuou-se mais ainda, pois quase todos, com poucas exceções, foram ótimos governantes. O império romano, viveu, então, um período de paz e prosperidade como nunca o tivera.

No III d. C., o Império romano parecia destinado a formar uma grande nação mediterrânea. Desde o Eufrates ao Atlântico e do Saara ao Reno e Danúbio, o poder de Roma era reconhecido. Caracalla, no ano 211 d. C., promulgou o seu édito que concedia a cidadania romana a todos os homens livres do Império. Esta uniformidade de direitos políticos resultou em uma semelhança de gostos e costumes.

O JUDAÍSMO

Após as invasões assírias, a maioria do povo hebreu foi levada para remotos países do Oriente. As dez tribos do norte, que formavam o reino de Israel, cuja capital estava em Samaria, foram levados para os confins da Armênia, onde se misturaram com os habitantes dêste país. As tribos do sul, que formavam o reino de Judá, foram levadas à Babilônia, e ali viveram separadas.

Quando Ciro, rei dos persas, atacou violentamente Babilônia, os judeus viram acabar-se o cativo tão dolorosamente até então vivido. Ciro consentiu que os judeus regressassem a Palestina, e lhes dava autorização para reorganizar o Templo.

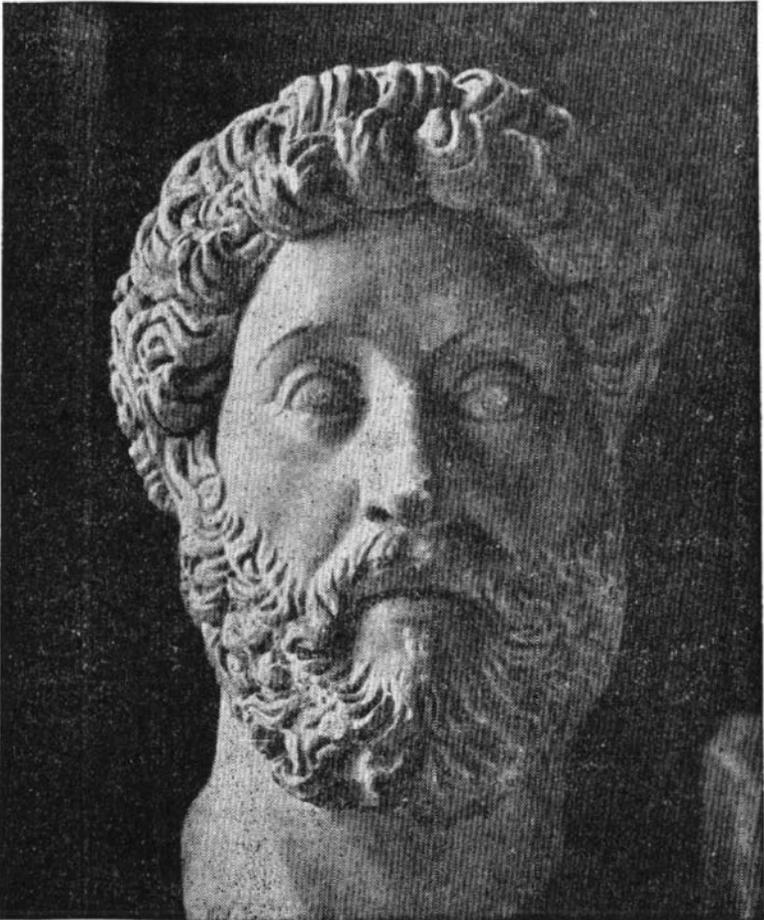
As primeiras levas partiram, porém um sério problema se criara: durante a ausência dos judeus, outros povos tinham se estabelecido na Palestina.

Foi um trabalho insano reconstruir a cidade santa e viver em paz com êstes povos. Era proibido, segundo a Lei mosaica, misturar-se com povos de outras raças.

No ano 204 a. C., a Palestina foi conquistada pelo rei da Síria, Antíoco III. Iniciou-se um movimento revolucionário, que ficou conhecido como a "revolta dos Macabeus", grupo localizado no pequeno povoado de Modin, ao nordeste de Jerusalém. As lutas intestinas iniciam-se na Palestina; havia o partido dos fariseus e dos saduceus. Um grupo de ascetas vivia separado na solidão, eram os *essênios*. Os essênios acreditavam na imortalidade da alma e na existência de um paraíso, que estaria além do Oceano.

Com a destruição do Templo, e infandas perseguições, os judeus foram dispersados para outras regiões. Chegando assim às terras próximas ao Mediterrâneo, onde alguns foram se instalar ao norte da África e na Espanha. Durante a Idade Média, muitos dêles retiraram-se de vários países da Europa ocidental para formar aglomerações no centro e norte da Europa. Ainda, atualmente, em algumas

regiões da Europa Central, os judeus constituem a maioria, mas se mantêm separados das populações locais. A sociedade judaica forma um grupo à parte, aceitando como sua capital, Jerusalém. Em princípios do século XV, os judeus



Marco Aurélio

foram encurralados em bairros, com muralhas, para serem protegidos contra ataques, e daí o início da formação dos *ghetos* em tôda a Europa. Nesses *ghetos* tinham liberdade de praticar os seus ritos e cerimônias.

JESUS DE NAZARÉ

Jesus viveu grande parte de sua vida em Nazaré da Galiléia, localidade um pouco distante de Jerusalém. Passou a juventude como um humilde carpinteiro, e quando tinha trinta anos visitou João, que pregava no vale do Jordão.

A vida de Jesus é tão repleta e maravilhosa que não nos é possível aqui transcrevê-la, mesmo em suas linhas gerais. Faremos menção da pregação do cristianismo e seus principais elementos, somente, pois encontramos sua vida descrita em "Antologia de Vidas Célebres".

Fato interessante de salientar-se é que os ensinamentos vindos de Jesus eram muito vagos, mas apesar disto, as igrejas e assembléias, que se organizaram, apresentavam uma surpreendente uniformidade. Sem receber ordens de um centro, e sendo praticada em locais dos mais longínquos, o culto se manifestava uniforme e seguindo as mesmas normas.

Após a morte de Jesus, seus discípulos nada mais eram que um grupo de judeus piedosos, cuja importância política era nula.

Mas o povo judeu era castigado duramente, não tanto pela opressão romana, mas também por pestes e fome, mais parecendo um castigo do céu. Jerusalém foi sitiada e destruída duas vezes pelas legiões de Tito e Adriano; êste último chegou a mandar elevar sôbre as ruínas do templo de Jeová, um novo templo dedicado a Júpiter Capitolino. Foi aí que se deu a dispersão do povo judeu, abandonando a Palestina e se espalhando sôbre a face da Terra, fato histórico que ficou conhecido com o nome de *Diáspora* ou dispersão.

Esta dispersão foi o fator mais importante para a pregação do cristianismo. Estendeu-se às províncias ocidentais do Império, chegando a tal ponto que Nero os acusou de terem incendiado parte da cidade de Roma. Isto deu-se no ano 64, trinta anos após a morte de Jesus.

As perseguições aos judeus começaram, então, a se processar. Os motivos apresentados variavam: Nero, por exemplo, os inculpou de um crime que nada tinha de ver com a religião por eles professada. Para outros, os cristãos eram acusados de traição, incesto e canibalismo. Dos grandes caluniadores dos cristãos muitos eram judeus.

Nas últimas perseguições realizadas, os cristãos foram seriamente castigados. Em grande parte deve-se ao fato de em meados do século III d. C. o Império Romano ameaçado de dismantelar-se todo, sendo necessário uma férrea disciplina interna para manter êste perigo afastado.

A Igreja, em face desta desordem, teve que organizar-se, e a autoridade dos bispos fortaleceu-se com as perseguições. Assim sendo, em fins do século III, as igrejas da Antioquia, Roma, Alexandria e Cartago, tinham sido regidas por um grande número de santos e varões ilustres, que lhes dava força a pretender reinar sobre toda uma região, o que levou a concentração de toda a autoridade espiritual no Pontificado.

O TRIUNFO DO CRISTIANISMO

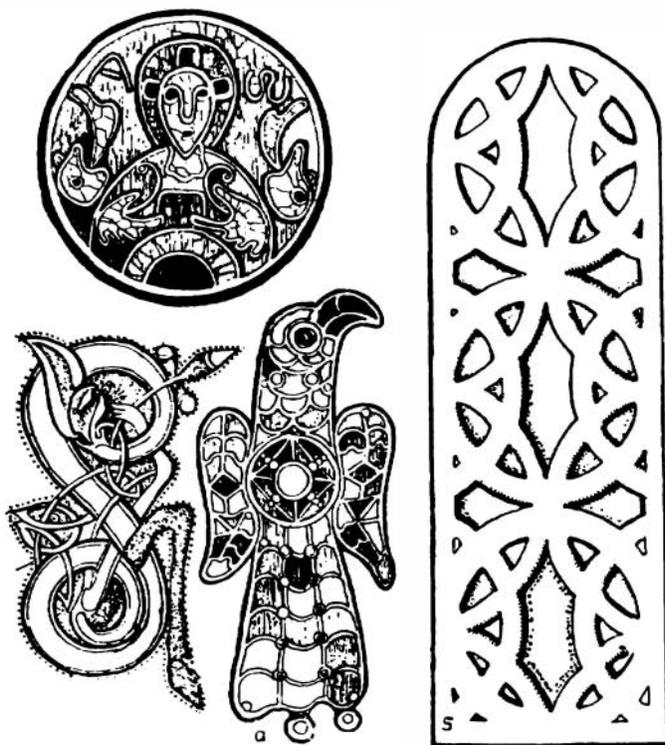
A Gália e a Espanha, por volta do século III, tinham sido invadidas por tribos francas. Outras tribos de godos e celtas ocupavam regiões que até então tinham-se mantido livres.

Cláudio e Aureliano, dois imperadores romanos, conseguiram afastar os bárbaros e restabelecer a fronteira do Oriente. Nesta época, Diocleciano foi proclamado imperador e associou-se com um colega, com o qual dividiu o império: um se encarregou do Oriente, e outro do Ocidente. Tomaram o nome de *Augustos*. Diocleciano estabeleceu a sua côrte em Nicomédia, na Ásia, defronte da antiga Bizâncio. Com a renúncia de Diocleciano, a sucessão ficava para os outros dois, que tinham ascendido ao poder e recebido o título de César, nomeados, um por Diocleciano, e outro por Maximiano. Estes, por sua vez, ascendiam ao título de *Augustos*, e nomeavam os Césares. Os filhos de Constâncio e Maximiano, inteligentes e ambiciosos, levantaram-se no Ocidente, enquanto Galério, que ascendera ao título de Augusto, conservava as províncias orientais como outro César.

Constantino atacou Maxêncio e o venceu numa batalha realizada às portas de Roma. Foi no dia 25 de outubro de 312, e êle atribuiu sua vitória ao rei dos cristãos. Conta-se ter visto no céu, sôbre o Sol, uma cruz resplandecente onde se lia a seguinte inscrição: "Com êste signo vencerás" (*in hoc signo vinces*).

Após esta batalha, entrou em Roma, e ali fêz levantar um arco triunfal, no qual o Senado fêz gravar esta inscrição, que ainda lá se encontra: "Constantino, por inspiração da divindade e grandeza de seu gênio, vingou a comunidade numa guerra justa contra o usurpador e tôda sua gente."

Enquanto Constantino derrubava Maxêncio, no Oriente distinguia-se um homem que tomaria também parte no poder, era êle Lecínio. Em Milão, ambos proclamaram, no ano 313, o famoso édito: "Édito de Milão". Do texto dêle desprende-se que Constantino e Licínio concederam a liberdade religiosa íntegra, completa e absoluta, o que se chamaria "liberdade de cultos". Foi editada para proteger os cristãos.



Desenhos bizantinos

Apesar de Constantino e seus sucessores terem feito pública profissão da fé cristã, não se destruiu com isto o carácter oficial da antiga religião romana. Em nenhum dos seus éditos, Constantino proibiu as práticas religiosas dos pagãos.

Morrendo Constantino, seu primo e sucessor Juliano, intentou levar a cabo a famosa restauração do paganismo, donde recebeu o título de Apóstata.

A decadência, entretanto, processava-se a passos largos, o que era notado em vários aspectos, entre êles, a maneira irregular de administrar a justiça.



10.

Desenhos bizantinos

O conflito entre a cultura pagã e a nova civilização cristã, culminou com a controvérsia acêrca da estátua da Vitória, na Cúria do Senado, em Roma.

Após Constantino, seus sucessores foram cristãos sinceros, porém foi Teodósio quem declarou com firmeza que "é desejo e vontade que nenhum dos súditos se atreva, em

nenhuma cidade ou localidade, a adorar os ídolos". Teodósio reconheceu à Igreja o direito de decidir em matéria de religião e de moral; êle próprio se submeteu à penitência que lhe impôs o bispo de Milão, Santo Ambrósio. Este episódio mostra o princípio de dependência em que se encontra a autoridade civil com respeito à eclesiástica em matéria de consciência.

Foi no império de Teodósio que se deu o primeiro processo e execução dos herejes.

O CATOLICISMO

A sistematização dos ritos na religião cristã processava-se através de grandes controvérsias.

Realizou-se a lista dos textos sagrados judaicos que foram aceitos como canônicos. Uma vez fixado o cânone, ou índice dos livros da Bíblia, não foi considerado o livro santo como a única fonte de revelação.

Formam-se então as ordens monásticas, a liturgia se concretiza, e a Igreja ganha mais fôrça.

AS INVASÕES GERMÂNICAS

Fala-se de invasões bárbaras, como se fôsem sòmente os povos teutônicos que tivessem vindo em grandes hordas conquistar o Império. Mas, uma das grandes invasões e de grande acontecimento histórico, foi a dos hunos.

Os hunos eram da mesma raça que os tártaros e mongóis.

A história dos hunos, anterior à sua chegada na Europa, é pouco conhecida por nós, ocidentais. Eles vinham em hordas, com mulheres, crianças, rebanhos e sob as ordens de um chefe ou monarca. Avançaram sôbre o Báltico e sua pressão cada dia se fazia mais intolerável por tôda a Europa. No ano 406, grandes multidões, vendo a impossibilidade de lutar contra tais invasores, atravessaram o rio que fôra até então a fronteira da Germânia.



Guerreiro huno

Alguns deles, os francos, chegaram às regiões ocupadas atualmente pela França e Bélgica, onde mercadores romanos costumavam ir. Outros, os borgonheses, localizaram-se entre a França e a Helvécia, e ali construíram o famoso reino de Borgonha. Alguns mais fortes cruzaram os Pireneus e se instalaram na Espanha.

Os visigodos, por sua vez, se atiraram contra a Itália, Alarico saqueou Aquiléia e Cremona, passou por Ravena e cruzou os Apeninos, e no ano 410 entrou em Roma. Desceu até o sul da península, onde veio a falecer inesperadamente. Comandou-os Ataúlfo e foram se instalar na *Provença*.

Nesta época, grandes parcelas do Império eram governadas por chefes bárbaros, os quais, para administrar a justiça entre os romanos estabelecidos nos seus territórios, usavam os antigos funcionários da administração imperial e só tinham interesse em que o serviço militar seguisse confiado aos teutões.

Em meados do século V, os hunos aparecem dirigidos por Átila. Na primavera do ano 451, Átila atravessou com suas hordas o Reno em Koblenz e Basiléia. O objetivo era chegar até Orleans.

Um general Aécio, com tropas espanholas, derrotou o invasor huno, em 451, nos campos da Catalunha. De um lado os hunos contavam com os seus aliados, e do outro os romanos contavam com visigodos, godos e borgonheses.

Átila retirou-se para os campos do Danúbio, e no ano 452 invadiu a Itália. Aí se deu o célebre episódio, no qual o papa Leão, o Grande, conseguiu convencer o chefe huno a voitar para as suas terras.

Átila morreu no ano seguinte. Muitos dos bárbaros receberam a fé cristã. As campanhas de Átila tinham empurrado os francos para o Oeste, onde entraram em contacto com os celtas cristãos.

OS GERMÂNICOS

Os povos germânicos mantinham seus costumes seculares, porém êstes costumes, apesar de terem algo em comum, se diferenciavam em certos aspectos. Assim, cada tribo tinha seus costumes os quais eram religiosamente conservados e mantidos. Enquanto na Europa os bárbaros se estruturavam e formavam centros populares, no Oriente mantinha-se o império romano.

No Ocidente, Valentiniano III, morria assassinado em 455. No govêrno sucederam-se vários chefes, quando chegou a vez de Teodorico, que reinou durante trinta e dois anos.

No oriente, Justiniano fêz um bom govêrno. Reconstituiu os edificios, fêz as suntuosas igrejas de Santa Sofia e Santa Irene, em Constantinopla, e manteve boas relações com os persas, localizados do outro lado do Eufrates.

No norte da África, continuava tudo como nos tempos dos cartagineses.

Na fronteira oriental do Império romano, estavam os partos, que tinham substituído os persas na política da Ásia, porém eram mais primitivos que aquêles. Foram avançando até chegar ao Eufrates, impondo sua supremacia às antigas satrápias.

A AMÉRICA CENTRAL, A DO SUL E A DO NORTE

A teoria predominante sôbre a procedência dos indígenas americanos, é a que afirma que seus antecessores teriam atravessado o canal de Bering, passando da Sibéria para o Alasca, isto na mais remota antiguidade.

Quando os espanhóis chegaram na América, encontraram povos que ainda mantinham uma alta civilização, enquanto outros se encontravam no mais puro estado primitivo.

OS MAIAS, ASTECAS E INCAS

A área dos monumentos maias compreende tôda a península do *Yucatan*, a Guatemala, metade de Honduras e os estados mexicanos de Chiapas e Tabasco.

O *Yucatan* forma uma península, que se estende até o norte, e na parte setentrional é onde se encontra o maior número de cidades maias. O primeiro monumento conhecido procede do ano 325 a. C. e encontra-se em Uaxactún, no norte da Guatemala. Sucessivamente foram encontrados monumentos em Tikal, Copan, etc.

Pouco se sabe da história maia, pois os hieróglifos maias ainda não foram decifrados. Após o ano 890 a. C., o que ocorreu por três séculos é muito pouco conhecido. As lendas maias lembram um período emigratório, cheio de dificuldades, em que, partindo das suas cidades, iam em procura (talvez) de terras melhores. Aonde chegaram, fundaram novas cidades e aí se desenvolveu um *novo Império*.

Após o alto período maia, quando já imperava um estado de decadência, o vale do México ficou abandonado por

alguns decênios. Foi repovoado por povos vindos do Norte, entre eles os astecas. Estes, ao encontrarem as terras férteis já ocupadas, localizaram-se em terrenos arenosos, onde, numa ilha pantanosa no grande lago que ocupava o centro do vale, construíram uma cidade. É o mesmo lugar onde hoje se ergue a formosa cidade do México. Após o seu estabelecimento, vários outros povos vieram também ali se localizar.

Independentemente destas duas culturas, a dos maias e a dos mexicanos (formada por toltecas, chichimecas e astecas), nas regiões andinas do Pacífico, outro grupo de índios americanos, através do século XIV, conseguiu estabelecer um tipo de civilização superior. Possuíam uma agricultura bem desenvolvida, onde imperava um coletivis-



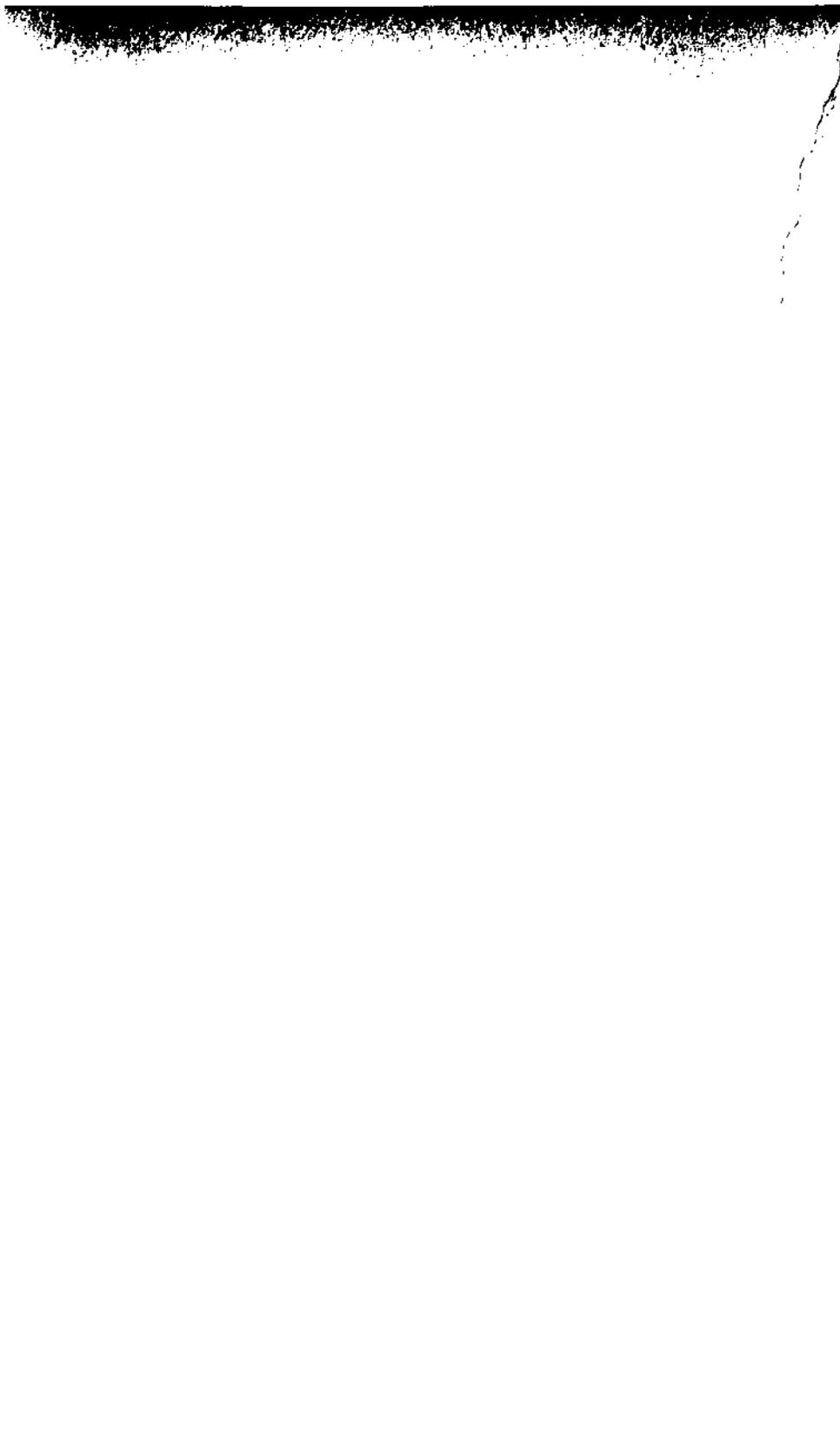
Guerreiros incas

mo agrário, construíram um sistema de irrigação perfeito, assim como possuíam um meio de comunicação que foram as famosas e eficientes estradas incas, que percorriam todo o império, de ponta à ponta.

O govêrno se concentrava nas mãos da família do Grande Inca, sendo o imperador que mantinha o poder nas mãos.

Com a vinda dos espanhóis, chegaram também os últimos dias para o império inca. O indígena americano, que restou, vive hoje em estado de decadência, sem apresentar nenhum desenvolvimento cultural, apesar de ser susceptível de absorver o progresso, assim como apresenta uma manifesta capacidade de adaptação.

Em alguns países da América do Sul e Central, a influência indígena na população é muito grande, enquanto em outros, como no Brasil e na Argentina, ela é bem menor.



O MUNDO ARABE

No ano 570 d. C., nasceu na cidade de Meca, Maomé. Sua mãe, não querendo criá-lo, deu-o à uma mulher beduína da tribo dos Beni-Asad, onde êle passou os primeiros anos de sua vida. Aí aprendeu a língua arcáica dos primitivos árabes.

Anos depois, voltando para Meca, foi adotado por seu tio Abu-Talib, para o qual veio a trabalhar como pastor mais tarde.

Aos doze anos, começou a viajar em caravanas. Fêz parte do grupo que trabalhava para uma mulher, chamada Kadiga, com a qual veio a casar-se anos mais tarde, tendo então, sòmente 25 anos e ela 40.

Consta que Maomé até os quarenta anos não teve nenhuma *revelação*, e só depois desta idade começara a sua vida pròpriamente religiosa.

Em Meca, desde tempos imemoriais, existia uma singela construção chamada Kaaba, à volta da qual colocavam-se os ídolos pertencentes às diversas tribos. Ali se congregavam os peregrinos destas tribos, realizando sacrificios a Alá e conjuntamente aos deuses menores. Era costume localizarem-se grandes feiras à volta, onde um comércio muito intenso se realizava.

O Alcorão (cuja palavra em árabe é *Kor'an* ou *Qur'an* e quer dizer *recitação*) é um livro que não se lê nem se canta e sim se recita. Seu estilo apresenta uma grande incoerência e esta é a razão de ser quase ininteligível para nós, ocidentais. Segundo êle, Deus é único, compassivo e bondoso. Encontra-se rodeado de anjos, os quais falam e raciocinam. Também cada pessoa possui dois anjos da guarda: um aponta as boas ações, e o outro as más. Este últi-

mo se encontra do lado esquerdo, enquanto o bom do direito. Estas idéias, expostas por Maomé, não encontraram repercussão durante os primeiros anos, mas logo teve seguidores, começando por sua mulher, depois um fiel escravo, e seguindo-se vários outros. Passados alguns anos, as perseguições tiveram início. Maomé, junto com os seus mais íntimos, retirou-se para a vivenda do seu tio Abu-Talib, localizada nos arredores de Meca. Depois, emigrou para Medina, onde tinha parentes. Este acontecimento ficou na história muçulmana, com o nome de *hégira*, ou fuga de Meca, no ano 622 d. C., e considerado o primeiro ano do calendário muçulmano. Medina era uma cidade onde havia uma mescla de várias tribos, entre elas em maior porcentagem, árabes e judeus. Maomé foi muito bem recebido pela população local e ali iniciou o período de dez anos, no qual tornou-se homem político, organizador religioso e guerreiro. Nesta época, consolidou o Islão como um governo teocrático e realizou várias incursões guerreiras às tribos que não aceitavam suas idéias religiosas. Atacou impiedosamente os antigos inimigos de Meca, demonstrando uma grande crueldade por deixar realizar verdadeiros morticínios. A maior das suas vitórias, foi a conquista de Meca, realizada no ano 630 de nossa era, quando destruiu com a espada todos os ídolos que estavam reunidos dentro da Kaaba.

Depois disto, Maomé efetuou a peregrinação ou "visita aos lugares santos", que se localizavam nos arredores de Meca, visita esta que deve ser realizada pelo menos uma vez durante a vida de cada crente.

Maomé não ficou em Meca e voltou outra vez para Medina. Ainda no fim de sua vida, realizou uma peregrinação à Kaaba e aos lugares santos, peregrinação esta que se chamou "peregrinação de despedida". Morreu em Medina numa mísera choupana, na maior pobreza, como sempre vivera.

Nos últimos anos de vida, tôda a Arábia seguia suas idéias e já se iniciava a conquista dos territórios limítrofes.

Maomé não deixou sucessores masculinos. Após sua morte subiu ao poder Abu-Beker, que tinha sido um dos

seus primeiros seguidores. Foi eleito chefe dos crentes, com o nome de *califa*, que quer dizer *sucessor*. A palavra Islão quer dizer fé, mas diz-se que deriva de *salam*, que significa paz e contentamento interior.

Depois dêste primeiro califa, sucederam-se vários outros, que realizaram guerras de conquista, expandindo o mundo islâmico por outros países. Os povos conquistados deviam pagar dois tipos de tributos: um sôbre a terra de cultivo, e outro, por pessoa, excluindo-se dêle sômente as mulheres, os velhos e as crianças. Os muçulmanos não pagavam tributos, dando só um dízimo, que era endereçado às obras de caridade, as quais eram providenciadas pelo Estado.

Deve-se ao califa Omar a compilação do Alcorão, que até então tinha sido recitado só de memória.

Assim é que, quando a Europa se encontrava em desordens, no período compreendido pela alta Idade Média, o Oriente islâmico, cujo califa residia em Damasco, e cujo território estendia-se desde os Pirineus até o Himalaia, apresentava uma cultura em evolução. Os séculos IX e X foram os séculos magnos do desenvolvimento cultural islâmico. Tanto os problemas teológicos, como filosóficos foram ampla e profundamente analisados. Grandes nomes apareceram, como Avicena, que tratou dos mais variados assuntos, sendo o seu livro mais popular do Ocidente o *Cânone*, ou tratado de medicina, editado 8 vêzes nas cidades de Veneza, Pádua, Roma, etc.

Outro nome famoso foi Ibn Rushd, mais conhecido pelo nome de Averrois. Viveu tôda sua vida na Espanha e Marrocos, não tendo ido ao oriente nem para efetuar a peregrinação aos lugares santos.

Varios nomes apareceram na geografia. Devido a política exercida pelo Islão, o conhecimento geográfico era de grande utilidade, e daí ser considerado como de utilidade religiosa. Um dêles, Ibn Batuta, o Marco Polo dos muçulmanos, estêve no Egito, Tartária, Índia e China. Quando regressou a Tanger, sua cidade natal, dirigiu-se para Tom-

bactu, chegando a alcançar a Nigéria. Outro, Al-Biruni, residiu por mais quarenta anos na Índia. Ele atribuiu o uso dos números e a sua invenção aos hindus.

Os árabes dedicaram muitos estudos à Matemática, à Agricultura, à História Natural, à Medicina, à Filosofia, nada realizando porém nas ciências políticas e morais.

A IDADE MÉDIA



CARLOS MAGNO

As tropas muçulmanas alcançaram terras européias e uma das suas grandes façanhas foi a conquista da Espanha.

Uma vez estabelecidas na península ibérica, pretendiram ir adiante, atravessando os Pirineus. Já tinham penetrado em território francês (pois o domínio dos visigodos, moradores da península, naqueles tempos chegava até a cidade de Arles), e chegaram até Poitiers, às margens do rio Loire, onde foram detidos no ano 732. d. C. A grande figura foi Carlos Martel, que ocupava o cargo de mordomo do palácio, cargo êste hereditário, enquanto o rei tinha somente um papel decorativo. Carlos Martel poderia ter-se assenhoreado do poder, devido ao grande prestígio e das forças que dispunha, mas se contentou em deixar o lugar aos seus filhos, e um dêles Pepino, tomou conta do poder.

Êste, antes de morrer, dividiu suas possessões entre o seu filho, primogênito Carlos, mais conhecido na História com o nome de Carlos Magno, e Carlomano. Carlos Magno, encontrou-se poucos anos depois, só, tendo morrido o seu irmão, e, então, adotando a política de unificar os estados dos francos e combater os longobados, que lutavam contra o Papa na Itália.

Carlos Magno chegou até Roma, onde foi recebido afetuosamente pelo Papa, e no ano 800 foi aclamado imperador dos romanos. Durante o último quarto do século VIII, converteu-se na figura central de tôda a cristandade, não tanto pelos esforços realizados em manter os longobardos dentro dos seus territórios, mas por ter guerreado os povos pagãos: saxões, ávaros e sarracenos. Os saxões, dispostos em tribos, habitavam os territórios localizados entre o rio Elba e o Reno. Os ávaros, localizados nas regiões que hoje são a Hungria e a Boêmia, eram também antigos inimigos e mui-

to bem aparelhados para a guerra. Porém suas façanhas mais conhecidas são contra os sarracenos, localizados no sul, ocupando a península ibérica. Um grupo franco tomou Pamplona, enquanto outro ocupava Gerona. Carlos Magno pretendia atacar Córdoba, mas não conseguiu, porque Barrayagoza resistiu aos assaltos e daí ter êle retrocedido.

Quando regressava, foi duramente atacado em Roncesvalles, cujos episódios foram contados no poema épico *Chanson de Roland*.

Carlos Magno renunciou chegar até o sul, e ficou no norte da Catalunha.

A história conta a amizade do imperador cristão com o califa de Bagdá, o então já famoso Harun-al-Raschid, que permitiu a visita de uma embaixada franca aos lugares santos, prometendo protegê-la. Enviou depois uma embaixada que chegou, no ano 801, em Aquisgran, trazendo entre outros presentes, ao imperador franco, um relógio de água, bálsamos diversos, macacos e um elefante, e sobretudo, pelo grande papel que exerceu na cultura européia, as obras de Aristóteles, traduzidas para o latim.

Carlos Magno gozava de grande fama, e era sem dúvida o monarca mais importante do Ocidente, considerado o chefe da cristandade. A consagração oficial, ou seja o título de imperador, foi-lhe imposto pelo papa Leão III, quase à força. Isto deu-se no natal do ano 800, quando o monarca franco foi rezar diante do sepulcro de São Pedro, em Roma, e aí o papa colocou-lhe uma coroa na cabeça, e o povo que já esperava, gritou: "A Carlos o Augusto, coroador por Deus, o grande e pacífico imperador dos romanos, vida e vitória!" O papa prostrou-se de joelhos ante o novo imperador, como era costume fazê-lo ante o imperador de Constantinopla.

Carlos Magno pensou em aliar-se com Bizâncio, e daí procurar casar-se com a imperatriz Irene, que morreu antes d'êle realizar seu plano. Escolheu uma princesa bizantina, e com ela teve filhos, que foram reconhecidos pela igreja.

Apesar de não ser instruído, interessou-se muito por todas as ciências e procurou difundi-las no seu reino. Tinha grande interesse pelas obras públicas e muitos planos, porém não conseguiu pô-los todos em execução.

Morreu, possivelmente no ano 814, de uma pulmonia, com setenta e dois anos, depois de ter reinado quarenta e sete.

A dinastia imperial, iniciada por Carlos Magno, durou quase dois séculos; é o período conhecido na história, como o reinado dos imperadores *carolíngios*. Todos êles demonstraram pouca capacidade em restabelecer o Império romano no Ocidente, como pretendia fazer o papa. As desordens eram muitas; as fronteiras estavam inseguras, pois povos limítrofes preparavam ataques, assim é que, no oeste, os eslavos, magiares e saxões constituíam uma constante ameaça; no sul, havia os sarracenos e, no norte, os vikings. Estes eram teutões. Ocupavam os territórios da atual Dinamarca e península escandinava, e, desde os primeiros séculos da era cristã, vinham exercitando-se em expedições marítimas com o intuito de, por meio delas, saquear regiões longínquas. Eram verdadeiros piratas, incursionando pelo mar Báltico e do Norte. Mais tarde chegaram a navegar por outros mares e nisto usavam embarcações de grande porte, cada uma, com a capacidade de levar uns cinqüenta guerreiros.

As terras da Grã-Bretanha sofreram terrivelmente os ataques dos vikings. Na Irlanda, fundaram uma fortaleza que veio a se chamar Dublin, capital de um pequeno reino escandinavo. Outro reino estabeleceu-se na Normandia. Daí, partiu, realizada pelos normandos desta região, a conquista da Grã-Bretanha. Os duques da Normandia eram simultaneamente reis da Inglaterra, falavam preferentemente o francês, e residiam a maior parte do tempo na Normandia.

Dá-se a separação em dois estados: o da Normandia com a Grã-Bretanha, que tinha pertencido anteriormente a Carlos Magno, e o domínio real dos Capetos, na região de Paris. Assim que, antes do ano mil, já o Império carolíngio se reduzia a muito menos do que fôra.

O Papado encontrava-se em crise. Em meados do século XI, a Igreja esforçava-se para acabar com dois abusos: a violação do celibato, realizada pelos eclesiásticos, e a venda dos bispados e abadias pelos senhores e nobres, consideradas como uma das mais proveitosas rendas dos Estados.

Uma reforma, que se fazia urgentemente necessária, só seria possível com o auxílio do Estado.

A disputa das investiduras, ou direito dos príncipes laicos a investir com bispados e abadias os seus protegidos, obrigou a Igreja a unificar-se, aumentar mais a diversidade provincial ou diocesana, mantida nos primeiros séculos. Isto originou uma longa luta entre príncipes, reis e papas.

AS CRUZADAS

Com a intenção de pacificar a cristandade, orientando uma ofensiva geral contra o Islão, Urbano II teve a inspiração de fazer ressuscitar o projeto de Hildebrando e pregar uma cruzada para ir em conquista da Terra Santa.

Em Clermont, o papa expôs suas idéias e dali partiram os iniciadores do grande movimento popular.

Assim, grupos formados às pressas se puseram em marcha, sendo que uns iam alentados pela tradição das antigas peregrinações à Jerusalém; outros pensando em sofrer como Cristo e desta forma ganhar o céu, e uma grande maioria com a intenção de dedicar-se ao saque e à pilhagem.

O primeiro grupo, que partiu com um intuito puro e religioso, formou-se à volta de Pedro, o Ermitão, reduzidos pela fome e pelos turcos, chegaram em pequeno número à cidade santa.

Formado o primeiro exército regular, este internou-se pela Ásia, atravessou a Ásia Menor, e chegou a cercar Antioquia. Chegando a Jerusalém em 1099, facilmente a conquistaram. Constituiu-se o estado franco de domínio da Síria e Palestina mas, vindo a cair em 1144, a ameaça muçulmana se aproximava. São Bernardo pregou numa outra cruzada, que teve como adepto Frederico Barbarroxa e o rei da França, mas, infelizmente, apesar de bem preparada, fracassou.

A reconquista de Jerusalém pelos sarracenos deu-se no ano 1187, e os ímpetos cristãos subiram à tona outra vez, desta feita com Ricardo, Coração de Leão, e o rei da França. Mas o emir turco Saladino, com grandes forças, conseguiu detê-los em São João do Acre. Conseguiram derrotar as



As Cruzadas — Desenho de Gustave Doré

tropas de Saladino, mas, esgotados, não conseguiram ir adiante.

A quarta cruzada não constou em nada mais que uma expedição de rapina, a qual saqueou a cidade de Constantinopla não chegando a atravessar o estreito de Bósforo.

Contudo, teve sentido de uma verdadeira cruzada a de São Luís, rei da França. Iniciou-a, mobilizando os melhores feudatários, construindo uma cidade no sul da França (*Aigues Mortes*), para dali alcançar o Egito. Não conseguiu porém, chegar ao Oriente próximo, pois teve de voltar à França para combater uma rebelião que se manifestara inesperadamente.

O rei São Luís, por sua vida exemplar, elevou a França a centro cultural da Europa. Daí o século XIII ter ficado na história como o "século do Rei São Luís". Fundou a Sorbonne, onde se reuniam grandes personalidades da época.

As cruzadas não chegaram ao objetivo proposto, mas serviram para muitas outras coisas.

Evitou-se, com as cruzadas, a ameaça de uma dominação islâmica na Europa, ao mesmo tempo que ela era conhecida. A cristandade unificou-se de uma forma estável. Novos reinos foram criados, entre eles o de Jerusalém e Chipre, Portugal, Espanha e Prússia, e principados como o de Trípoli, Antioquia, etc.

Deu-se a penetração no comércio de vários produtos até então desconhecidos. Desenvolveram-se muitas indústrias, como a de tecelagem, a do vidro, etc. Por outro lado, as cruzadas contribuíram para o enfraquecimento do regime feudal, que será o motivo central do próximo capítulo.

O FEUDALISMO EUROPEU

No século X, o Ocidente começa a organizar-se segundo o chamado regime feudal, porém é difícil dizer-se exatamente quando começou a vigorar.

O regime feudal não era somente uma organização política, e sim, além disto, um sistema econômico bem diferenciado. Teòricamente aceitava ser o imperador o proprietário único de tôdas as terras do mundo, e as distribuía em usufruto perpétuo e inalienável, entre os seus mais importantes e fortes vassallos, os duques e condes. Estes, por sua vez, repartiram o quinhão com outros, os barões, ou simplesmente nobres, reservando a si somente senhorios ou direitos feudais. Os nobres e barões, com o fim de cultivá-las, tinham-nas outorgado, em arrendamento perpétuo e inalienável aos seus vassallos, dos quais recebiam uma parte da colheita, além de algumas prestações ou serviços. O vassallo não pagava nunca em dinheiro, e sim se comprometia a trabalhar certo número de dias no ano para o senhor. Se por acaso não o fizesse, o senhor tinha o direito de privá-lo do trabalho de ditas terras pelo período de um ano e um dia. Entretanto o vassallo era bem protegido pelas leis, e não podia ser expulso no caso de não pagar ao senhor.

Outro fator que fazia os vassallos se sujeitarem ao poder de um senhor, prestando-lhe vassalagem, eram as guerras que se processavam em grande escala, durante esta época.

A cerimônia de vassalagem era a seguinte: o futuro vassallo se ajoelhava, sem armas e com a cabeça descoberta diante do senhor, e colocava as suas mãos nas dêle, que o levantava do chão e o beijava, jurando, ambos, cumprir cada um sua parte no pacto realizado: o vassallo, servir fielmente o senhor, e o senhor, defender êste de qualquer ata-

que. Assim, o vassalo estava, em geral, isento do serviço de armas, que era de incumbência exclusiva do senhor. Abaixo dos vassallos, encontravam-se os servos, sujeitos ao senhor e sem nenhum direito.

Nem os feudatários, nem os vassallos contribuíam aos gastos do Estado. O soberano tinha de atender tôdas as suas necessidades sòmente com o produto obtido do domínio real.

O feudalismo convertia a Europa num mosaico de senhorios. Por volta do século XI, o comércio floresceu de uma forma excepcional, decorrendo daí a maior circulação da moeda e segurança para os que iam assistir às feiras e aos mercados que se realizavam em várias cidades. Havia, portanto, uma troca entre o rei e os burgueses; aquêles recebiam os metais, os quais mandava cunhar, e estes tinham o direito de comerciar juntamente com o usufruto de seus privilégios. Desta união, nasceria a monarquia absoluta.

Na Inglaterra, os barões anteciparam-se ao rei e uniram-se com a burguesia. A Magna Carta era um intento de conservar o regime feudal; ela é apresentada como o documento inicial das liberdades inglêsas e também das que foram obtidas paulatinamente em tôda a Europa.

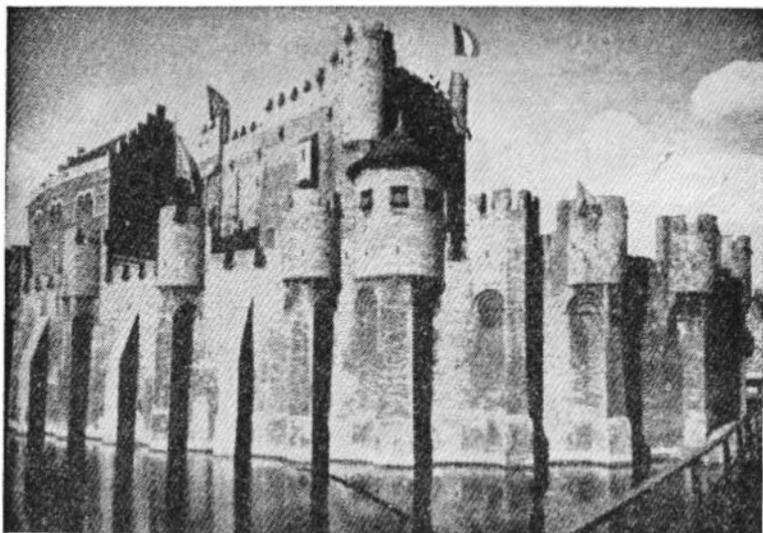
Assim a Inglaterra, através dos artigos da Magna Carta, solucionou o feudalismo, enquanto os outros países europeus caíram na monarquia absoluta, porque o rei abandonou a causa dos nobres, procurando aliados entre os pequenos senhores e cidades.

Quando no século XIII, os pensadores e legistas, perceberam as possibilidades do feudalismo, já as monarquias tinham captado o favor do povo e as pessoas viam na Coroa a personalidade do Estado. Além disto, havia a Igreja, que preferia ver a Europa dividida em monarquias independentes do que organizada feudalmente, com o imperador e seus pares manejando o poder temporal.

Neste mesmo século, Filipe Augusto, monarca francês, começou a reduzir os altos feudatários à uma posição de coligação dos senhores do norte e leste da Europa, com o dependência da Coroa. No ano 1214, viu-se ameaçado pelo imperador Oton. Na mesma época, o rei da Inglaterra, João sem Terra, que devido os seus senhorios na Norman-

dia e Anjou, era vassalo do rei francês, se unira com feudatários rebelados. Filipe Augusto surpreendeu e derrotou os ingleses, e na batalha de Bouvines derrotou os imperiais.

A Magna Carta e Bouvines são dois protótipos do que se passou aos outros países europeus. Por volta dos últimos anos do século XIII a Coroa governava a nação unificada, e seguia os conselhos do Parlamento. O Parlamento caracteriza-se por ser um sistema representativo, isto é, dele fazer parte alguns que não têm assento na Câmara por direito próprio, e sim por terem sido escolhidos para repre-



Castelo dos condes de Flanures da Bélgica

sentar as cidades, as universidades ou o clero. Assim o Parlamento não é uma *côrte* de pares, como as do regime feudal, mas integrada pelos diferentes estamentos do reino; tem, além disto, definidos os seus poderes, sobretudo no aprovar as contribuições ou levas. Reaparece aí o antigo direito do imperador romano, o de cobrar impostos por cabeça, para "o proveito comum do reino".

Apesar do Parlamento se reunir com certa regularidade, ou seja quatro vezes por ano na França, durante o rei-

nado do rei São Luís, houve necessidade de formar parlamentos locais ou provinciais para substituir as cúrias feudais, que até então se reuniam nos castelos. As cidades eram governadas por conselhos municipais, sofrendo a intervenção da Coroa. Existiam cidades que chegavam a ser verdadeiras repúblicas independentes, com a única exceção dos tributos votados para a Coroa no Parlamento, enquanto outras tinham intervenção do poder real.

Os bispados foram reduzidos a poderes meramente eclesiásticos, o que se tornou ser de grande benefício para a cultura. Assim os bispos começaram a trabalhar na construção de novas catedrais, palácios e escolas. Eis a mudança arquitetônica que aparece: o gótico. Os séculos XII e XIII são os séculos das catedrais; enormes construções com vitrais coloridos, que transformavam as salas sombrias das obras românticas em edifícios reluzentes de luz. O gótico foi um fiel representante do espírito europeu nascente.

AS PRIMEIRAS UNIVERSIDADES EUROPÉIAS

Em meados do século XII, teve início a fundação, ou melhor dizendo, a organização das primeiras universidades européias: Bolonha, Paris e Oxford. Antes deste período, os mestres ensinavam em escolas-catedrais, como em Nôtre Dame, ou em escolas monásticas, onde mestres, como São Tomás de Aquino e São Boaventura, realizaram ensinamentos.

Várias universidades que se seguiram foram fundadas por reis, como a de Nápoles, a de Palência, a de Lérica, Salamanca, etc.

A palavra *universitas* usava-se na Idade Média para significar grêmio ou confraria; daí serem as universidades associações de mestres ou estudantes, o que manifestava a já existência de escolas.

A GUERRA DOS CEM ANOS

Em 1328, quando Carlos IV morreu, a dinastia dos Capetos extinguiu-se, por falta de descendência em linha masculina.

Baseando-se na "lei sálica", que excluía da sucessão do trono os descendentes de linha feminina, os barões, reunidos em Paris, elegeram Filipe de Valois como rei da França. Entretanto, Eduardo III, da Inglaterra que prestara juramento de fidelidade, pois possuía vários territórios na França, não se conformou, porém, com a nova situação, pois era

neto de Filipe, o Belo, portanto, tio do novo soberano, eleito pelos franceses.

Várias regiões francesas, porém, preferiram Eduardo III, e esta, entre muitas outras, foi uma das razões do início da chamada guerra dos Cem Anos, que ensangüentou os dois países.

A guerra teve vários períodos, que poderiam ser assim esquematizados: no 1.º, vitória da Inglaterra. Os primeiros vinte anos de guerra foram bem desastrosos para a França. Viram êles sua esquadra destruída nas Eclusas e a penetração dos ingleses na Normandia. Mais tarde, em Crécy, foram os franceses derrotados, e seguiu-se a batalha de Poitiers, onde o próprio rei da França, João o Bom, caiu prisioneiro dos ingleses.

Ao mesmo tempo que as tropas francesas sofriam todos êstes reveses, em Paris a situação era crítica. O povo, chefiado por Estêvão Marcel revoltava-se, pleiteando reformas na administração; e no interior do país os camponeses, apelidados de *Jacques* (daí êste movimento ter ficado conhecido na história com o nome de "Jacquerie"), desesperados pelos sofrimentos ocasionados pela *peste negra* (importada do Oriente e que dizimou mais de um têrço da população européia), realizavam atos de vandalismo em várias regiões. Finaliza-se êste primeiro período com o assassinio de Marcel e o extermínio dos *Jacques*. Foi realizado um tratado de paz que obrigou a França ceder mais dum têrço de seu território ocidental aos ingleses.

No 2.º período, dá-se uma reação por parte dos franceses. É quando aparece a célebre figura de Du Guesclin, condestável de Carlos V. Manteve contra os ingleses uma guerra de emboscadas e guerrilhas, que surtiu grande efeito. Aos poucos, grande parte do território, que estava em mãos dos ingleses, foi recuperado, e Carlos V, que encontrara a França completamente desmembrada, recebia-a outra vez unida e mais forte. Em 1380 morreu Du Guesclin e logo em seguida Carlos V.

O novo rei, Carlos VI, enlouqueceu e a guerra civil entre Armagnacs e Borgonheses ensangüentou o país. Os

ingêses voltaram a investir, alcançando uma vitória em Azincourt, onde foi impôsto o tratado de paz no qual era reconhecido o rei da Inglaterra como herdeiro da coroa da França.



Francisco I, de França

Uma pequena parte da França resistiu ao domínio inglês e estabeleceu em *Bourges* sua capital, sendo eleito rei Carlos VII. Foi então que surgiu Joana d'Arc.

Nasceu ela na pequena aldeia de Donrémy, saindo com 16 anos de sua cidade natal para a côrte, onde pediu ao rei um exército para lutar contra os inglêses. Foi-lhe dado um pequeno exército, com o qual ela alcançou uma vitória.

Dai começou a estupenda carreira da jovem que despertou uma onda de profundo patriotismo entre as tropas francesas. Conseguiu ela várias vitórias contra os inglêses, sendo por fim prêsã pelos borgonheses, quando tentava libertar a cidade de Compiègne. Foi vendida aos inglêses e processada. Acabou sendo levada à fogueira, e canonizada, depois, pela Igreja.



Joana D'Arc

Após a sua morte, dá-se a unificação da França e as vitórias posteriores acabam por dar à França a posse dos territórios que ainda estavam ocupados pelas tropas inglêsas.

AS INVASÕES TARTÁRICAS E MONGÓLICAS

No século XIII, *Gengis-Khan* era o chefe de uma confederação de tribos do deserto, que deviam orçar por umas trinta mil famílias.

As idéias políticas dêste grande chefe asiático eram verdadeiramente notáveis. Começou por cancelar os antigos tabus, ou superstições peculiares de alguns turânios. Organizou civilmente os mongólicos, tendo todos os mesmos direitos. Assim era proibido a um mongol lutar contra outro mongol ou ser escravo de outro. Não seria necessário o pagamento de tributos, pois seriam providos pelos tributos obtidos nas guerras.

Organizou o exercito de uma forma eficiente. Não carregariam bagagem, comendo o que encontrassem pelo caminho. O exército ia a cavalo e muitas vezes levava de reserva um grande número de montarias. Todos tinham permissão de realizar o saque, mas só após a ordem do chefe.

Surpreendiam o inimigo por serem céleres nos movimentos, possuírem grande resistência física e grande crueldade para com os vencidos.

A primeira conquista de *Gengis-Khan* foi a China. Os imperadores chineses consideravam os mongóis como seus aliados, e dêles recebiam tributos. O mesmo esperavam de *Gengis-Khan*, mas êste não os enviou, e sim começou a preparar-se para atacá-los. No ano 1208, cruzaram a Grande Muralha com uns trezentos mil cavaleiros. A guerra durou vários anos, cada cidade era uma inexpugnável fortaleza com suas altas tórres e muralhas, e após a conquista eram saqueadas e destruídas. Muitos chineses passaram para o lado de *Gengis-Khan* contando-se entre êles os que conheciam a arte de calcular e escrever, além de engenheiros ca-

pazes de fabricar armas poderosas, pois os chineses já faziam uso da pólvora e do fogo grego (mistura de betume e petróleo, que não se apagava com a água), e que serviu depois para as campanhas contra a Pérsia e Mesopotâmia, e introduzida depois pelos mongóis na Europa.

Gengis-Khan, logo após ter conquistado a China, organizou-se para atacar os reinos maometanos do este. Nas terras da Ásia Central, localizava-se um grande centro de cultura islâmica. A primeira cidade a cair foi *Bokhara*, junto ao rio *Oxus*; logo em seguida *Samarkanda*, *Taskent* e outras.

Gengis-Khan teve de voltar à China para sufocar uma rebelião e ali morreu. Transportaram-no para o seu deserto natal e o enterraram debaixo de uma árvore, como sempre fôra seu desejo.

Ficou no poder um dos seus filhos, que enviou parte de suas forças para a conquista da Coréia, outra para o sul da China e *Tonkin*, e um terceiro grupo para a Europa. No ano 1240, esta horda já entrava em território europeu, arrasando tudo o que encontrava pela frente. A Europa estava desprevenida, e como ninguém esperava um ataque mongólico, sequer tentaram organizar uma defesa. Foi um acontecimento inesperado que a salvou: O imperador mongólico morreria, e para ser eleito um outro era necessário realizar-se uma reunião de todos os príncipes e generais, e daí todos regressarem às suas terras. Após isto, os mongóis ainda atacaram a Mesopotâmia, tomando várias cidades.

Sucederam-se vários imperadores, ficando, por fim no poder *Kublai-Khan*, que mandou construir a capital perto da atual *Pequim*. A descrição de sua faustosa côrte, feita por Marco Polo, parece ser mais uma utopia, do que o modelo de uma cidade. Os terríveis cavaleiros do deserto tinham-se constituído em ordenados habitantes cidadãos. Os impostos eram cobrados com regularidade e empregados na construção de canais e estradas. O imperador chegou a possuir tanto crédito que permitiu-se-lhe o uso do papel-moeda.

Marco Polo foi um mercador veneziano, que juntamente com o pai e um irmão, chegou até à côrte do *Kublai-Khan*.

O *Khan* o utilizou como embaixador e ministro, e ali êle residiu durante muitos anos, nos quais aprendeu as diversas línguas faladas em todo o país e viajou em missões que lhes foram confiadas pelos mongóis. Por fim, já cansado, regressou à Veneza, onde partiu como componente de uma armada, e foi feito prisioneiro pelos genoveses. Na prisão ditou suas memórias, que foram escritas primeiramente em francês. Mais tarde foram traduzidas para o latim, italiano e várias outras línguas.

O Império Mongol manteve-se na China até o ano 1368, quando deu-se uma sublevação dirigida por um monge budista, estabelecendo-se, assim, a dinastia dos Mings. Nesta época nascia em *Samarkanda* o famoso *Tamerlão*, que se dizia descendente de *Gengis-Khan*.

A IDADE MÉDIA BIZANTINA

Edificada no mesmo local da antiga Bizâncio, a cidade de Constantino (Constantinopla), chamou-se, primeiramente, Nea-Roma, e durante tôda a Idade Média julgou conservar a sucessão do antigo império romano. O imperador continuava com o qualificativo de Augusto; havendo cônsules e senado, como em Roma, e até meados da Idade Média ainda os documentos eram escritos em latim e grego.

Bizâncio, sob a pressão do Islão, renunciou a doutrina que até então aceitara, a de ser o Império universal. Ademais, seus imperadores morreram em grande número no campo de batalha e outros pereceram, vítimas de sua política ou de suas idéias teológicas. Além do mais, a vida da cidade foi paralizada devido aos problemas políticos e morais, alguns dêles insolúveis.

Além de tudo isto, Bizâncio serviu de baluarte aos povos da Europa contra os persistentes ataques asiáticos. Primeiro, foi a continuação da guerra mantida por Roma contra os persas, depois deteve os árabes, ávaros e búlgaros, que já atacavam sem cessar há quase um milênio.

O Ocidente pouco ajudou o Império de Constantinopla. Tal fato se explica devido à violenta disputa originada pelo culto das imagens. Esta discórdia serviu para separar as Igrejas de Roma e Constantinopla. Originou-se da promulgação feita pelo édito de Leão III, que proibia o culto das imagens. Um concílio, reunido em Roma, no ano 731, acabou com a excomunhão contra todos os que se opunham ao culto tradicional, o que levou a pensar que a Igreja romana podia ser independente do imperador de Constantinopla.

Em Constantinopla, muitas igrejas, assim como o palácio do patriarca, conservavam a decoração de seus afres-

cos e mosaicos. O imperador Constantino V, filho do papa Leão III, perseguiu as imagens, e nisto foi continuado por seus sucessores. As lutas continuaram, e no ano 1054, uma ruptura completa se deu: os delegados papais depositaram uma bula de excomunhão sobre o altar-mor de Santa Sofia e abandonaram a Igreja. Desde aquêlê dia, a Igreja viveu à parte da latina.

Assim Constantinopla perdeu seu domínio no Ocidente, mas conseguiu expandir-se pelo norte, devido à conversão dos eslavos. Estes eslavos eram os descendentes dos escitas, que tinham abandonado a vida nômade, estabelecendo-se em cidades, e formando diversas nações.

Os eslavos do sul da Rússia e da Ucrânia estavam reunidos também em cidades. O primeiro príncipe russo mencionado na história é o famoso Oleg, de Kiev, que levou a têrmo uma expedição militar contra a cidade de Constantinopla.

A história russa, na verdade, começa com Igor, sucessor de Oleg, de Kiev. Os diversos príncipes constituíram paulatinamente as bases do vasto domínio.

Mas, apesar de Constantinopla ter mantido o seu poderio, os diversos e contínuos assaltos, realizados por outros povos, entre êles os cruzados, pouco a pouco a debilitou. Assim vemos venezianos, florentinos, genoveses, catalães, etc., todos querendo ficar com uma parte do que fôra o grande império bizantino. O poderio de Constantinopla já nada mais era e quando as tropas islâmicas ali chegaram só encontraram uma frágil nação.

Bizâncio manteve-se do ponto de vista artistico completamente estagnada. A maioria das suas obras de arte, chegadas ao Ocidente europeu, foram levadas pelos cruzados, após o saque da cidade. Quanto ao campo da ciência e da filosofia não ajuntou nada aos conhecimentos já dados pela civilização grega e romana. A atividade filosófica despertada no Ocidente, no século XII, que produziu por fim a escolástica, recebeu mais influências do Islão que de Bizâncio.

A IDADE MODERNA

O OCASO MEDIEVAL

Durante a Idade Média os principais temas de estudos e preocupação intelectual tinham sido Deus e a alma. Mas, entrava no século XIV um novo protagonista: o homem. Os senhores feudais, reconhecendo ser impotentes para lutar contra o rei, contentaram-se em viver uma vida faustosa, entremeada com festas e competições. Dai os torneios preparados durante meses e convocados por meio de arautos e mensageiros, que partiam, levando o desafio a várias cidades e feudos.

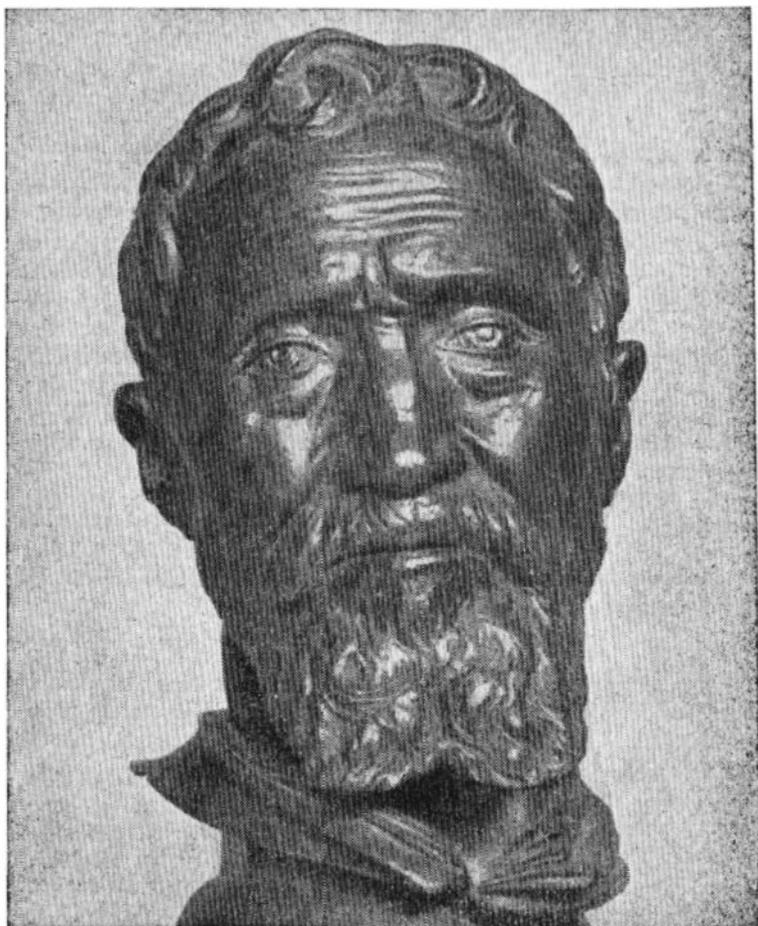
Foi o período das cavalgadas e cortejos civis que substituíram em grande parte as procissões medievais.

OS PRELÚDIOS DO CAPITALISMO

Após as constantes invasões dos teutões nas províncias ocidentais do Império romano, estas ficaram empobrecidas e devastadas. Constituíram-se em *burgos*, ou seja, pequenos povoados. Inicia-se a colonização das terras devastadas, dando início a uma nova vida. O comércio entre estes burgos aumenta, trocavam-se mercadorias e dava-se crédito a pessoas conhecidas, empregando-se raramente a moeda. No fim do século X, começaram a tomar importância na vida econômica, as feiras anuais de *Champagne*, *Flandres* e de *Saint-Denis*, esta perto de Paris; para as quais vinham mercadores de longínquas regiões.

O comércio, que começava a ser internacional, necessitava de um numerário cunhado, mas devido à variedade existente, formou-se uma classe que tratava de trocá-las

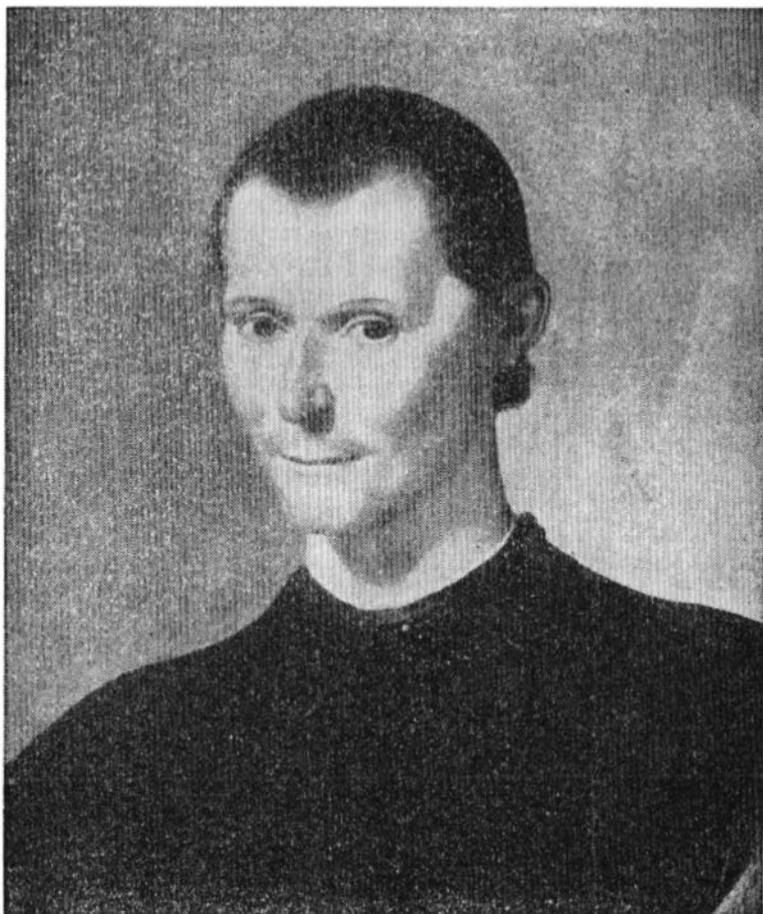
pela moeda local. Receberam o nome de cambistas, e tinham o direito de estabelecer o seu banco num local da feira, pagando uma espécie de aluguel ao bispo que tinha direito ao terreno.



Miguel Ângelo

Estes cambistas e mercadores não podiam sofrer ataques nem roubos, e daí procurarem as cidades fortificadas, que encontravam em geral, nos burgos.

Dáí nasceu a classe dos traficantes de riqueza, que hoje conhecemos com o nome de capitalistas. Em geral, durante os meses de verão iam de feira em feira para realizarem os seus negócios, e durante os meses de inverno permane-



MAQUIAVEL

ciam nos burgos. Os burgueses serviram para caracterizar a cidade medieval. Inicia-se dêste modo uma nova organização da cidade. Em geral, nas novas cidades burguesas, havia, freqüentemente, um senhor, com direitos estabeleci-

dos por tradição ou concessões imperiais. Era o barão, morando separado do burgo, no seu suntuoso castelo, e recebendo prestações dos moradores da cidade. Os burgueses pediram a monarquia para os libertar desta tutela, e os reis, vendo que de uma união com os burgueses tirariam mais proveito, procuraram diminuir o poder dos barões.

Outra autoridade dentro da cidade era o bispo. Recebia umas quotas doadas ao santo protetor da cidade. Foi desta forma que aumentaram e embelezaram as catedrais, guardando também até grandes riquezas.

Já no século XII, começam a surgir associações de capitalistas. Os sócios tinham a obrigação de trazer o dinheiro para um que era o iniciador e responsável. Este recebia os três quartos do lucro, o quarto restante era repartido entre os que tinham emprestado. Tais práticas estimularam muito o comércio ultramarino.

Nas cidades, os agrupamentos de cidadãos, não eram feitos segundo níveis de fortuna, e sim segundo as ocupações e ofícios. O que caracterizou a cidade deste século foram os grêmios. No início, os artesãos eram livres de praticar o seu ofício e comércio, mas logo se associaram em *confrarias (fraternitas)*, que passaram a ter um carácter civil. Chegou ao ponto de não ser permitido a um cidadão praticar um ofício se não pertencesse a um grêmio. Para dêle fazer parte era necessário uma longa aprendizagem, e só após um exame realizado por uma junta, o concílio, é que nêle ingressava.

Era também os grêmios que fixavam o valor do produto; bem como impediam a venda de produtos não considerados bons. Tais grêmios chegaram a intervir na política. Formavam o elemento mais importante do governo municipal, sendo o segundo lugar ocupado pelos banqueiros e comerciantes.

Os judeus tinham o ofício de banqueiros, prestamistas ou usureiros; e apesar das limitações que as leis tentaram impor às suas atividades, tiveram um papel de grande importância na economia, principalmente na espanhola.

Do ponto de vista político, via-se que, na Itália, os tiranos do século XV eram aventureiros. Demonstravam falta de escrúpulos e valendo-se de manhas faziam os seus negócios. Era possível, por exemplo, ter uma cidade ou

provincia e vendê-la a um outro tirano, e depois organizar-se para retomá-la outra vez.

Exemplo desta política adotada aparece nas páginas do *Príncipe*, de Maquiavel.



Galileu Galilei

No século XIV, apareceu Petrarca, que ainda em vida (quando tinha somente trinta e seis anos), recebeu proposições para ser coroado poeta, na Universidade de Paris.

Petrarca em suas cartas escrevia a Homero, Cola de Renzo (tirano romano), admirava Brutus, querendo demonstrar, assim, que valorizava o romanismo e o helenismo. O interesse despertado pela vida dos antigos gregos e romanos originou o trabalho das excavações, assim como aprender as línguas mortas para estudá-las e compará-las.

Renasce esplendorosamente o grego e o latim. Em várias cidades realizam-se profundos estudos das línguas mortas. Começava o *mecenismo* literário e artístico, que os Médicos, mais tarde, exerceriam em grande escala. O primeiro grande mecenas florentino foi Palla de los Strozzi.

O comércio de manuscritos fez grandes fortunas, mas também arruinou a muitos. Um dos mais famosos colecionadores foi Nicolas de Niccoli, que chegou a reunir oitocentos volumes de obras gregas e romanas.

A grande procura de livros, em meados do século XV, estimulou a invenção da imprensa, sendo que no início, fôra suficiente a cópia dos amanuenses.

O palácio dos Médicis, em Florença, era o lugar de encontro de toda a genialidade florescente. Entre eles estava Pico de la Mirandola, Alberti, etc. À volta dos humanistas, renascentistas, bibliófilos e eruditos florentinos começava a formar-se uma sociedade de gostos refinados. Pode-se dizer que devido a isto ia inaugurar o Renascimento florentino um novo período de atividade científica. Começara-se pelos textos clássicos, e deles se passaria, quase insensivelmente, à mecânica e à ótica e a um contacto direto com a natureza, sem a barreira da autoridade e da tradição.

O IMPÉRIO TURCO

Os turcos tinham permanecido quietos até dar-se a invasão dos mongóis, que os empurraram para a Ásia Menor. Mas, com a destruição do califado de Bagdá pelos mongóis, um grupo aproveitou-se disto e estabeleceu-se sòlidamente na fronteira da Armênia.

O filho do primeiro chefe turco chamava-se Osman, e foi êle que teve a visão da meia lua, a qual serviu de símbolo à nação turca. Osman é ainda venerado pelos turcos como o fundador da nação, daí se chamarem *osmanlies*, que quer dizer "descendentes de Osman"; mas, como os europeus pronunciaram *Otmán*, devido a êste êrro, se chamaram otomanos. Entre as reliquias do tesouro de Constantinopla, guarda-se o sabre e o estandarte de Osman, ou Otmán, ao lado do manto do Profeta.

Após o reinado de Osman, subiu *Orkan*, seu filho que estendeu o império até o Bósforo. Prepararam as conquistas dos seus descendentes com a criação da milícia profissional turca; os batalhões de janizaros. Com êstes batalhões de soldados, bem disciplinados, apesar de não serem patriotas, a Turquia chegou a ser uma das primeiras potências militares da Europa até meados do século XVII.

O ataque turco à cidade de Constantinopla deu-se após terem se realizado muitas conquistas turcas. Constantino Paleólogo, imperador da grande metrópole, esperava auxílio da cristandade ocidental. O papado atravessava uma crise de autoridade e apesar do pontífice ter desejado prestar auxílio ao império bizantino pouco poderia fazer.

Mohamed II foi quem decidiu empreender a conquista de Constantinopla, no ano 1453. Mandou fundir canhões colossais, reuniu uma grande frota e um exército. En-

quanto se devia ser preferido o turbante do turco ao *capelo* do cardeal, e se a Santa Sofia ficara ou não profanada pela comunhão com os latinos, Mohamed II não perdia tempo e ia colocando os seus canhões contra as muralhas da capital.



Henrique VIII

Fazia pouco tempo que o uso da pólvora fôra ensinada aos turcos pelos cristãos renegados, e foi de grande efeito nesta ocasião.

Após o ataque à cidade, nela entraram os turcos, não encontrando resistência.

Aproveitando-se do terror produzido pela queda de Constantinopla, Mohamed II conquistou a Grécia, Sérvia e Valáquia. Pensava invadir a Itália, porém, ao passar em Rodes, sofreram sérias perdas. Mohamed II morreu logo depois. Durante o seu reinado, a Turquia regularizou as suas instituições, sendo que as leis atribuídas à inspiração pessoal do sultão formam uma constituição, que é, além disso, um código religioso, chamado Kanun Namé: Livro de Cânones.

A sucessão de Mohamed II ocasionou uma guerra civil entre os seus irmãos, triunfando dela Bajaseto II. Seu filho, Selim, tornava-se muito popular entre os batalhões de janízaros, e por fim Bajaseto teve de abdicar em seu favor. Selim conquistou a Pérsia, Palestina e Egito, do qual dependia a Arábia, com suas cidades santas, Meca e Medina. As campanhas de Selim ficaram famosas. Reinou do ano 1512 ao 1520, e seu filho Soliman seguiu por mais quarenta e seis anos a política expansiva, avançando lentamente por territórios europeus. É o período de preponderância naval dos osmanlies, não só devido à grande armada, mas, sobretudo, por seus corsários, que sempre hostilizando os países do Ocidente tornavam insuportável o comércio no Mediterrâneo.

Soliman, o Grande e o Magnífico, assim chamado pelos ocidentais, ficou cognominado pelos turcos de Soliman, *Kanuni*, ou seja o dos Cânones.

OS GRANDES DESCOBRIMENTOS DO SÉCULO XV

Diversos fatores favorecem o incremento das grandes explorações que se processaram por todo o século XV e posteriores. Um deles foi ter o Islão estabelecido uma fraternidade internacional de crentes, obrigações a viajar para realizar a peregrinação a Meca. Os missionários maometanos partiam por regiões diversas, até então quase que desconhecidas. A estes seguiam os mercadores, que iam por negócios, e viajantes, alguns movidos pelo interesse científico.

Um dos resultados obtidos destas viagens foi o aparecimento de uma grande porcentagem de livros de geografia e ciência.

A fundação de ordens mendicantes favoreceu a penetração de voluntários, que se dirigiam às missões cristãs.

A África, com suas terras desconhecidas, assim como as remotas regiões do Oriente, eram atrativos, mas outro grande atrativo era o oceano Atlântico, que devia estar salpicado de ilhas lendárias. As ilhas Canárias, já tinham sido chamadas, pelos gregos e romanos, "Ilhas Bem-aventuradas". Outras ilhas havia como o Brasil, as Antilhas que, com as suas sete cidades, onde, segundo a lenda, se retiraram bispos visigodos e ricos comerciantes, que fugiam dos árabes. Isto teria se dado no século VIII.

Já no século X, os escandinavos vinham realizando viagens, sendo que no ano 981, um príncipe norueguês, Erik, o Vermelho, atravessou o Atlântico, permanecendo alguns dias na Islândia, e depois seguiu até a Groenlândia. Em meados do século XI, já existia um grupo de povoados com várias construções. Groenlândia é corruptela da palavra teutônica *Greenland*, que quer dizer "Terra verde", isto

advém do fato de, no verão, as terras, que ficam cobertas de gelo a maior parte do ano, florescerem. O filho de Erik explorou a costa do Labrador e da América.

Vê-se que durante a Idade Média, o oceano Atlântico foi cruzado pelos escandinavos quase cada ano ou em cada dois anos, por meio de embarcações que partiam para Groenlândia.

Os espanhóis e portugueses, pensavam mais nos reinos que se tornaram lendários de Cipango e Cathay, no Oriente, que no Ocidente. Foi o infante dom Henrique, de Portugal, quem precipitou os descobrimentos. Começou retirando-se para o promontório de Sagres, a ponta mais meridional dos Algarves, onde fundou uma escola (a Escola de Sagres). Este monarca recebeu o nome de *O Navegante*, porém, na verdade, nunca viajou, o que fez foi preparar náuticos aptos a longas viagens, aproveitando-se dos conhecimentos já obtidos por outros navegantes e estudiosos.

Após a morte do infante, várias descobertas tinham sido realizadas. Subiu ao poder seu sobrinho, Alfonso V. Durante o seu reinado, os portugueses descobriram a desembocadura do rio Congo, e no ano seguinte Bartolomeu Dias dobrou o cabo das Tormentas, hoje chamado da Boa Esperança (1485).

Em 1497 (cinco anos após a descoberta da América por Colombo) é que um jovem marinheiro, Vasco da Gama, enviado pelo rei Dom Manuel, o Afortunado, chegou à Índia, pelo *caminho português*, isto é, pelo leste. Vasco da Gama, em lugar de costear a África, foi diretamente às ilhas do Cabo Verde, e depois dobrou o cabo da Boa Esperança. Em Moçambique encontrou navegantes árabes, que lhe deram notícias do Oriente, e daí chegou até Calicute. A volta de Vasco da Gama era esperada com expectativa, seus barcos vinham repletos de pimenta, noz moscada, canela e algumas pérolas e rubis.

Enquanto isto, os espanhóis tratavam de chegar às Índias pelo caminho do oeste, cruzando o Atlântico. Colombo, natural de Gênova, desde cedo começou a navegar. Mais tarde casou-se com a filha de Perestrello. Colombo teve, logo ao chegar em Portugal, onde se casou, um ambiente favorável. Propôs, baseado nas informações recebidas de Toscanelli, a viagem à China pela via ocidental.

Em 1486 chegou à Espanha, donde passou grandes dificuldades com o seu filho. Em Palos, conheceu um rico armador Martim Pinzón, ao qual confiou a sua intenção de ir pela rota ocidental até o Oriente.

Os reis católicos, Fernando e Izabel, firmaram um documento, que dava direitos a Colombo, sobre estas terras que êle se propunha encontrar. No dia 3 de agosto, partiam de Palos, e no dia 12 de outubro, desembarcavam numa das ilhas Bahamas. As terras recém-descobertas foram chamadas primeiramente de Novo Mundo, nome dado



Colombo toma posse da terra recém-descoberta em nome dos Reis Católicos.

por Colombo e escritores espanhóis no fim do século XV; porém, em 1499, o irmão de Pinzón, levou um mercador florentino chamado Americo Vesúcio, e à sua volta, este escreveu um relato da viagem que alcançou grande popularidade, e daí ser proposto o nome de América ao Novo Mundo, em honra deste viajante.

Enquanto isto, os portugueses seguiam avançando em direção à Ásia, pela rota do cabo da Boa Esperança e mantendo um forte comércio.

O papa Alexandre VI, prevendo a disputa que se realizaria mais cedo ou mais tarde entre o reino de Castela e Portugal, pretendeu evitar êste conflito, estabelecendo numa bula (redigida em setembro de 1493), as zonas de influência de cada nação. Os portugueses não poderiam ultrapassar além do meridiano, que passa a 370 leguas a oeste do cabo Verde; quanto aos espanhóis ficariam com tôdas as terras e ilhas ao leste dêste meridiano. Assim tôda a África e ilhas do Oceano, menos as Canárias, seriam portuguesas, e uma parte do Brasil. Em 1500 Pedro Alvares Cabral, chega ao Brasil.

Enquanto isto, fortalecia-se muito o poder pessoal absoluto e o pontificado tornava-se mais forte. Após terem reinado papas eruditos, humanistas, etc., sucederam-se outros que foram despóticos. Durante a Idade Média, muitos dêles fizeram valer principalmente sua autoridade como chefes da Igreja militante; seus exércitos foram as ordens religiosas, e a principal arma usada foi a excomunhão. O papa Sexto IV, eleito em 1470, nomeou os seus sobrinhos



Tomás de Aquino

como cardeais, e começou com a política dos matrimônios entre os parentes e membros das famílias reinantes. Além do mais, exerceu um poder absoluto, fazendo o colégio de cardeais perder o seu carácter de assembléia consultiva. Roma, durante o pontificado de Sexto IV, começou a ser um local onde as armas mais usadas eram o veneno e o assassinio misterioso. Contudo, também mandou realizar obras importantes: a Capela Sixtina e a Ponte Sixtina.

Seu sucessor, Inocêncio VIII, continuou a mesma política de liberalidades em relação aos filhos bastardos e proteção aos membros da família. Era o precedente que, depois, se estruturaria com o papa Alexandre VI, da família dos Bórgias. Os Bórgias ou Borjas eram de origem valenciana. Alexandre VI foi eleito papa no ano 1492, reconhe-

cendo como filhos seus, João, César, Lucrecia e Jofre, êste tido com uma mulher do povo, à qual nunca foi permitido acesso ao Vaticano.

Casou sua filha Lucrecia com João Sforza, de rica e poderosa família, e logo em seguida casou-a com um outro. As intrigas sucediam-se sem interrupção, porém muito do que se escreveu sobre a celebrada família dos Bórgias ainda não foi comprovado.



Americo Vesputio



René Descartes

Após Alexandre, subiu César seu filho, que realizou várias conquistas.

Durante êste período tormentoso, apareceram pregadores como São Bernardo de Siena, Santo Antônio, Savanarola e muitos outros.

AS ORIGENS DA IMPRENSA

Enquanto na Itália se copiava os manuscritos da antiguidade clássica, na Europa central inventava-se a arte de imprimir.

Já na China, no ano 868, tinha sido impresso um livro estampado com gravados de madeira. Devido ao material precário, não podiam ser feitos em grande quantidade, pois a madeira facilmente se estraga, daí terem sido feitos em pouca quantidade, como os manuscritos medievais.

Contudo, temos de considerar que os livros feitos com gravado em madeira prepararam a invenção da imprensa. Proporcionaram aos impressores os elementos indispensáveis: a prensa, a tinta e o papel apropriado. O papel é uma invenção oriental, cuja introdução e aperfeiçoamento na Europa foi imediata. Os árabes fizeram vários prisioneiros chineses na batalha de *Samarkanda*, que ensinaram-lhes a preparação do papel. Foram os árabes, que levaram à Espanha o papel, e já no século X, apareceram fábricas de papel, sendo que os primeiros documentos escritos em papel são do século XI. Desde meados do século XIII, circulava por toda a Europa papel para a escrita; enquanto o pergaminho estava reservado para documentos de maior importância, cuja conservação queria ser assegurada.

Considera-se como o verdadeiro descobridor da imprensa, João Gutemberg, que inventou os tipos destacados uns dos outros.

Como em geral aconteceu com todos os grandes inventos, a arte de imprimir se difundiu por todo o mundo com maravilhosa rapidez.

A REFORMA

A Igreja tinha chegado a um estado em que só uma reforma seria a solução.

Os papas sentiam-se onipotentes e com pleno direito sobre os reis, daí o número imenso de excomunhões. Outro fato fôra a distribuição de terras do Novo Mundo entre espanhóis e portugueses, realizada pelo papa Alexandre VI, julgando-se senhor do mundo. Altos cargos da cúria eram cedidos aos que melhor pagassem.

Todos os que se manifestavam contra os abusos da época, propunham como remédio um concílio, mas é evidente que, no fim do século XV, um concílio ecumênico não teria levado adiante uma reforma, como foi a de contra-reforma, que mais tarde se cristalizou no concílio de Trento.

As críticas feitas por Erasmo foram aceitas, e chegaram ao conhecimento de todos os clérigos. Naquela época, a literatura anticlerical era abundante, e enquanto não incorresse num erro teológico, a Inquisição não podia intermeter-se. Assim os humanistas, que conheciam este perigo, detinham-se no justo limite, até onde era permitido chegar.

Já Lutero é o oposto de Erasmo. Nasceu em 1483, no meio de camponeses, mas educou-se na Universidade de Erfurt. Após a graduação, entrou para um convento de agostinianos, e em 1508, foi enviado à Universidade de Wittenberg para ensinar Teologia.

O caso das indulgências teve grande importância nas idéias de Lutero. A Igreja, cada vez mais faustosa, e certos eclesiásticos necessitando de grandes somas, procuravam por todos os meios, consegui-las. O Papa encar-

regou, em cada país, a pregação das indulgências a um bispo, este, por sua vez, as encomendava a emissários especiais, que iam de povoado em povoado. A venda de indulgências ante os olhos das autoridades civis era uma afronta. Lutero, contra tais fatos, redigiu as 95 Teses, ou proposições, e as afixou na porta do palácio de Wittenberg. Estas teses tiveram uma circulação muito grande, pois pouco tempo depois da sua apresentação pública, já tinham sido lidas em vários recantos da Europa.

Roma mandou chamar o jovem frade, mas os príncipes alemães, pediram para o julgamento ser realizado na Alemanha, e foi feito em Leipzig.

Em 1520, Lutero publicou três famosos tratados, considerados como a pedra angular da Reforma. Devido a estes tratados, Roma condenou Lutero, ordenando a todos os que os possuíssem que os queimassem. Lutero, em réplica, queimou a bula papal diante de numeroso público.

Carlos V, subindo ao poder, convocou a *Dieta de Worms*, obrigando a Lutero comparecer. Depois de muitas e longas sessões, Carlos V leu a sua confissão de fé, na qual disse que nunca viria a ser protestante. Entretanto, o movimento da reforma começou a propagar-se, pois repercutia entre os príncipes, sendo que os conventos abandonados pelos frades, que se convertiam à nova religião, passavam para o domínio dos príncipes. Entretanto, os proletários começaram a agitar-se, pedindo parte deste confisco. Lutero pregou a paz, e conseguiu acalmar os revoltosos.

Zwínglio, frade agostiniano, entrou em choque com Lutero. Para Zwínglio, a reforma devia converter-se numa sublevação política, e pregou que se unissem as cidades para formar uma confederação democrática, que se oporia ao Imperador e ao Papa, e ia contra os interesses dos príncipes protestantes, já que a Reforma estava estruturada no auxílio por estes fornecido.

Lutero chamou-o para uma reunião que se realizou em Marburgo. Ali chegaram a um acôrdo.

Calvino, francês de nascimento, acreditou ser necessário impor a verdade pela força. Começou a pregar em



Leonardo da Vinci

Genebra, divergindo em muitos pontos de Lutero e Zwinglio. Na Escócia, apareceu John Knox, que lutou acerbamente contra Maria Stuart.

Os cismas religiosos, que começaram a processar-se, só poderiam fatalmente fazer cair nas guerras de religião. A Alemanha, centro do movimento da Reforma, foi onde se deram menos violências.

Carlos V mantinha o carácter imperial de sua soberania, porém, na Alemanha, não tinha direito em intrometer-se na religião de cada Estado. Os príncipes protestantes reclamavam o privilégio de proceder livremente nos seus domínios, e se alguns queriam converter os outros, era para ter uma maioria na Dieta e no corpo de eleitores, que elegia o imperador.

Carlos V, encontrando-se doente, teve de abdicar em favor do seu irmão Fernando, e após êste, subiu o seu filho Maximiliano II. Ambos tiveram muita paciência em tratar com os protestantes.

Durante o reinado de Filipe II, que durou quatro anos, nos Países Baixos, foi introduzida a Inquisição, e apesar de ser feita com o intuito de favorecer os herejes, observou-se logo após ter começado a funcionar, ser um ótimo instrumento para o poder público.

Guilherme, o Taciturno, embora tivesse respeito ao rei Filipe II, preparava-se para uma guerra, recrutando um exército na Alemanha. A primeira invasão realizada por Guilherme foi desastrosa.

Na França, iniciavam-se guerras de religião. Desde o ano 1525, começaram a manifestar-se interessados pela Reforma, mas possuíam então, um estado monárquico unificado. Os protestantes franceses dependiam de Genebra, pois de lá vinham os pastôres, que pregavam na França. O nome *huguenotes*, é uma corruptela do vocábulo suíço *eidgnossem*, que significa confrades, juramentados.

A tradição católica mantida na França, de forma ininterrupta, timbra o seu baluarte a Sorbonne. Os chefes huguenotes, aristocratas da antiga nobreza, procuravam, por

meio do protestantismo, recuperar as suas antigas prerrogativas feudais. A perseguição dos protestantes começou no reinado de Henrique II e de sua amante — a verdadeira soberana — Diana de Poitiers, que era católica. Henrique II



Erasmus de Rotterdam

deixara filhos com sua viúva Catarina de Médici. Esta, ao subir ao poder, continuou com as perseguições.

Os huguenotes gozavam da simpatia do rei de Navarra, de seu irmão, o príncipe de Condé e do almirante Coligny.

As lutas iniciaram-se com pequenas arruaças entre os dois grupos antagônicos. Mas, crescendo de ímpeto, os huguenotes começaram a queimar igrejas e altares, e praticar assassinios. O próprio duque de Guise foi morto por um



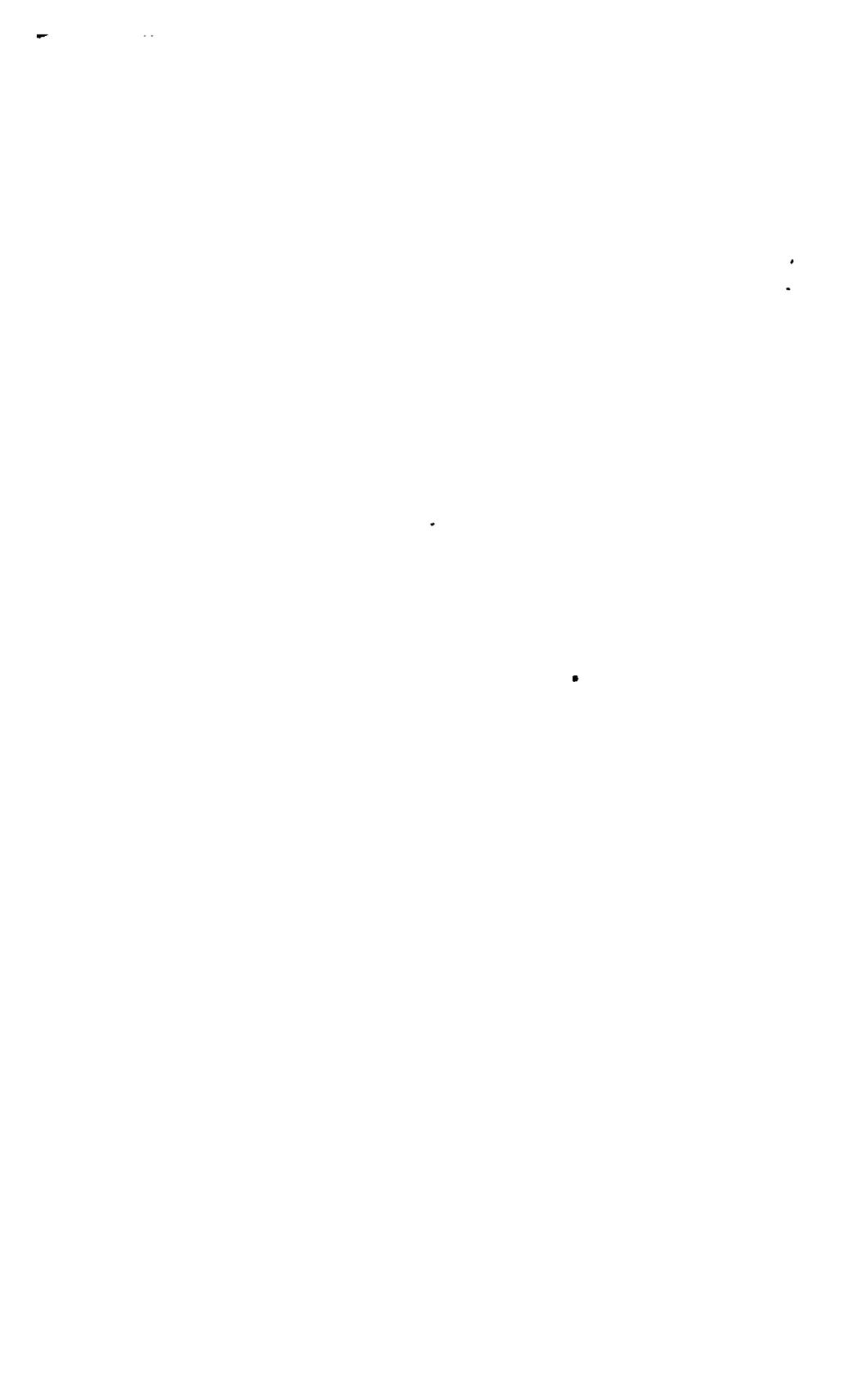
LUTERO

huguenote, e seu filho deu início a célebre noite de São Bartolomeu, em agosto de 1572, quando se realizou a carnificina geral, a degola dos protestantes na cidade de Paris.

É difícil calcular quantos huguenotes morreram. Repetiram-se em várias cidades francesas semelhantes morticínios.

Guilherme, o Taciturno, sentiu profundamente a morte de Coligny e seus partidários, pois contava com o auxílio destes.

Após este bárbaro acontecimento, os Guises se uniram, formando uma Liga para defesa da religião católica. As lutas pelo poder continuaram, e os Guises acabaram morrendo assassinados. Subiu Henrique de Bourbon, rei de Navarra, simpatizante do calvinismo, mas, como se exigia que o rei de Paris fôsse católico, declarou-se francamente papista, porque, segundo êle, "Paris bem valia uma missa". Firmou o édito de Nantes, que concedia liberdade de consciência aos huguenotes e lhes permitia possuírem escolas e exercer cargos públicos.



A CONTRA-REFORMA

Na Espanha, o movimento da contra-reforma começou a tomar grandes proporções. O protestantismo, que tentára penetrar na península ibérica, foi fortemente reprimido, sendo várias as causas do seu malôgro.

Na Espanha imperava a Inquisição, que, segundo certos autores, é uma *invenção* espanhola. A verdade é que a Inquisição era uma instituição eclesiástica estabelecida no século XIII, pelo papa Lúcio III, cujo intuito era corrigir e julgar os herejes por intermédio de pessoas que estivessem a par dos dogmas. Note-se, porém, ser ela alheia à Espanha, tendo ali penetrado por volta do século XIV. No fim do século XV, estava quase abolida, porém ainda se mantinha na Espanha.

Foi também em território espanhol que nasceu o fundador da Companhia de Jesus, Santo Ignácio de Loyola. Ele ofereceu à Igreja uma milícia de religiosos disciplinados. Com o seu carácter católico, internacional e pontifício, estendeu-se imediatamente por todo o mundo.

Quando no concílio de Trento se estabeleceu definitivamente o dogma católico ante as controvérsias protestantes, a Companhia tomou parte. Ali, a Igreja apresentou, como definitivo, o que devia ser ensinado, e foram os Jesuítas que se dedicaram a realizá-lo por todo o mundo.

A ciência estava num grande desenvolvimento. Em 1473 nascia numa pequena cidade polonesa Nicolau Copérnico. Estudou os planêtas, e fêz reviver a antiga hipótese de Aristarco de Samos (hipótese de Pitágoras), de não ser a Terra o centro do sistema planetário, e sim o Sol.

Na Alemanha nascia cem anos depois, João Kepler, que estudou astronomia, proporcionando novas conquistas científicas neste setor. Na Alemanha e Polônia, foram bem aceitas estas novas teorias, contrárias às que até então tinham sido aceitas, mas, na Itália, houve uma manifesta oposição por parte de vários elementos da Igreja e estudiosos. Assim, Giordano Bruno, por ter propagado idéias julgadas heréticas foi condenado a morrer na fogueira. O segundo mártir foi Galileu, que retratou-se, para não sofrer a mesma sorte de Bruno.

Enquanto isto se passava no setor da ciência, as ciências geográficas e náuticas tomavam um grande impulso.

Nos começos do século XVI, a Espanha, até então dividida em pequenos reinos, tomou conta dos destinos do mundo. Apesar de Carlos V e Filipe II terem lutado para colocá-la num lugar proeminente entre as outras nações européias, não o conseguiram.

Carlos V casou-se com a filha do rei de Portugal, e seu filho Filipe II com a rainha Maria, o que lhe assegurava a neutralidade da Inglaterra. Mas, a França era o obstáculo. Seu rei, Francisco I, apesar de ter mantido durante um longo período, bastante amizade com Carlos V, não era estável e digno de confiança.

Ao sentir-se velho e perto da morte, Carlos V outorgou a investidura do ducado de Milão ao seu filho Filipe, que estava destinado a suceder-lhe na coroa. Com o ducado de Milão, toda a Itália estava à sua disposição, os únicos reinos independentes eram Veneza e o do Papa.

No Mediterrâneo, Carlos V tentara apoderar-se de pontos-chaves, e ao mesmo tempo a conquista da América se dava a passos largos. Tanto Carlos V como o seu filho, nos primeiros anos do reinado, absorvidos como estavam pelas intrigas da política européia (que tinham se agravado com as guerras de religião), não prepararam um plano de aproveitamento dos domínios de além-mar.

Estes domínios eram propriedade dos reis de Castela, e não podiam ser vendidos nem arrendados. No início, aceitaram com benevolência os feitos dos conquistadores, como Cortez, Almagro, Pizarro, etc.; porém, como estes preten-

dessem usar dos privilégios de conquistadores, a Côroa começou a dar mais atenção ao que se realizava no Novo Mundo.



Rembrandt

A conquista das terras do Novo Mundo se fazia por diversos incentivos: entre êles o principal era a crença na existência do ouro. Já Colombo tinha escrito sôbre as jóias de

ouro dos indígenas das Antilhas, que iam buscar a matéria-prima nas Guianas, às margens do rio Orenoco. Daí terem para lá partido levas de espanhóis no intuito de descobrir o precioso metal.

A nobreza espanhola não se sentia atraída, pelo Novo Mundo. A política peninsular lhes proporcionava o que queriam. As primeiras levas constavam de analfabetos, colonos, gente rude que tinha de improvisar tudo, somente com o que dispunha.

O rei Carlos V criou, no ano 1542, os vice-reinados do México e do Peru, e no século XVIII aumentou com os de Santa Fé e Buenos Aires. As outras províncias do Novo Mundo ficaram governadas por capitães gerais, que tinham, na realidade, os mesmos direitos dos vice-reis.

A aventura realizada pelos espanhóis na América foi realmente muito grande e requereu grandes sacrifícios, por parte de ambos os lados, entre o conquistador espanhol e o indígena americano.

A INGLATERRA E O SEU DESENVOLVIMENTO

A ruptura da Igreja da Inglaterra com a Cúria romana, iniciou-se pela conveniência pessoal do soberano Henrique VIII. Necessitava êle divorciar-se de suas espôsas, e de recursos para os seus grandes gastos. Daí ter começado a confiscar os bens eclesiásticos, que lhe davam maior proveito. Foi excomungado pelo Papa, mas mesmo assim não desanimou, levando adiante suas idéias.

Ao morrer, deixava como sucessor um filho, e duas filhas, Maria e Isabel. Como o menino era de menor idade, um conselho de regência governou durante um certo período. Quando aquêle foi coroado rei, tomou o nome de Eduardo IV. Após sua morte, que sucedeu poucos anos depois, subiu Maria, que era católica. Casou-se com o rei Filipe II. O reinado de ambos foi uma completa reação católica, chegando os membros do Parlamento, que antes tinham aceito os dogmas calvinistas, a pedirem de joelhos, a absolvição que lhes foi concedida pelo papa.

Poucos anos reinou Maria, pois logo veio a falecer, e quem restava era sua irmã, Isabel. Isabel não tinha religião, e deixou de realizar perseguições durante o seu reinado.

Maria Stuart, rainha da Escócia, que se casara com o príncipe herdeiro francês, era a provável herdeira do trono inglês. Viúva, retornou à Inglaterra e pediu asilo a Isabel.

Isabel, nesta época, começou a desafiar o poder da Espanha. Favoreceu os piratas pescadores dos Países Baixos e os corsários ingleses, que agiam aparentemente sem ordens reais, mas, protegidos por Isabel, começaram a atacar as galeras espanholas.

O Papa era favorável, assim como muitos outros, a uma ação imediata, e daí enviar dinheiro aos partidários católicos da Inglaterra para libertarem Maria Stuart e coroá-la rainha, e ao mesmo tempo, preparava-se a maneira de ma-



CROMWELL

tar Isabel. Maria Stuart aceitou esta proposta, que foi descoberta por Isabel e daí ter sido dado ordem de decapitá-la, após ter passado vinte anos em reclusão.

Simultaneamente, na Espanha, Filipe dava ordens para aparelhar-se a Grande Armada, que chamou de a *Invenctvel*. Ao chegar às costas da Inglaterra foi dispersada por temporais e os remanescentes sofreram duros ataques. O poderio de Filipe caiu por terra e iniciou-se, na Inglaterra, um longo reinado de grande prosperidade e riqueza.

Foi durante o reinado de Isabel, que apareceu Shakespeare e muitos outros. Isabel protegeu muito a ciência, literatura e artes.

Com a sua morte, o herdeiro natural era o filho de Maria Stuart, Jacó. Durante o seu reinado, uniu o reino da Inglaterra com o da Escócia, e formou-se a Grã-Bretanha.

O principal problema com que se viu ao subir ao trono foi o de restabelecer a paz com a Espanha. Contudo, não conseguiu realizá-lo por meio do matrimônio e acabou casando-se com uma filha do rei Luís XIII.



Kepler

No século XVII, as idéias revolucionárias começam a tomar força na Inglaterra. Apareceu a nova doutrina, que é o da soberania do povo, até com exclusão do rei. Assim o direito de reger o Estado pode ser delegado pelo povo a um príncipe ou a uma casta, mas estes têm obrigação de dar conta dos seus atos, e não podem ultrapassar as instruções que recebem periodicamente do Parlamento.

Verificava-se que, desde tempos imemoriais, a realeza obtinha os recursos por meio de um Parlamento. Contudo, este era convocado com grande irregularidade. Carlos I convocou o Parlamento, que se chamou *longo* pois durou cerca de treze anos.

O Parlamento inglês se compunha de duas Câmaras, uma para a nobreza e o clero, e outra para os comuns, ou representantes das cidades.

O próprio Carlos I foi perseguido pelo Parlamento. Esta guerra, que se declarou, tinha, como dirigente da parte contrária, Cromwell. Este propôs a criação de um novo tipo de milícia. Seria formada exclusivamente por volun-



NEWTON

tários crentes, puritanos, cuja fé tivesse sido provada, e que se alistariam. Formou-se o famoso Novo Exército do Parlamento, chamavam-se os soldados cabeças-redondas, porque

iam com ela raspada completamente. As lutas foram prolongadas e muito cruéis.

Em 30 de janeiro de 1649, Carlos I foi decapitado na praça defronte do palacio Westminster.

O antigo regime, que tinha sido declarado caduco acabara; era necessário constituir-se o novo governo constitucional ou parlamentar. Ao Estado chamou-se Common-



Filipe II



Juan de la Cosa, piloto de Colombo

wealth (Riqueza Pública), que quer dizer o mesmo que República. Cromwell, devoto à nação e à sua causa, soube rodear-se de gente capaz de colaborar com êle e consolidar a república. Com o título de Protetor, governou a Inglaterra durante dez anos. Mas fêz um mau govêrno, e deu-se, inevitavelmente, a restauração dos Stuarts.

A FRANÇA DOS BOURBONS

O século XVII ficou conhecido na história como o “século de Luís XIV”, ou “le grand siècle”, porque foi o período de apogeu de França bourbônica e absolutista.

Luís XIV reinou durante sessenta e dois anos.

A prosperidade material da França bourbônica, durante este século, foi obra de ministros inteligentes. Henrique IV teve como ministro Sully, que conseguiu melhorar consideravelmente as finanças. Foi com este rei que se iniciou a política do governo pessoal o qual conduziria a um forte absolutismo. As guerras de religião, que tinham sangrado a França, também haviam dividido a nobreza. Com isso, passou a ter a velha nobreza francesa posição quase que só decorativa.

Os Bourbons manifestaram pouco respeito às Assembleias parlamentares da França. Eram convocados além dos Estados Gerais, ou reunião dos elementos pertencentes ao povo, a classe eclesiástica e a nobre, todos pela Coroa, e ainda os Parlamentos regionais.

Casou-se Henrique IV com Maria de Médicis, nascendo desta união Luiz XIII. Henrique IV foi assassinado em 1609 por um fanático, por ter-se mostrado demasiadamente transigente com os huguenotes.

Seu filho, Luís XIII, era menor de idade nesta época, daí ter-se formado uma regência, antes da sua subida ao trono. No início, mudou de ministros, mas, desde o ano 1622 até à sua morte, reinou o famoso cardeal Richelieu.

Luís XIII, deixava o governo nas mãos do cardeal e se retirava a caçar por longos períodos. Casou-se com Ana

d'Austria, com a qual teve um filho, que foi o famoso Luís XIV, "le Roi Soleil".

Versalhes tornou-se modelo para todas as outras cortes européias. Luís XIV teve uma vida afetiva muito atribu-



RICHELIEU

lada, tendo acabado seus últimos trinta anos de reinado, casado com Madame de Maintenon.

No primeiro reinado do seu império, devido à perícia de Colbert, e dispondo de generais como Condé e Turenne, am-

pliou as fronteiras, porém a situação política européia não era firme. Com a morte de Carlos II, da Espanha, a França recebia a sucessão dada pelo rei espanhol. Mas, a aceitação daquela herança provocaria uma guerra com outros



Lúís XIV — o rei Sol

países, pois êstes não podiam tolerar que França e Espanha fôsem reinadas por uma mesma família. A guerra durou do ano 1701 até 1714, e acabou com a paz do tratado de

Utrecht, em 1713. O primeiro Bourbon espanhol, duque de Anjou, que na Espanha se chamou Filipe V, casou-se com uma princesa da Sabóia. Morrendo esta, casou-se com a princesa de Parma, sem ter consultado a côrte de Versalhes.

A guerra de Sucessão, que na realidade foram quatro guerras, arruinou completamente a França.

Entretanto, no campo intelectual, grandes vultos apareceram. Os intelectuais se entreteram em discussões de estética e retórica. No teatro, apareceram vultos como Molière, Racine, Corneille. A filosofia das fábulas tornou-se popular com la Fontaine.

No campo da religião, os protestantes, que tinham reclamado liberdade espiritual, vieram a sofrer restrições, pois podiam tornar-se rebeldes políticos. O édito de Nantes nada dizia sôbre os filhos dos huguenotes e daí obrigarem-nos a educar-se dentro da religião católica.

Os melhores cérebros da Igreja foram os partidários de uma autonomia moderada da Cúria papal em assuntos temporais.

Alguns espíritos escrupulosos, dentro do catolicismo, se refugiaram numa espécie de fraternidade religiosa, que se agrupou à volta da abadia de Port-Royal. Era uma abadia de monjas, onde, durante um certo tempo, Pascal morou.

No século XVIII, não houve grandes filósofos, mas apenas grandes comentadores, mas todos os literatos se julgavam com o direito de filosofar.

Foi uma época em que abundaram os folhetos, mas faltaram as extensas obras. Livros, como o "Contrato Social", de Rousseau, ou as "Novelas", de Voltaire, apresentam um tamanho diminuto em relação aos compêndios, que depois se fizeram.

Após Luís XIV, iniciou-se a regência do duque de Orleans, e depois subiu Luís XV, cujo reinado durou quase meio século. Casou-se com uma princesa polaca bem mais velha que êle. Teve várias amantes, entre elas salientaram-se, a Madame de Pompadour e a du Barry.

Madame de Pompadour era amiga dos filósofos e dos grandes financistas. Conseguiu do rei a expulsão dos jesuítas.

O reinado de Luís XV assemelhou-se ao de Luís XIV, quanto às contínuas guerras, mantidas com outros países,



LUIS XV

porém, nêle, terminaram as campanhas da Guerra dos Sete Anos. Iniciaram-se os estudos relativos ao Direito Internacional. Grótius, holandês de nascimento, escreveu uma obra magistral, "De Jure Belli et Pacis", na qual expôs os princípios de uma jurisprudência para os povos beligerantes.

O Fisco reclamava quase que oitenta por cento do produto das colheitas em contribuições, levas, capitalização, dízimos, etc. As classes superiores da nobreza e clero estavam isentas de impostos. O terceiro estado, que trabalhava na terra, e elaborava os produtos manufaturados pagava todos os gastos. No século XVIII, os gastos de Versalhes consumiam a sexta parte das rendas anuais da Fazenda francesa. Pensões muito dispendiosas eram fornecidas a pessoas que não as mereciam. Estes abusos econômicos, mais que a vaidade belicosa dos monarcas bourbônicos, avivaram as idéias filosóficas que acabaram conver-tendo-se num incêndio revolucionário.

As idéias, expostas por Voltaire, Montesquieu, etc., tôdas elas aludiam ao govêrno constitucional inglês.

Rousseau abriu um novo campo e lançou as bases para novos estudos do homem.

Na ciência surgiu Newton e Lavoisier, que completou o descobrimento do oxigênio, explicando o fenômeno da combustão, assim como o papel que ocupa o oxigênio na respiração.

As ciências naturais receberam uma grande ajuda em Linneu, que teve a simples idéia de classificar os sêres vivos, valendo-se de dois nomes, um genérico e outro específico.

Todos êstes ensinamentos e muitos outros foram incorporados na grande obra do século XVIII, que foi a Enciclopédia. A direção foi encarregada a Diderot e d'Alembert, os *filósofos*, que em seguida compreenderam a tremenda oportunidade de difundir as novas idéias, e mais de que uma obra científica fizeram um livro de propaganda. Tiveram colaboradores como Voltaire, Rousseau, Buffon, Condillac e centenas de outros.

A Enciclopédia teve um grande papel na difusão de idéias novas e, sobretudo, de muitos erros, que produziram para a Humanidade bem amargos frutos, que ainda exercem seu papel em nossos dias.

A RÚSSIA

Em princípios do século XVI, as vastas extensões do norte e leste da Europa estavam divididas em pequenos estados, possuidores de fronteiras incertas e de uma organização medieval.

A Criméia e as planícies do sul da Ucrânia estavam ocupadas pelos tártaros. O verdadeiro fundador da Rússia, como um só estado, foi Ivan III, de Moscou, chamado o Grande, que reinou de 1462 à 1505. Casou-se com a sobrinha do último imperador bizantino, Constantino Paleólogo, e desde aí adotou o título de Czar, sendo o primeiro a fazê-lo. A palavra czar deriva de César (*Caesar*), e era uma distinção concedida pelos augustos ou imperadores bizantinos aos príncipes bárbaros, seus vassallos.

A política de unificação de Ivan foi continuada por seu neto, que ficou conhecido sob o cognome de Ivan, o Terrível. Após êle, subiu Alexis Romanov, e depois, Pedro, o Grande, seu filho, que coroado, em 1690, tentou a empresa de arrebatrar uma pequena região da costa sul, para ali construir um porto, partiu com um grupo armado e atacou Azov, praça fortificada dos turcos. Não foi, porém, feliz, e os turcos o repeliram. Pedro não esmoreceu, e mandando chamar técnicos em carpintaria e artilharia, da Áustria e da Holanda, conseguiu preparar uma frota, com a qual voltou a atacar os turcos. Conquistaram, desta vez, Azov e ali construíram um grande arsenal.

Pedro, o Grande, realizou uma viagem, juntamente com uma comitiva russa, a vários países europeus, e, nesta feita, teve a oportunidade de entrar em contacto com os europeus.

A política de Pedro, o Grande, interveio em todos os detalhes da vida do seu povo, promulgando leis sobre os

modos de vestir, a maneira de edificar casas, contar os anos, etc. Chegou a Rússia a ter, durante o seu reinado, quase os mesmos atuais limites fronteiriços. A Sibéria, que era inteiramente incógnita, ficou constituída como uma das oito províncias do grande império russo.



Catarina II da Rússia

Realizou tratados com a Turquia; ordenou a invasão da Livônia; conquistou a Finlândia, e, na desembocadura do rio Neva fundou uma nova capital, Petersburgo. Mos-

cou permaneceu como uma cidade santa. Fundou também a Academia de Ciências, que seria ao mesmo tempo universidade, liceu e escola elementar.

Ao morrer, seus filhos eram de menor idade, pois o mais velho Alexei já falecera, e daí ter deixado o reinado para a sua segunda esposa, Catarina.

Catarina reinou somente dois anos, logo subindo Pedro II, e após um período de graves desordens, Pedro III, casado com aquela que completaria a obra de Pedro, o Grande, Catarina II.

Pedro III foi forçado a abdicar o poder para Catarina, princesa de sangue alemão, mas que demonstrou ser uma perfeita eslava. Reinou até o ano 1796; isto é, mais de trinta e três anos, e realizou um ótimo governo.



FREDERICO, O GRANDE

Enquanto no extremo oriental da Europa se criava o grande império, iniciado por Pedro I e continuado por Catarina II, dois outros estados se transformavam e se estruturavam. No norte, a pequena região de Brandeburgo estava ocupada por imigrantes de várias nacionalidades, Frederico III começou a dar-lhes consciência de unidade nacional, e o imperador da Áustria, para obter o seu apoio, deu-lhe o título de rei, e desde aí se chamou Frederico I.



Frederico o Grande



Carlos de Línneo

O filho deste monarca começou a formar o exército, impondo-lhe um carácter de disciplina. Recrutava as suas milícias da mesma forma que hoje chamamos serviço militar obrigatório. Ao lado desta força, criou outra, de choque, composta de mercenários, recrutados em toda a Europa e submetidos a uma disciplina férrea. A Prússia era assim uma nação disposta à guerra. Com estas forças, assim for-

madras, Frederico II, chamado o Grande, tomou parte em tôdas as guerras européias da sua época. Pretendeu o trono da Áustria, que fôra dado a Maria Teresa, filha de Carlos VI, e começou a instigá-la com campanhas incessantes. Frederico II, o Grande, conseguiu com tôdas estas lutas dar ao seu país a reputação de nação forte, a ponto de poder intervir como fator predominante na política européia.

O reinado de Maria Teresa não foi pacífico, mas conseguiu estabilizar o império austro-húngaro, que tinham dentro das suas fronteiras uma mescla de povos diferentes. De forte carácter e profundamente conservadora, fêz da Áustria um país reacionário e conservador, enquanto seu filho, José II, deu a Viena, o aspecto de cidade artística européia. Sua filha Maria Antonieta partiu para a França para casar-se com o Delfim.

Foi o período dos grandes músicos: Bach, o grande revolucionário da música de sua época. Haydn, Mozart, Haender e muitos outros.

INDEPENDÊNCIA DOS ESTADOS UNIDOS

A colonização da América do Norte não se fez segundo regras fixas. Os ingleses e franceses começaram a povoá-la, atribuindo-se a prioridade do descobrimento: os ingleses a Cabot, que viera por conta da coroa, e os franceses a Verrazzano.

No reinado de Isabel, a região da Virgínia foi apresentada ao navegante Sir Walter Raleigh.

Em geral, a Coroa, deixava às companhias e *proprietários* inteira liberdade de organização; reservando-se o direito de fiscalizá-las por meio de um governador. Daí a diversidade de população e formas de governo, que vamos encontrar na América do Norte. Assim, os puritanos pertencentes ao grupo religioso dos *santos*, ou dos *cabeças redondas* do exército de Cromwell, foram pevoar a Virgínia. O primeiro grupo partiu em agosto de 1620, no veleiro que se tornou histórico, o *Mayflower*. Foram eles que fundaram a cidade de Boston.

Outros dissidentes da Igreja anglicana, os chamados *quakers*, fundaram uma colônia na Pensilvânia.

Dêstes dois núcleos partiram colonizadores para outras terras. Em meados do século XVIII, ao princípio da revolução, já eram em número de treze, independentes uma da outra, com acesso ao litoral atlântico e perdendo-se no interior do vasto continente.

Quanto aos franceses, a sua colonização deu-se de forma diferente. Em 1598 estabeleceu-se o primeiro *post* para o comércio de peles em Tadussac, na desembocadura do rio São Lourenço. Daí, a colonização começou a processar-se. Em 1683, La Salle, partindo da região dos Grandes Lagos,

chegou até a desembocadura do rio Mississipi, no golfo do México. Assim as colônias inglesas ficavam cercadas por territórios franceses, localizados ao oeste, territórios que foram formar junto com o Canadá a Nova França.

Da Itália, Napoleão começou a preparar-se para atacar o Egito. Em Toulon preparou uma frota. Atacando o Egito, preparava-se para atacar a Inglaterra pelas costas e ameaçar a Índia. Seus navios, entretanto, tinham sido destruídos pelos ingleses em Abukir, e não havia meio para passar ao continente.

Ao mesmo tempo os países, que viam nestes ataques de Napoleão o perigo eminente, começaram a atacá-lo.

O Diretório não podia manter-se, e uma reforma era necessária. O ex-abade Sieyès elaborou um projeto, no qual se substituiu o poder executivo de cinco Diretores por dois cônsules. Por fim, foi feito um novo Governo, formado por três cônsules: Sieyès, Bonaparte e Roger-Ducos, que, com outros vinte e cinco membros, deviam redatar a nova Constituição, que se submeteria a um plebiscito.

Napoleão dividiu a França em departamentos e prefeituras que até hoje existem. Nomeava os prefeitos e êstes, por sua vez, os conselheiros municipais e prefeitos municipais.

Napoleão ficou só no consulado e, por fim, se declarou cônsul vitalício.

É neste período que se iniciam as vitórias militares de Napoleão, e por fim tomou título de Imperador da França.

Venceu a Áustria em Austerlitz, que não está muito longe de Viena. Ainda restavam a Prússia e a Rússia; a primeira, com a batalha de Iena, ficou inutilizada, e a Rússia foi vencida em Friedland. Fraternalizou-se com o czar Alexandre, e juraram amizade eterna. Alharam-se os dois para destruir o poder da Inglaterra e, para isto, atacaram a península ibérica, sofrendo contudo, sérios reveses.

Casado com Josefina, quis separar-se, pois não tivera filhos e casou-se com a filha do imperador Francisco II, da Áustria, de cuja união nasceu um filho.



Maria Antonietta



Havia, porém, a Espanha, onde Wallington fizera fortificações quase inexpugnáveis. A aliança com o czar acabou, e em 1812 no golfo do México, La Salle fundou a colônia de Luisiana, e usando o Mississippi como meio de comunicação, uniu as possessões do norte com as do sul. Desta forma, os ingleses encontravam-se impedidos de penetrar mais pelo interior, pois os franceses, haviam iniciado a construção de fortes para se salvaguardarem dos ataques indígenas.

A guerra colonial entre franceses e ingleses durou quatro anos. Acabou em 1759, com a tomada da cidade de Quebec, que era colônia francesa. Desta forma, o Canadá ficava anexado aos ingleses. Iniciou-se a conquista das vastas regiões do Oeste, e várias famílias pioneiras vão radicar-se nos férteis vales do rio Ohio e Mississippi.

Mas as colônias não estavam satisfeitas com a metrópole, os impostos variavam muito, mas o que mais exaltou os colonos foi a questão do direito de lançar impostos.

Na assembléia de Massachusetts, reunida em maio de 1764, no município de Boston, chegou-se ao acôrdo de não ter o rei da Inglaterra direito de impor contribuições às colônias, sem o seu consentimento. Pediram adesão das outras colônias e cinco delas se manifestaram a favor, mantendo o princípio fundamental da cidadania inglesa: nenhuma contribuição sem o acôrdo do Parlamento colonial. O impôsto do sêlo fôra aprovado pela Câmara dos Lordes e dos Comuns de Londres, mas as colônias americanas não tinham ali representação. Daí poderem, naturalmente, revoltar-se.

Enviou-se a Londres Benjamin Franklin, que nascera na cidade de Boston. Franklin seguia o pensamento que só a união das treze colônias lhes daria força e as faria sobreviver, caso contrário pereceriam.

O impôsto do sêlo sofreu sérias críticas por parte de elementos ingleses e malogrou. Contudo, o Governo inglês substituiu-o pelo impôsto de alfândega, em relação a certos produtos, como o chá, o vinho e outros artigos, que eram exportados às colônias.



LUIS XVI

Várias rebeliões de americanos se iniciaram devido a êste novo impôsto, e atiraram ao mar a carga de um navio inglês, fato que se deu no dia 16 de dezembro de 1773.

Na Inglaterra, esta provocação ficou conhecida como o "motim do chá" e foi enviado um exército para manter a paz na região. As outras colônias, ao saberem da chegada do exército inglês indignaram-se, e reunido-se num Congresso, em Filadélfia, redataram um memorial que era quase um ultimatum ao rei da Inglaterra.

Mas a situação piorava. As tropas chegaram a Boston e os colonos começaram a armar-se. Um primeiro encontro deu-se no dia 16 de abril, e poucos dias depois já contavam os colonos com um exército de 16.000 homens armados.

O Congresso reuniu-se um ano depois, e resolveu, unanimemente, aprovar a rebelião e formou-se um exército continental, cuja chefia foi dada a Jorge Washington. Começou o trabalho de Washington para reunir os rebeldes e formar um exército que estivesse à altura do exército inglês. As lutas começaram a processar-se, e em 1776 os ingleses foram obrigados a abandonar Boston. No dia 4 de julho do mesmo ano, o Congresso, reunido em Filadélfia, aceitava, por unanimidade, a Declaração da Independência, redatada por Thomas Jefferson.

Os anos transcorridos desde a Declaração da Independência dos Estados Unidos da América até a eleição de Washington, como primeiro presidente (1789), cada uma das treze colônias, que se tinham associado para lutar contra a metrópole, considerava-se independente ou com direito de ser independente. Cada uma procurou e estruturou uma Constituição de Estado. Entretanto, estas divergiam muito, sendo a mais perfeita a de Virgínia.

Durante todos êstes anos continuou a guerra contra os ingleses, único laço que unia as colônias. Devido às necessidades apresentadas, pensou-se em formar uma confederação, e para isto um Congresso Revolucionário nomeou um grupo, que acabou por redatar uns "Artigos de Confederação e União perpétua".

O Govêrno Central tinha se estabelecido em frágeis fundamentos e daí a sua completa ineficacidade. Foi pro-

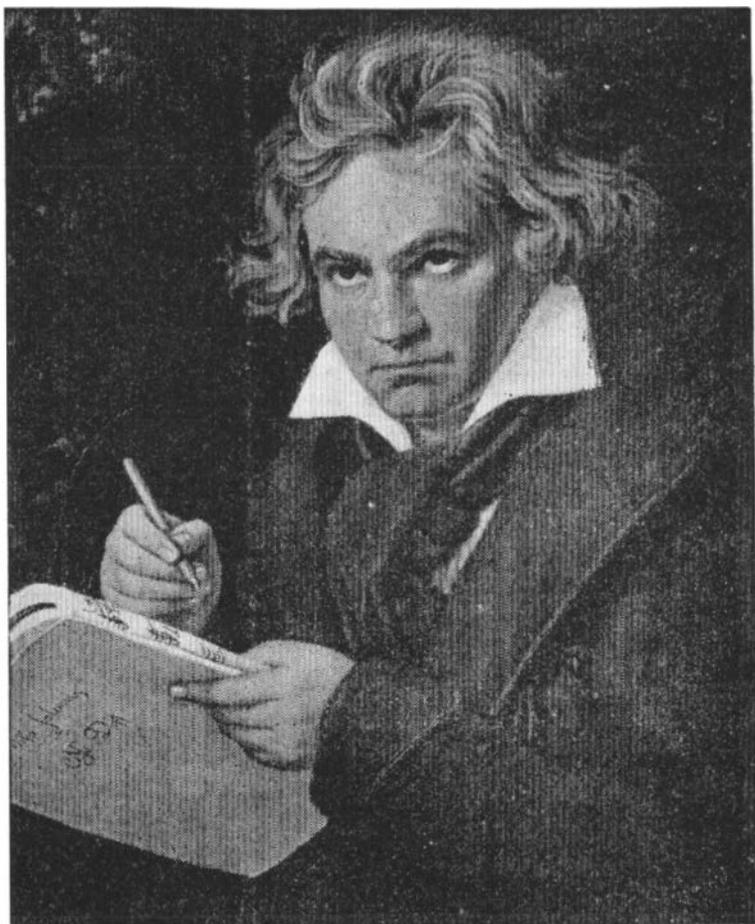
posta a reunião de uma Convenção para organizar a Confederação e esta acabou reunindo-se em Filadélfia. Alguns dos delegados, que eram em número de setenta e três, eram homens de grande patriotismo. Havia entre eles homens que mais tarde participaram no governo da nação que ali se iria criar.



Benjamin Franklin

As discussões foram muito longas e penosas, mas, mesmo assim, em 1788, seis anos antes da convocação dos Estados Gerais da França, já estavam elaborados os estatutos.

O primeiro ponto a ser discutido foi a respeito do título a ser dado à Constituição. Chamou-se ela "Constituição do Povo dos Estados Unidos da América". O Parlamento, chamado Congresso, ficou dividido em duas Câmaras:



Beethoven

o Senado, onde cada estado, pequeno ou grande teria uniformemente dois votos, e a Câmara popular, com deputados eleitos em proporção ao número dos habitantes de cada Estado.

Assim, uma lei, uma vez aprovada pelas duas Câmaras, passa ao Presidente, e se em dez dias não se opõe a ela, automaticamente entra em vigor. Se dentro de dez dias o Presidente a devolve ao Congresso, especificando as razões do seu veto, as Câmaras podem votá-la outra vez, e se é aprovada pelos dois terços de ambas Câmaras (deputados e senadores). o presidente já não pode evitar a sua ratificação.

Um terceiro organismo de grande importância nos Estados Unidos é o Tribunal Supremo (Supreme Court), cuja missão é unicamente velar pela manutenção do regime e que os estatutos da Constituição não sejam infringidos nem pelos indivíduos nem pelos Estados.

Aprovada em 1781, o Primeiro Congresso Constitucional elegeu, por unanimidade, Washington como Presidente dos Estados Unidos. Tomou êle posse no dia 30 de abril de 1789. Nomeou, como ministros do Estado e da Fazenda, Tomas Jefferson e Alexandre Hamilton. Reeito por unanimidade quatro anos depois, recusou, entretanto, uma terceira reeleição.

O terceiro presidente foi Jefferson, que comprou a Luisiana, possessão francesa. Mais tarde, em 1810, ocuparam a Flórida ocidental e em 1819 a Flórida oriental, ambas possessões espanholas.

A expansão para o interior dos Estados Unidos dava-se a largos passos, e na política internacional se evidenciaram com a famosa declaração chamada "Doutrina de Monroe", redatada em 1823, pelo presidente Monroe, cuja tese fundamental está contida na frase "A América para os Americanos", que animou os movimentos de Independência em todos os Estados da América do Sul e Central.



A REVOLUÇÃO FRANCESA

O herdeiro de Luís XV era um jovem príncipe de vinte anos, que se casou com Maria Antonieta, princesa austríaca.

A situação da França era realmente precária. Apesar de estar rodeado de ministros entendidos em todos os negócios, o problema mais importante era de como acabar com o déficit acumulado pelos reinados anteriores.

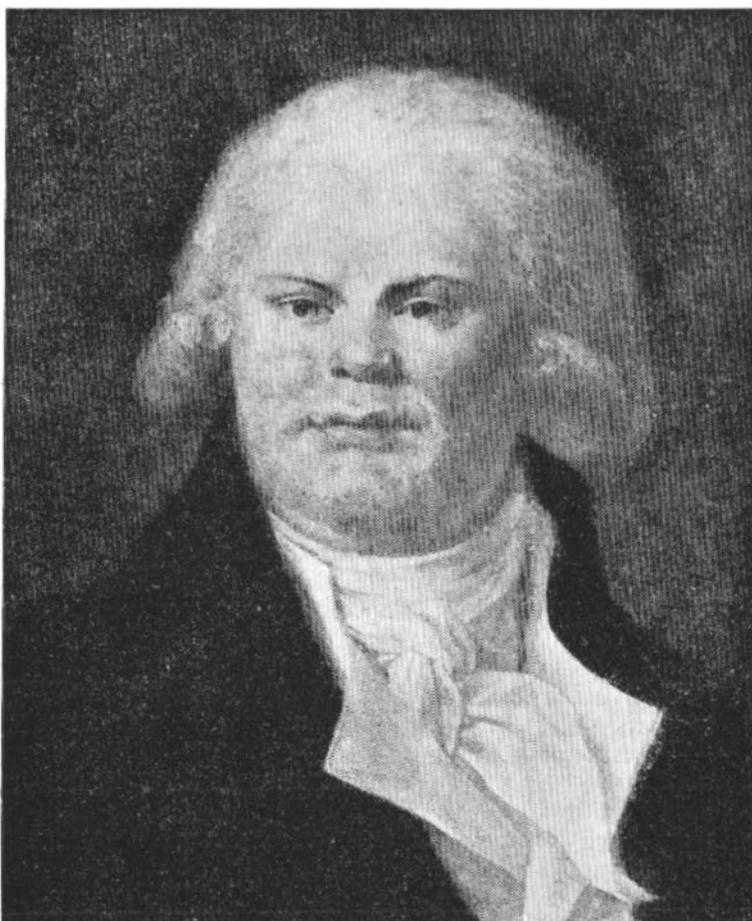
Dois ministros foram muito populares, um deles foi Turgot e o outro Necker; um era partidário do comércio livre; outro, um decidido estadista, era partidário da intervenção, com a fixação dos preços e regulamentação da oferta e da procura.

Mas o caos administrativo aumentava de dia para dia. Os esforços de Turgot e Necker não foram suficientes para repor em ordem o Tesouro e o déficit aumentava de ano a ano. Necker já propusera uma reforma, que Calonne, seu sucessor, pôs em prática. Consistia em estabelecer um regime de governo regional, com assembleias municipais, assembleias de distrito e assembleias provinciais. Estas assembleias deviam atender a distribuição dos impostos e a nomeação dos oficiais de administração local. Outra reforma de Calonne era a contribuição chamada o vinteavo que seria pago até pelos privilegiados da nobreza e do clero. Nenhuma propriedade seria eximido dela, nem as terras de domínio real se livrariam daquele impôsto territorial.

Escolhidos arbitrariamente na Câmara Real, havia na assembleia somente seis representantes populares; os outros pertenciam às classes privilegiadas.

Contudo, ela logo terminou as suas sessões, sem nada ter feito.

O malôgro desta Assembléia fêz vir à tona a idéia de reunirem-se os Estados Gerais. Reuniram-se finalmente no ano 1789, em Versalhes. No dia 27 de julho, o rei autorizou a união dos três estados e reconheceu o fato consu-



DANTON

mado da Assembléia Nacional. Sua composição era a mesma que a dos Estados Gerais, e propunha-se redatar a Constituição. Contudo, já se davam as turbulências e no dia 14 de julho, grupos da população saqueavam o Hospital

dos Inválidos, e com as armas encontradas, assaltavam a Bastilha, símbolo do poder real.

Repercutiu-se o movimento de saque nas províncias, onde se davam incêndios, degolamentos, etc.



General Lafayette

A Constituição, que estava sendo elaborada, entrou em vigor, aprovada pela Assembléia Constituinte, no ano de 1791. Estêve em vigor sômente um ano e pode-se dizer que nunca foi aplicada.

A Constituição estabelecia que: a soberania residia inalienavelmente na nação, mas esta podia delegar seu exercício a um corpo legislativo e ao rei. A Assembléia seria única e teria 745 deputados, e a França, livre já de suas fronteiras interiores, dividiu-se em 85 departamentos. A duração da Assembléia seria de dois anos, e o rei não tinha autoridade, nem para suspendê-la nem para dissolvê-la. O rei elegia seus ministros e seus cargos eram incompatíveis com o de deputado; os ministros tinham assento na Assembléia, mas só podiam informar em assuntos relativos aos seus ministérios.

O rei jurou manter a Constituição com tôda a sua família, rodeado do povo e da Guarda Nacional, numa grande festa civil celebrada no Campo de Marte. Mas, o primeiro êrro foi excluir por decreto os membros da Assembléia Constituinte, os quais tinham redatado a Constituição de 1791 da primeira Assembléia Legislativa, que dali por diante a applicaria.

Nesta nova Assembléia Legislativa, predominava o grupo chefiado por uns deputados vindos da Gironda, que passaram para a História com o nome de girondinos.

A Assembléia Legislativa aprovara duas leis com as quais se castigava com a perda dos bens e outras sanções, os nobres emigrados, e a parte do clero que não quisera jurar a Constituição. Os emigrados, que eram em numero de quatro mil, estavam dispersos em diversos países europeus e procuravam reunir meios para uma intervenção na França.

O rei vetou-as, e disto se aproveitaram os jornais girondinos e jacobinos, para, desta forma, afirmarem ser o rei amigo dos reacionários, e, portanto, inimigo da nação.

Danton e Robespierre tinham sido eleitos membros do Conselho municipal de Paris, ou seja da Comuna.

Danton aproveitou-se do rei ter vetado e preparou, com seus aliados, o primeiro levante popular, que foi aprovado pela Comuna. A população penetrou no palácio das Tulherias chegando até os aposentos do rei.

Preparou-se um segundo golpe para o dia 10 de agosto. Desta vez, unidos com os manifestantes da cidade, junta-

ram-se jacobinos, vindos de todos os departamentos, para a comemoração do 14 de julho.

Luiz XVI resolveu deixar o palácio junto com a família, e refugiou-se na Assembléia Legislativa. O palácio foi atacado e os guardas degolados.

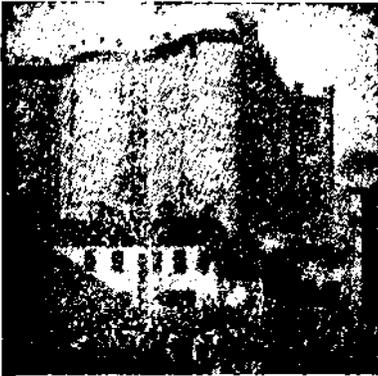


MIRABEAU

A Assembléia resolveu aprovar uma proposta, na qual o rei ficava suspenso do seu pòsto, e, portanto, era necessário convocar uma outra Convenção e redatar uma nova Constituição.

Os jacobinos esperavam dominar a nova Convenção, que herdaria o poder da Assembléia Legislativa, e realmente foram eleitos em grande número. Só pela capital elegeram-se Robespierre, Danton, Marat, Camille Desmoulins e outros.

A Convenção inaugurou suas sessões no dia 21 de setembro de 1792 e durou quase três anos.



A Tomada da Bastilha



Um moinho de vento holandês

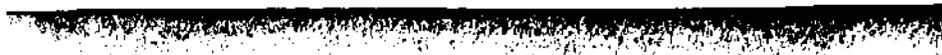
Entretanto, a revolução se processava a passos rápidos. O rei foi acusado de traidor da pátria e guilhotinado na Praça da Revolução, que hoje é a Praça da Concórdia. A rainha, meio ano depois, foi também guilhotinada.

A discussão entre girondinos e jacobinos se tornou mais aguda. Danton acabou sendo guilhotinado e Robespierre também executado. A Comuna foi abolida e os jacobinos perderam sua posição de destaque. Os girondinos iam realizando o novo pacto ou contrato que serviria para substituir a Constituição do ano 1791.

Mas, em 1795, a Convenção abdicou dos seus poderes e ao dissolver-se criou os órgãos de govêrno que deviam

substituí-la, isto é: um Diretório composto de cinco membros iguais em poder, que faziam turno de presidência de três em três meses, e duas Assembléias, uma de Quinhentos Deputados e outra de Cem Anciões. Este regime funcionou durante três anos.

As guerras do Diretório foram em relação ao estabelecimento das fronteiras naturais. Os interesses de outras nações européias não podiam permitir que a França estendesse suas fronteiras. Napoleão propôs, e praticou a guerra como um meio para reforçar o tesouro da Fazenda.



NAPOLEÃO BONAPARTE

Napoleão Bonaparte nasceu na Córsega. Com dezesseis anos já era oficial de artilharia. Tendo sufocado um motim em Paris, foi-lhe conferido o comando do exército que devia ir, através da Itália, atacar a Áustria.

Em 1796, ao iniciar a campanha da Itália, era de constituição franzina e de baixa estatura. Foi chamado de "petit caporal" pelos soldados. Venceu as tropas italianas e austriacas e no Campo Fórmio ditou as condições de paz. A Áustria renunciava a Bélgica e grande parte de suas possessões na Itália, onde Napoleão instaurou a República Cisalpina. A Itália foi obrigada a pagar uma vultosa quantia, e além do mais ceder obras de arte, que foram logo enviadas para Paris. Napoleão queria que o Louvre possuísse obras de arte mais célebres de todo o mundo.

Em Paris seu nome era famoso, pois suas vitórias tinham fortalecido a República.

Napoleão, entretanto, não pretendia voltar logo para Paris, e da Itália, onde se encontrava, começou a preparar uma expedição ao Egito. Tão bem, a organizou, que Nelson não desconfiou do movimento iniciado por Napoleão, que chegou ao seu término com o desembarque em Alexandria.

Dali Napoleão esperava ameaçar a Índia e atacar a Inglaterra pelas costas.

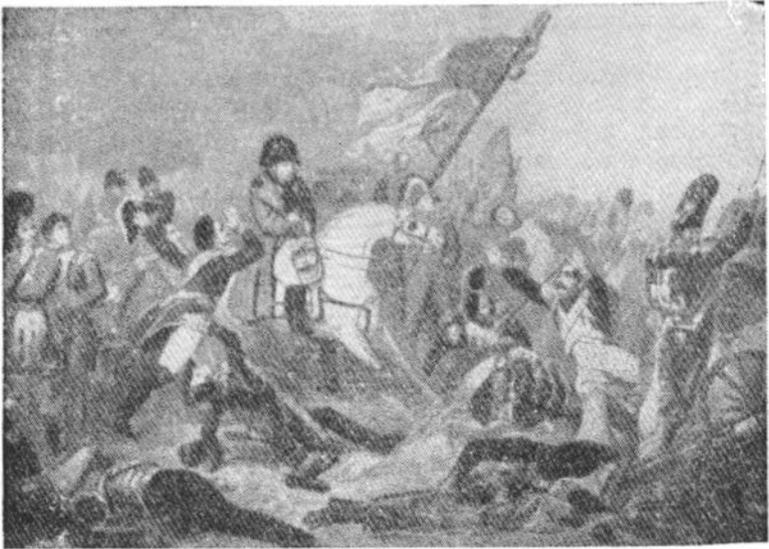
Levava consigo um grupo de sábios, entre eles um que se tornou famoso, o jovem cientista François Champollion.

Napoleão encontrava-se, contudo, sem meios de transporte, pois seus navios tinham sido destruídos por Nelson em Abukir. Em Paris, o Diretório sofria sérios ataques, e

Napoleão não podendo levar adiante seus planos, resolveu voltar, chegando no dia 16 de outubro de 1799, em Paris.

Napoleão dividiu a França em departamentos e prefeituras, que até hoje se mantêm. Eram nomeados os prefeitos por êle, e êstes, por sua vez, nomeavam os conselheiros municipais e prefeitos. O método era o do sufrágio indireto e a eleição definitiva era realizada pelos grandes eleitores: o Cônsul, o Senado e os prefeitos.

Napoleão continuou suas vitórias militares com a conquista da Áustria. A grande batalha aí realizada foi a de Austerlitz, perto de Viena, onde foi feito um armistício.



Napoleão em Waterloo

Ainda faltava a Prússia e a Rússia; a batalha de Iena conquistou o primeiro, e a Rússia foi vencida em Friedland. Esta vitória ocasionou a entrevista em Tilsit entre Napoleão e o Czar, onde ambos se confraternizaram, conjuntamente com todo o exército.

Os dois planejaram realizar uma aliança para bloquear a Inglaterra, que era a única potência que resistia ao pacto de paz.



Napoleão Bonaparte

A esquadra inglêsa vencera a francesa em Trafalgar, mas, mesmo assim, Napoleão não desistiu, e para conseguir seu intento era necessário fechar o comércio inglês com qualquer pôrto europeu. Só faltava para tal a península ibérica, pròpriamente só Portugal, pois a Espanha já acetiara a aliança quase imposta por Napoleão.

As campanhas na península ibérica foram desastrosas para Napoleão, não conseguindo realizar o plano que se dispusera a levar adiante.

Ao mesmo tempo, a Áustria se levantava, e numa campanha fulminante, Napoleão venceu-os na batalha de Wagram. Daí resultou o casamento entre êle e uma das princesas austríacas. Seu primeiro casamento com Josefina não dera um descendente e daí a razão do divórcio entre ambos.

Na Espanha, Wellington tinha fortificado várias regiões com fortalezas que eram quase inexpugnáveis.

A Rússia, esquecendo o pacto realizado em Tilsit, declarava guerra contra Napoleão. Deixando as mesetas espanholas, onde não conseguira uma vitória, Napoleão atirou-se numa campanha, que, no início, foi fácil, contra os russos. Mas ao fim, ao ter já chegado em Moscou, foi desastrosa e êle teve de voltar encontrando tòda a Europa coligada contra êle. Resolveu abdicar. Deram-lhe o título de rei da ilha de Elba. Ali viveu durante dez meses em grande solidão.

No dia 26 de fevereiro de 1814, escapou da ilha a bordo de um navio, e saltou em terra francesa.

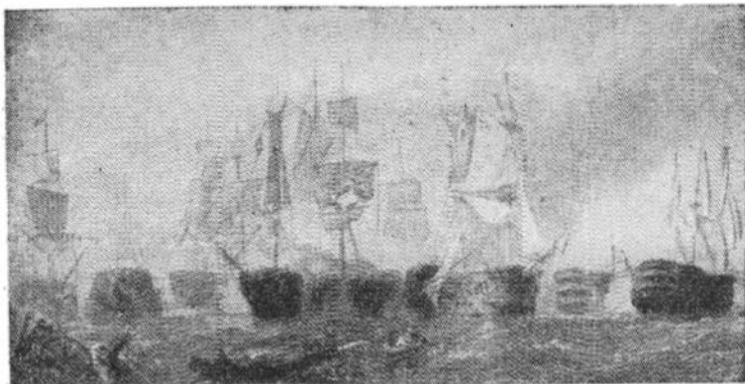
Após a abdicação de Napoleão pensara-se em fazer uma regência durante a menoridade de seu filho. Inglaterra e Rússia se opuseram, pois seria deixar a França à mercê da Áustria. Talleyrand conseguiu que fôsse chamado o conde de Provence, irmão do rei Luís XVI. Não houve muito tempo para ficar no poder, pois Napoleão desembarcou na França e foi aclamado pelos que deviam combatê-lo.

Sòmente existia o Senado, que redatou um projeto de Constituição para salvar do naufrágio algumas conquistas realizadas pela Revolução.

O tempo foi pouco, pois Napoleão chegando, redatou uma nova Constituição, e aquêle rei fugiu precipitadamente de Paris. Criava Napoleão as Câmaras, que eram em número de duas. Apesar das medidas por êle adotadas, continuava a mesma forma de govêrno de antes da sua abdição. Cem dias durou êsse império de Napoleão, que foi derrotado na batalha de Waterloo, na Bégica.

Waterloo trouxe uma nova ocupação de Paris pelos aliados, que além de uma grande indenização, ocupariam durante cinco anos o território francês.

Após Waterloo, regressou Luiz XVIII, e começou o regime constitucional bourbônico, que serviu de modelo a quase tôdas as nações da Europa. Conservaram-se as institui-



Batalha de Trafalgar

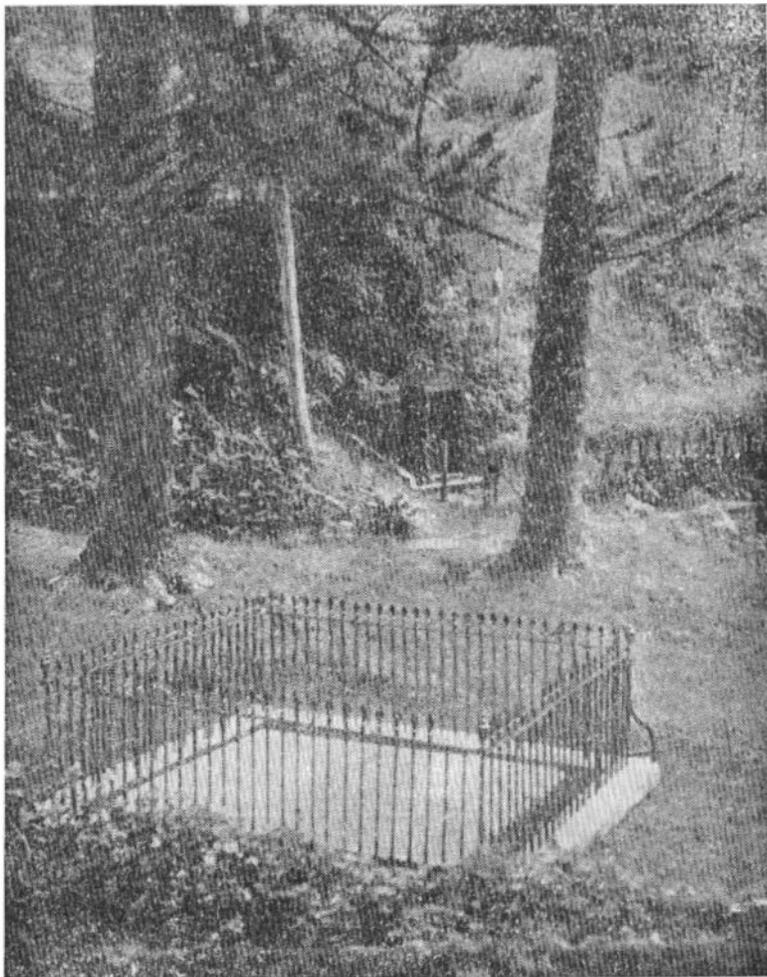
ções estabelecidas durante o Império: Códigos, Concordata, Legião de Honra e até a nobreza imperial.

Nesta época, instalou-se o Congresso em Viena. Tinha sido formada para liquidar os inumeráveis problemas internacionais que a derrota napoleônica havia provocado.

O Congresso inaugurou-se em outubro de 1814, e durou até o ano seguinte. Os personagens mais importantes foram sem dúvida alguma Metternich e Talleyrand. O primeiro atuava por conta do imperador da Áustria, e suas

idéias é que prevaleceram por mais de um quarto de século na Europa.

O segundo vinha tratar em nome da França. A França perdia, segundo o tratado de Paz dos Aliados, muitos



Túmulo de Napoleão em Santa Helena

territórios, que tinham sido por ela anexados no decorrer das campanhas napoleônicas.

As discussões eram tôdas em tórno de como seriam repartidos ou dados êstes territórios. Por fim chegaram a um acôrdo e a Ata definitiva do Congresso foi acompanhada de uma espécie de código, que dava garantia à neutralidade da Suíça e a livre navegação dos rios da Europa.

Também chegaram a um acôrdo com a Santa e Indissolúvel Aliança, com que se pensou iniciar um novo regime de paz e govêrno cristão em tôda a face da Terra. Firmavam como autores do tratado o imperador da Áustria, católica; o czar, ortodoxo da Igreja grega, e o rei da Prússia, protestante. Os reis, com a Santa Aliança, comprometiam-se a ajudar-se mütuamente para combater o mal revolucionário.

Os focos revolucionários, que apareceram, foram sufocados pela Santa Aliança.

A AMÉRICA ESPANHOLA

Em fins do século XVIII, os espíritos revolucionários começaram a ganhar força na América Latina. Procurou-se explicar de diversas maneiras como se teriam estruturado êstes movimentos revolucionários, que eclodiriam em vários países. Uma das razões foi sem duvida a Independência dos Estados Unidos e a Revolução Francesa, que exerceram grande influência nos sul-americanos.

O primeiro rebelde da história é Miranda, nascido em Caracas, no ano de 1756. Lutou contra o domínio espa



Simon Bolívar com o Conselho de Guerra antes do início da campanha de Nova Granada

nhol, fazendo sua propaganda em vários países, sem conseguir o que planejava. Logo depois apareceu um jovem forte e temerário: Bolívar, também nascido em Caracas. Os

primeiros anos de sua vida foram dissipados numa vida vã. Ao realizar uma viagem à Europa, na Jamaica teve uma espécie de revelação, chegando à conclusão de que a América espanhola tinha um futuro diferente do presente que gozava. Lutou contra as tropas espanholas, primeiramente na Venezuela, onde dirigiu os rebeldes. A batalha, travada nas terras da Nova Granada, atual Colômbia, nome que foi dado por Bolívar, tinha o intuito de incluir também a Venezuela e Equador, pensando formar, com a junção dos três a Grande Colômbia.

San Martin outro revolucionário famoso, teve uma entrevista com Bolívar, que ficou na história espanhola.

San Martin nascera em Yapeyú, na república de Corrientes, Argentina. Lutou pela independência sul-americana, primeiro no seu próprio país, depois no Chile e no Peru, onde entrevistou-se com Bolívar.

As lutas, entretanto, continuaram no Peru, e os revolucionários pediram auxílio a Bolívar, que aceitou a responsabilidade. Na planície de Ayacucho, deu-se a última batalha entre as tropas espanholas e os insurrectos, vencendo estes.

Aí começou o longo trabalho de consoliidação das regiões libertadas.

ABSOLUTISTAS E CONSTITUCIONALISTAS

A Revolução Francesa não terminou, segundo se crê, com o Império. As lutas continuaram após Napoleão. Os Bourbons insistiam nos seus direitos de soberanos pela graça de Deus, e outorgavam liberdades constitucionais como um favor gratuito.

O rei Luís XVIII não deixou descendentes e a sucessão recaía, desta forma, em seu irmão. Este estava convencido de que a única forma era restabelecer o absolutismo, com tôdas as suas conseqüências.

A oposição liberal se manifestava de diversas formas. Uns se contentavam com uma *monarquia constitucional*, isto é, que o rei podia escolher seus ministros, sem ter em conta a maioria do Parlamento. Outros, ainda monárquicos, exigiam uma *monarquia parlamentar*, e queriam que o rei escolhesse seus ministros entre os membros da maioria parlamentar, e que os ministros fôsem responsáveis, não sômente judicialmente, mas também politicamente: o Ministério em péso, teria que se demitir se as Câmaras lhe dessem um voto de censura. Por fim havia um partido de opinião *república*, irreconciliável com a forma monárquica.

Durante o reinado do rei Luís XVIII, o chamado rei bonachão, não foram permitidos excessos reacionários, mas logo que subiu seu irmão Carlos X, começaram a dar-se os movimentos que até então tinham permanecido no setor das palavras e idéias. Começou por fazer-se coroar na catedral de Reims, como tinham feito os antigos reis da França. Quis restabelecer a velha e decadente nobreza e, para tanto, era preciso indenizá-la dos bens confiscados pela Revolução. Fêz várias outras reformas e a crise fatal deu-se do período que foi do dia 26 de julho ao dia 9 de agosto de 1830.

A população amotinou-se devido a um decreto, cujo motim tomou o nome de "Revolução de Julho".

O trono ficou livre, pois Carlos X fugiu para a Inglaterra. Foi êste oferecido ao duque de Orléans, que tomou o título de Luís Filipe, "rei dos franceses, pela graça de Deus e vontade da nação". Chamou-se a esta monarquia de "Monarquia de Julho", que durou até 1848. Seu reinado foram anos de fermentação e ebulição intelectual, assim como de uma forte propaganda revolucionária. A burguesia enriqueceu-se, ultrapassando a nobreza, e iniciam-se os movimentos anárquicos e socialistas.

Os grupos políticos começaram a desertar da Monarquia de Julho. Os republicanos, irreconciliáveis com a restauração, separaram-se, seguiram-se os legitimistas, um grupo liberal e um católico, assim como os proletários, cada vez mais numerosos, mantiveram-se também na oposição.

Era inevitável a queda de Luís Filipe, pois, desamparado pelos nobres e pelos burgueses, viu-se obrigado a fugir sob um nome falso para a Inglaterra.

A importância desta revolução é que foi internacional. Todos os países europeus sentiam a necessidade de encontrar uma solução democrática para substituir o absolutismo que imperava em todos os países europeus. A Europa se agitava em vão, o que prepararia campo para as reformas sociais, que já então se processavam, mas tomariam um maior impulso, chegando a modificar radicalmente a política de certos países.

A Europa estava impregnada do romantismo. Um dos precursores é Rousseau. O romantismo foi estimulado pelo descobrimento da Idade Média, em fins do século XVIII. Assim os cancioneiros provençais, os poemas do ciclo carolíngio, as romanzas celtas foram publicadas, modificadas e muitas vezes falsificadas.

O nome foi dado por Frederico Schlegel como foi êle quem precisou a parte teórica.

Apareceram vultos como Goethe, Stendhal, Walter Scott, Vitor Hugo, poetas como Shelley, Keats, Schiller, Heine e muitos outros.

Na Inglaterra começou já de uma forma exagerada com Blake, pintor e poeta e continuou com Coleridge.

Na música apareceu um Beethoven, um Schubert, Mendelsshon, Schumann, Chopin, Berlioz, Litzz, etc.



Rainha Victória de Inglaterra

Nas artes plásticas não houve um desenvolvimento como na poesia e na música. Na arquitetura produziu-se um renascimento do estilo gótico.

A Revolução Francesa destruiu o antigo regime baseado nos privilégios da nobreza e do clero, transferindo o poder para a burguesia. Mas, notava-se não ser ainda a época propícia para uma mudança social de tal envergadura as quais eram propagadas pelas declarações dos princípios, em grande parte mais filosóficos que práticos. Mas, os projetos de Saint-Simon, Fourier e vários outros reformadores do início do século XIX, predispueram a compreensão do moderno socialismo.

Por outro lado, o mundo ocidental fôra sacudido por um grande número de invenções. Com a independência das colônias inglesas na América, a Revolução Francesa e sobretudo as guerras napoleônicas, novos caminhos para o comércio fomentaram o progresso das indústrias.

O invento, mais importante, sem dúvida, foi o da máquina a vapor. Depois de uma série de pesquisas científicas, as indústrias começaram a utilizar em larga escala a máquina a vapor.

As máquinas de tecer começaram a ser melhor aparelhadas, o que ocasionou um grande aumento da indústria têxtil. Enquanto na Inglaterra a especialização era maior nos tecidos de algodão, na França se dava nos tecidos de seda e lã.

A metalurgia sofreu um grande desenvolvimento. Intensificaram-se os meios de transporte, abriram-se novas estradas de ferro, iniciou-se a exploração de minas, etc.

Verificava-se contudo, que, apesar de todo êste imenso desenvolvimento, as classes obreiras continuavam na mais negra miséria.

Após a revolução de 1830, subiu ao poder, na França, Luís Filipe, cujo govêrno passou por intensas agitações políticas. Teve notáveis ministros, entre êles: Thiers e Guizot. As questões sociais difundiram-se e sofreram um grande impulso na França. Louis Blanc e Proudhon expuseram suas idéias, e Carlos Marx escreveu seus livros mais tarde famosos.



Napoleão III

Após Luís Filipe, iniciou-se o período chamado de Segunda República. Várias reformas democráticas se realizaram, entre elas a do sufrágio universal, concedendo-se o direito de voto a todos os cidadãos com mais de vinte anos de idade.

Promulgada a Constituição, procedeu-se a eleição do Presidente da República, para cujo cargo foi escolhido Luís Napoleão, sobrinho de Napoleão Bonaparte. Em 1852 um plebiscito transformou a República em Império, e Luís Napoleão tornou-se imperador com o título de Napoleão III.

Governou com um pendor pessoal sem restrições. Durante o seu reinado grandes obras públicas se levaram a termo em toda a cidade de Paris. A reforma de Paris foi realizada por um prefeito com poderes ditatoriais, que se chamava Haussmann. Mandou abrir os *boulevards* (até hoje existentes em Paris), deu a cidade o aspecto que tão bem a caracteriza, mantido até hoje. Terminou as obras do Louvre, construiu a Opera e os grandes Mercados. Paris atual é ainda Paris do Segundo Império, modelada por Haussmann.

Na política exterior, combateu os russos na Guerra da Criméia. A última campanha do reinado deste imperador foi contra a Prússia, que se tornara um poderoso estado militar; mas a França foi derrotada em Sedan (1870) e a República foi novamente programada em Paris.

A primeira aventura colonial francesa, do século XIX, foi na Argélia.

Apesar das mudanças dinásticas e das revoluções, a França organizava o seu Império colonial, que fôra desfeito pelas guerras do século XVIII e Napoleão. Não mais restava que cinco estabelecimentos na Índia; nas Antilhas, conservava somente Martinica e Guadalupe; evacuara o Canadá e vendera a Luisiana, e, na Africa, um pôsto na costa do Senegal e a ilha de Bourbon.

O mesmo sistema, que usara na Argélia, foi usado no Senegal, chegando a atingir o rio Niger. Outra região, onde os franceses penetraram, foi a Indochina. Os três reinos: Sião, Laos e Cambodge, que constituíam a Indochina, estavam em estado de dependência com relação à China.

Com a derrota ante prussianos, a França teve de dar a Alsásia, parte da Lorena, e pagar cinco bilhões de francos.

Em 1894, foi concluída com a Rússia uma aliança defensiva para manter a paz e o equilíbrio europeu; em 1904, constituiu-se a Tríplice Aliança (França, Rússia e Inglaterra).

Nas conferências internacionais de Haia (1898 e 1907), a França, para evitar a guerra, defendeu o programa da limitação do armamento. Entretanto, a Alemanha continuou a armar-se e a preparar-se, e em 1914 iniciou-se a Primeira Grande Guerra deste século.

A FORMAÇÃO DA UNIDADE ITALIANA

Após o Congresso de Viena, a Itália estava dividida em sete estados. O reino Lombardo-Veneziano pertencia ao Imperador da Áustria; aos príncipes austríacos, os ducados de Parma, Modena e Toscana; sob a direção do papa encontravam-se os Estados da Igreja; e o Reino das Duas Sicílias era governado pelos Bourbons.

Apesar de todos os monarcas serem inimigos da forma democrática as idéias revolucionárias continuavam propagando-se. Em quase todos os estados apareceram e difundiram-se sociedades secretas, organizadas, tendo em vista um fim: realizar a unidade italiana. As mais conhecidas foram: a dos *carbonários* de Nápoles, que se congregaram, inicialmente, em choças de carvoeiros, e cuja principal cláusula do juramento supremo era acabar com os reis. Os carbonários conseguiram difundir-se, atingindo a região norte, estendendo-se até fora da Península.

Mas o laço que unia os italianos, apesar da separação ocasionada pelas fronteiras, era a língua.

Um patriota genovês, Mazzini, propôs como solução para uma completa união, a formação da República unitária, barrando os tronos, únicos interessados em conservar fronteiras dentro da Península. Com êste intuito, Mazzini viajou por vários países, pregando suas idéias e estabelecendo contacto com revolucionários de outras nacionalidades. Mazzini não era, contudo, o homem indicado para uma ação revolucionária. Quem devia ocupar êste lugar era o já famoso Garibaldi, que lutara nas guerras civis do sul do Brasil, do Uruguai e Argentina, enquanto Mazzini realizara todo seu movimento revolucionário através de panfletos e discursos.

Chegaram ambos à conclusão de que a Itália não se desembaraçaria da Áustria, a não ser possuindo um rei e um exército regular, assim era preciso escolher um monarca, e foi eleito o rei do Piemonte, que declarou guerra ao Imperador austríaco, mas depois de obter alguns triunfos iniciais, foi vencido. Abdicou em favor do seu filho Vitor Emanuel II, que aceitou as condições de paz propostas pela Áustria.

Cavour, excelente ministro de Vitor Emanuel II, por meio de medidas administrativas, promoveu o desenvolvimento econômico do Piemonte. Desta forma, teve a possibilidade de organizar um exército, fator indispensável para uma campanha de unificação. Piemonte necessitava do auxílio de uma nação européia para sustentar uma guerra contra a forte e bem armada Áustria, e para isto Cavour, com sua sutileza, aliou-se aos ingleses e franceses, na luta contra os russos na guerra da Criméia. Chegaram a partir quinze mil piemonteses, que foram tomar parte no cerco de Sebastopol, e gastaram-se milhões, que foi o preço do esforço realizado pelo reino de Piemonte. Cavour conseguiu uma cadeira no Congresso de Paris, e em 1856 defendeu a causa da Itália contra a dominação austríaca.

Napoleão III, no auge do seu prestígio, mandou chamar Cavour e com êle estabeleceu o ataque à Áustria. A guerra começou em 1859, e os austríacos foram derrotados em duas grandes batalhas: a de Magenta e Solferino. Temendo uma guerra com a Prússia, Napoleão assinou um tratado de paz com a Áustria, por meio do qual os austríacos continuavam a ser donos de Veneza, mas cediam a Lombardia, formando os italianos uma confederação, sob a presidência do Papa.

Entretanto esta organização política da Itália não foi do contento dos patriotas, pois ainda não se conseguira a unidade esperada. Garibaldi, com um grupo de voluntários, desembarcou na Sicília, conquistando-a. Depois atravessou o estreito de Mesina e entrou em Nápoles, tomando assim o Reino das Duas Sicílias, onde saudou o rei Vitor Emanuel com o título de "Rei da Itália".

Faltava somente, para completar o quadro, Veneza, que pertencia à Áustria, e Roma, domínio papal. Aliando-se com os prussianos, Vitor Emanuel conseguiu Veneza.

Roma mantinha-se sob o poder do papa com uma guarnição francesa que a defendia. Garibaldi tentou tomá-la, mas foi derrotado, só realizando êste intento em 1870, e o govêrno italiano promulgou a Lei das Garantias, com a qual o govêrno assegurava a inviolabilidade do Papa e a liberdade dos concílios. O papa preferiu ficar prisioneiro voluntário do rei da Itália, mas com liberdade de comunicação com o resto do mundo católico.

Em 1929, Mussolini assinou com Pio XI o *Tratado de Latrão*, com o qual era restabelecido o poder temporal do Papa, que ficava reconhecido como o chefe do *Estado* do Vaticano.



A FORMAÇÃO DA ALEMANHA

A Alemanha encontrava-se dividida em pequenos reinos, principados, ducados e cidades livres, quando sua unificação num Império foi levada a cabo por Bismarck.

Antes das guerras napoleônicas existiam mais de trezentos estados alemães, mas com o Congresso de Viena, foram restaurados só em parte. Por obra de Metternich, a Alemanha ficou dividida em trinta e oito estados.

A Áustria interessava-se em deixar a Alemanha dividida em pequenos estados, pois assim continuaria mantendo o seu domínio. Em 1819 formou-se a "união alemã aduaneira, que suprimia as alfândegas entre os estados. Iniciava-se a *unidade econômica* precedente da *unidade política*.

Bismarck nasceu em 1815. Em 1848 foi planejada a unificação da Alemanha sob a forma de um Império. Os deputados de todos os estados uniram-se num parlamento, realizado em Frankfurt, e chegaram ao seguinte acôrdo: oferecer a coroa ao soberano da Prússia, reino pertencente à confederação. O rei prussiano foi Guilherme IV, que recusou a coroa, temendo a hostilidade da Áustria, o que fêz ruir por terra a união planejada em Franckfurt.

Em 1862, Bismarck foi nomeado ministro de Estado da Prússia, cuja coroa estava com o rei Guilherme I. O chefe de estado maior era Moltkú, e com o auxílio dos dois, conseguiu o rei fazer do seu reino uma grande potência militar, vencendo a Dinamarca, a Áustria e a França, em guerras sucessivas.

A Prússia possuía então o mais eficiente exército do mundo. A campanha contra a Áustria foi fulminante, após

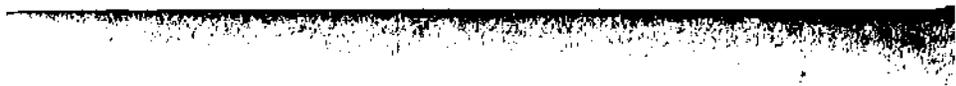
um mês e meio, caiu vencida na batalha de Sadova (1866). Os estados da Alemanha se dividiram em dois grupos: um formando a Confederação do Norte, e o outro a do Sul. A do norte, dirigida pela Prússia, teve Bismarck por reorganizador e foi governada por duas assembléias, uma quase dupla Câmara, como a da Constituição Americana.

Entretanto, os alemães do sul tinham idéias opostas aos prussianos. Para solucionar esta opposição, Bismarck reuniu todos os alemães contra um vizinho comum, que veio ser a França. Não havia, porém, motivo para uma guerra, e Bismarck, muito hàbilmente, procurou uma forma para tal se dar. Um golpe de estado destronara Isabel II do trono espanhol e o lugar estava aberto a um rei liberal, já que a República era prematura em tal país. Bismarck manejou de tal forma os acontecimentos, que a candidatura mais possível era a de Leopoldo de Hohenzolern, sobrinho do rei da Prússia. Napoleão III, temendo o engrandecimento da Prússia, protestou, e conseguiu a renúncia do príncipe Leopoldo. Os outros países europeus tomaram posições em tal questão: a Áustria, que apoiava a França; a Inglaterra que reconhecia que as negociações constituíam uma ofensa; a Itália, que pregava a paz; e a Rússia, que dava conselhos. O príncipe Leopoldo, ante tal situação, renunciou, mas a França procurou obter novas garantias do rei Guilherme, com o compromisso de nunca deixar alguém de sua família ocupar o trono espanhol. O rei alemão recusou-se a tratar de negociações com o embaixador francês. A França tomou isto por ofensa, e declarou guerra à Prússia.

O exército prussiano, superior ao francês, derrotou o general Mac Mahon e ocupou a Alsácia, invadiu a Lorena e cercou Metz. Como castigo, a Alemanha despojou a França da Alsácia e da Lorena. Alsácia era fronteira e alemã em todos os sentidos, portanto sua anexação era justificada; a Lorena, como possuidora de ricas minas de ferro, era uma rica prêsa.

Em 2 de setembro de 1870, deu-se a batalha de Sedam, que, apesar da bravura manifestada pelas tropas francesas, caiu em mãos prussianas, e logo após se deu o cêrco de Pa-

ris. Esta não resistiu e a França perdeu a guerra. Em 18 de janeiro de 1871, no Palácio de Versalhes, foi feita a proclamação do Império Alemão, sendo aclamado imperador, Guelherme I. Os estados da Confederação do norte uniam-se aos do sul, e reconheceram o rei da Prússia como imperador da Alemanha. O Reich, ou Império alemão, deixava aos antigos soberanos certa autonomia, mas permaneciam como feudatários do rei da Prússia. O Kaiser tinha no Império o mesmo poder autoritário que o rei tinha na Prússia. A Constituição não estabelecia nenhuma forma de ser emendada por votação popular, as reformas necessárias seriam feitas pelo Kaiser de acôrdo com o Chanceler.



A FORMAÇÃO DO IMPÉRIO BRITÂNICO

No fim das guerras napoleônicas, as Ilhas Britânicas estavam divididas e tinham uma população de dezessete milhões de habitantes.

A aristocracia inglesa, durante os anos que manteve luta contra Napoleão, adquirira o hábito de resolver cada problema por meio da iniciativa individual. O regime inglês, em princípios do século XIX, não era democrático nem representativo. O Parlamento constava de duas Câmaras: a dos Lordes e a dos Comuns. A primeira era principalmente hereditária, formada exclusivamente por elementos que tinham títulos, com a exceção de alguns bispos. A dos Comuns não era muito democrática. Havia necessidade de serem feitas algumas reformas.

Por esta época, o contraste entre ricos e pobres era tão escandaloso, que chegaram os próprios economistas ingleses a se preocuparem em encontrar alguma solução para este problema social. Um dos mais famosos deles foi Adam Smith, que apresentou o sistema que tinha por lema "laissez faire", já proposto por Turgot na França. Para êle, a moeda é somente um meio de facilitar a troca de produtos. Estes são os que constituem a verdadeira riqueza. As nações, como os indivíduos, devido ao clima e solo diferentes, possuem especialidades. Assim, com a divisão de trabalho, facilitar-se-ia a "produção", e com o intercâmbio todos se tornariam mais ricos.

A política a ser adotada deveria ser a de facilitar o intercâmbio entre nações, e não se restringir de nenhuma forma o comércio entre elas. O livro de Adam Smith, publicado no século XVIII, não teve consequências imediatas, mas se converteu em programa político, através do propagandista Ricardo Cobden.

Em 1860, a Inglaterra tornou-se uma nação livre cambista. Havia somente quarenta produtos de importância que pagavam direitos de alfândega, e com o tempo caíram para vinte.

O longo reinado da Rainha Vitória (1837-1901), sobrinha e sucessora de Guilherme IV, foi de grande progresso para a Inglaterra. Casou-se aos 18 anos com um primo seu, alemão, o príncipe Alberto.

A política exterior inglesa foi a de aquisição de novas colônias na Ásia, África e Oceania, o que tornou o Império Colonial Inglês o maior do mundo.

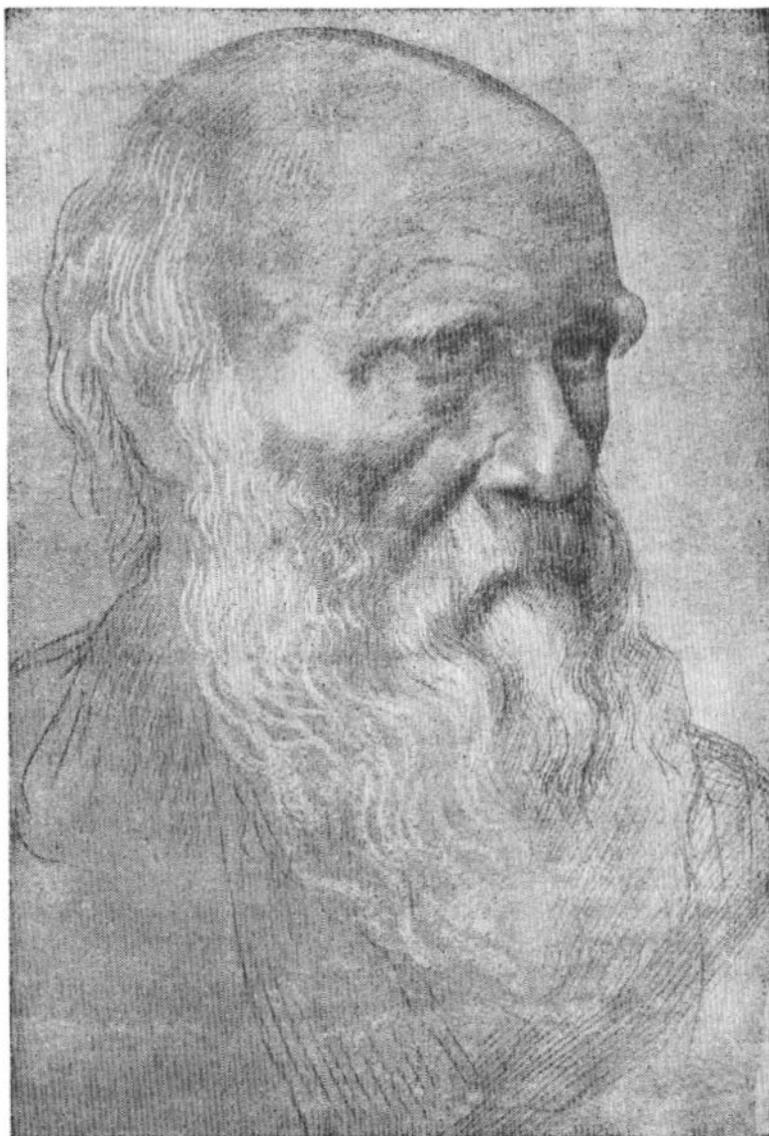
Na Índia, a Companhia das Índias Orientais, autorizada pela rainha Isabel, em 1600, estava capacitada, como todas as companhias coloniais da época, a manter um exército permanente e governar o país com oficiais eleitos no Conselho de Administração, este localizado em Londres.

A pacificação da Índia requereu muitos anos de lutas sangrentas. Os hindus mostraram-se incapazes de cooperar e organizar-se, divididos como estavam em duas mil castas, trinta religiões e com centenas de línguas diversas.

A rebelião teve como consequência a substituição da Companhia das Índias Orientais pelo Governo inglês em todas as funções. A Coroa, que assim assumia a responsabilidade da defesa, devia ter também o privilégio da administração, e daí, em 1877, a rainha Vitória, ter-se proclamado Imperatriz da Índia.

É interessante notarmos que durante todo o século XIX, a Inglaterra contou com um exército que não tinha um uniforme nem um espírito militar. Eram os *missionários*, que partindo para as regiões ainda desconhecidas, no continente africano e no asiático, levavam a religião, pregando o Evangelho. O mais famoso de todos foi sem dúvida Livingstone, que explorou vastas regiões da África, em cujo interior se perdeu, sendo encontrado por Stanley, jornalista americano.

A Austrália, a Tasmânia e a Nova Zelândia, que eram no início do século XIX quase desconhecidas, começaram a receber colonos, incitados pela riqueza existente em regiões ainda desabitadas. Na Austrália, os colonos chega-



Charles Darwin

ram movidos pelo interesse na criação de bovinos, no descobrimento de ouro, etc.

Para manter aberta a rota da Índia, a Inglaterra exigiu a colônia do Cabo; mais tarde interveio no Egito, e conquistou o Sudão para defender o canal de Suez, o que facilitava o intercâmbio entre duas áreas geográficas diferentes.

O domínio inglês no sul da África começou com a posse do Cabo. Nesta colônia, existiam os descendentes de holandeses, que a tinham povoado anteriormente, conhecidos pelo nome de *boers*. Estes *boers* povoaram as regiões do norte, dando nascimento à fundação do Transvaal e Orange, onde foram descobertas muitas minas de ouro e diamante. Cecil Rhodes, primeiro ministro inglês, desejando estender o domínio do seu país, procurou ocupar o Transvaal, no vale do rio Rodésia, região que ficou com o nome de Rodésia. Os *boers* não querendo aceitar este domínio, lutaram, mas, apesar de terem sido muito bravos, foram vencidos e perderam seus territórios. Em 1908, o Cabo, o Transvaal e o Orange constituíram o domínio da União Sul-Africana.

Outra questão, que se manteve por muito tempo sem solução, durante o reinado da rainha Vitória, foi a da Irlanda. Desde a Idade Média que a Irlanda pertencia à Inglaterra, apesar de apresentar diversidade de raça e costumes. No governo de Cromwell (século XVII), a Irlanda insurgiu-se, mas foi castigada duramente, pois além de os irlandeses perderem as terras que possuíam, tiveram de pagar um elevado preço pelo arrendamento, destas mesmas terras, se as quisessem usar. A Irlanda era quase totalmente católica, e daí não poderem os irlandeses ingressar no Parlamento inglês nem exercer nenhum cargo público. Esta foi uma das razões por que milhares de irlandeses emigraram para os Estados Unidos.

A questão irlandesa prolongou-se até o século XIX, provocando sempre, no Parlamento, acérrimos debates.

As constantes revoltas que daí resultavam, levou-a a receber a autonomia, como pretendiam, e em 1921 foi constituído o Estado livre da Irlanda. Atualmente é uma república sem ligação política com a Inglaterra.

OS ESTADOS UNIDOS

Após a promulgação da independência americana, muitos problemas tiveram que ser solucionados. Entre êles os decorrentes da natural expansão ocasionada pela integração de novos territórios. Jefferson foi obrigado a comprar a Luisiana, de origem e propriedade francesa, por motivos vários, entre êles, o de ali se encontrar a desembocadura do rio Mississippi. Após a compra da Luisiana, seguiu-se a da Flórida, pretencente à Espanha, e mais tarde o território do Oregon, disputado também pela Inglaterra, que possuía territórios ao norte, cuja independência durou muitos anos. Quase no mesmo tempo veio a anexação do Texas, região mexicana, com grandes trechos desérticos. A imigração para o Texas foi facilitada pelo próprio govêrno mexicano, que doou terras a famílias que ali se radicassem.

Contudo, o que mais agravava as relações entre os estados do norte com os do sul eram os conflitos produzidos pela escravidão. Os estados do norte eram habitados por puritanos e *quakers*, que tinham abolido a escravidão quase no início da colonização, e que sentiam escrúpulos de pertencer à União, pois esta permitia o comércio e posse de escravos em certos estados, principalmente nos territórios recentemente adquiridos.

Quando se fundou a União, as duas tendências, abolicionista e escravagista, estavam equilibradas: havia tantos estados que permitiam a escravidão como os que a proibiam.

No sul, onde o clima era mais quente, formou-se uma poderosa aristocracia rural, proprietária de imensas fazendas de fumo e de algodão. Era indispensável a importação de escravos para os imensos latifúndios, que ali prosperavam. Além do mais, os cavalheiros e aristocratas do sul

não admitiam a possibilidade de que o Governo da União interviesse na política e no regime econômico de suas fazendas. Por outro lado, a literatura propalada, tanto por meio de livros como de folhetos mostrava o fazendeiro sulino como um monstro, dotado de extrema crueldade, o que realmente não era verdade. O que imperava era o seguinte: um senhor, que possuía três ou quatro escravos, estes, em geral, já se haviam aclimatado à vida da fazenda, e muito raramente se davam os casos de crueldade, contados em livros tão populares como foi "A cabana do pai Tomás".

A campanha escravagista perdurou por muitos anos, mantendo sempre o norte contra o sul.

No norte verificava-se um grande desenvolvimento industrial e a entrada dos imigrantes europeus era cada vez maior.

Quando em 1860, Lincoln foi eleito Presidente pelos abolicionistas, alguns estados imediatamente se separaram da União. Não demorou muito para iniciarem-se as hostilidades, que tiveram início no dia 13 de abril de 1861, quando os estados do sul apoderaram-se de Fort Sumter, localizado numa ilha da baía de Charleston. Lincoln proclamou uma declaração de guerra. Eram vinte e três estados do norte contra onze do sul. Quando se iniciaram as hostilidades, havia cinco milhões de brancos no sul e um pouco mais de três milhões de escravos; no norte, havia o dôbro de brancos.

Neste conflito, que ensanguentou os Estados Unidos, a superioridade dos nortistas ou *federalis* era maior que a dos sulinos. As lutas se sucediam, e no dia 2 de abril de 1865, o general Grant (do norte) conseguiu envolver o grosso do exército confederado, que estava sob as ordens do General Lee. A rendição foi firmada.

Pouco antes de terminar a guerra, Lincoln foi reeleito presidente, sendo assassinado, logo depois, e o governo caiu nas mãos de elementos rancorosos devido à luta civil. O sul teve que passar pela humilhação de sofrer um Governo de vencedores; dividiu-se em quatro grandes regiões.

Entretanto, apesar da devastação e morte causada pela Guerra da Sucessão, o desenvolvimento e progresso do país não se arrefeceu. Até a guerra com a Espanha em 1898,

os Estados Unidos tiveram um período de grande desenvolvimento. A indústria americana, por fins do século XIX, era um monopólio; as grandes empresas estavam associadas, formando gigantescos *trusts*. Não havia necessidade de mercados estrangeiros, tudo o que o país produzia era consumido dentro de suas fronteiras.

Em 1867, a Rússia oferecia ceder o Alasca por dez milhões, terminando por aceitar 7.200.000 dólares.

O arquipélago do Hawai, foi adquirido sem dificuldades. Logo após, veio Samoa.

Na primeira metade do século XIX, a Espanha ainda pretendia continuar o restabelecimento do seu império colonial. Para tanto, projetou enviar à América um exército para submeter as repúblicas recentemente emancipadas.

Em 1823, James Monroe, presidente dos Estados Unidos, enviou ao Congresso a mensagem que deu origem a "doutrina Monroe", na qual as potências européias tinham direito sob as colônias já possuídas; porém seria considerado como ato de hostilidade qualquer intervenção em países já independentes.

Foi em nome desta doutrina que os Estados Unidos exigiram, em 1865, a retirada das tropas de Napoleão III, que, no México, tinham fundado um império.

No fim do século, a Espanha enviou um exército para a América, pretendendo sufocar uma revolução em Cuba. Os Estados Unidos julgaram-se na obrigação de intervir na guerra da independência cubana. Vencedor no fim, pediu a posse de Pôrto Rico e das Filipinas, que lhes foi dado.

Iniciou-se, então, uma nova era nos Estados Unidos.

É do começo do século XIX a construção do canal do Panamá. Este projeto atendia a interesses econômicos, pois, com a comunicação de ambas costas marítimas dos Estados Unidos, expandia-se o comércio, assim como construía-se pontos estratégicos para eventuais conflitos com o Oriente. Esta região pertencia à Colômbia, que recusou a proposta americana. Uma revolta irrompeu no Panamá, que, tornando-o independente, permitiu aos Estados Unidos a construção de tal obra.



A AMÉRICA ESPANHOLA

Atualmente a América Espanhola aparece dividida em vinte países. O ideal dos libertadores, foi sem dúvida, muito diferente do atual. Tanto Bolívar como San Martín imaginaram a América Espanhola dividida em quatro grandes regiões, que seriam: a Confederação do Plata, contando com o que é hoje a Argentina, o Uruguai e Paraguai; a do Pacífico, com Chile, Peru e Bolívia; a Grande Colômbia, com Venezuela, Nova Granada e Quito, ou seja o Equador; e por fim México, com a América Central e talvez as Antilhas. O Brasil ficaria à parte devido ao seu imenso território e língua portuguesa.

Para dar o exemplo, Bolívar pretendeu fazer independente a Bolívia, para que se tornasse um modelo em miniatura da república ideal.

As lutas se processaram em todos os países sul-americanos, mas na Argentina, Uruguai e Paraguai as guerras de independência tiveram menos duração que no México. O verdadeiro fundador da República Argentina foi Rivadavia. Seguiu a política de atrair imigração européia e comerciar com países europeus.

Como era de esperar, algumas indústrias estabelecidas no interior desmoronaram-se devido a entrada de produtos estrangeiros e de melhor qualidade; isto gerou um descontentamento no país, e Rivadavia foi obrigado a emigrar. Em Buenos Aires, o caudilho federal foi J. Manuel Rosas, que durou desde 1831 a 1853. Após a caída de Rosas, surgiram vários outros caudilhos.

No México, dois acontecimentos assinalam a história deste país no século XIX: a guerra que manteve com os Estados Unidos e a intervenção realizada por Napoleão III,

que pretendia fundar um império francês em terras mexicanas.

A região do Texas, embora pertencesse ao México, fôra povoada por norte-americanos. Mantinha, ademais, a escravidão, assim como a maioria dos seus habitantes seguia a religião protestante. No México, fôra abolida a escravidão e a religião era a católica. O Presidente Santana resolveu transformar aquela região em território militar, mas sofreu o repúdio da população, que acabou declarando a região independente. Alguns anos se passaram, e a nova república foi anexada aos Estados Unidos, o que provocou a guerra entre os dois países.

Esta guerra, que durou ano e meio, foi ganha pelos norte-americanos, que chegaram a tomar a capital do México. Em 1848, com o fim da contenda, o México entregou aos Estados Unidos um território que compreendia o Novo México e a Califórnia.

A situação daquele país, que já era má, agravou-se mais ainda. O Presidente Benito Juarez suspendeu o pagamento da dívida externa, o que foi prejudicar os países europeus que, armando uma expedição, atacaram Vera Cruz. A Inglaterra e a Espanha, que tinham mandado tropas nesta expedição, entenderam-se com o governo mexicano, porém Napoleão III, que também enviara tropas, queria fundar um império no México e, para isto, ocupou a capital, enquanto Juarez se refugiava no norte, juntamente com o governo.

Uma Assembléia de Notáveis, convocada pelos franceses, chegou ao acôrdo, em 7 de julho de 1862, que o governo da nação mexicana se tornaria uma monarquia imperial hereditária, regida por um príncipe católico. A Coroa foi oferecida ao príncipe austríaco Maximiliano, que entrou na capital no ano 1864. Apesar da sua boa vontade, não conseguiu as graças do povo e do clero mexicano. Os franceses retiraram suas tropas da guarnição do México, levando todo o arsenal e as sobras foram vendidas aos próprios inimigos de Maximiliano. O imperador ficou só, caindo em 1867 prisioneiro das tropas de Juarez, que o mandou fuzilar.

Juarez empregou os anos finais de sua vida em consolidar, sem vinganças e rancores, as leis da Reforma, promulgada antes da intervenção. Pode-se dizer ter sido êle o verdadeiro fundador da nação mexicana. Morreu em 1872. Subiu depois Porfírio Díaz, que governou até 1911, justificando o apelido que lhe foi dado de "O Presidente Perpétuo". Durante as primeiras presidências de Díaz, o México cresceu muito, porém a oposição começou a crescer, e uma nova etapa revolucionária tomou conta do México. Díaz foi deposto pela revolução, chefiada pelo General Madero, e êste foi eleito presidente pela maioria. Seguiu-se uma época de conspirações e revoltas, sucedendo-se caudilhos que por pouco tempo mantinham-se no poder, como Pancho Villa, famoso bandido.

AS NAÇÕES DA AMÉRICA DO SUL

O sonho de Bolívar em relação à América do Sul não se realizou. O bloco chamado Colômbia Maior (constituído pelo Equador, Venezuela e Colômbia), não se manteve unido e formou os países acima citados. Todos eles tiveram alguns governos bons e produtivos, mas muitas vezes caíram em mãos de ditadores.

Durante o século XIX, governou a Argentina um dos maiores caudilhos da América do Sul: João Manuel Rosas. Foi durante o período de sua ditadura que se deu a guerra entre o Brasil e a Argentina, na qual Rosas foi derrotado na batalha de Montes Caceros (1852), e Urquiza, aliado do Brasil, tomou conta do poder.

Sob a presidência do general Mitre, a Argentina formou com o Uruguai e Brasil a Tríplice Aliança, que combateu o Paraguai, então na mão do ditador Solano Lopez. Este foi sem dúvida o conflito de maior proporção que houve na América do Sul. As ambições do ditador paraguaio ruíram por terra, tendo o bloco, formado pelos três países, vencido a guerra, que durou do ano 1860 à 1870.

Durante o século XIX houve a guerra do Pacífico em que o Chile venceu o Peru e a Bolívia. O conflito teve como causa o aumento das taxas sobre o salitre, feito pelo governo boliviano, explorado pelos chilenos, em território boliviano. O Peru também participou da guerra.

AS LUTAS SOCIALISTAS

O socialismo, que se iniciara como um movimento romântico e místico, transformou-se numa escola de economia e num partido político. Os chamados "socialistas românticos": Saint Simon, Fourier e Owen, viram a miséria do proletariado, mas acreditaram que isto era devido à inconsciência da classe mais poderosa e que, com a pregação e o exemplo, acabariam convencendo-se e mudariam tal atitude.

Marx, o fundador do "socialismo científico", nasceu em 1818, numa família burguesa de judeus convertidos. Casando-se com a filha de um barão arruinado, ganhava o necessário para viver. Em Colônia entrou em contacto com Frederico Engels, que teve grande influência em sua vida. Marx viveu desde o ano 1846 a 1881 em Londres, mantendo uma ativa correspondência com todos os chefes do movimento socialista em vários países europeus.

O partido socialista foi fundado por Marx e Engels em Londres, e no seu modesto local é que se reuniu, em 1847, o Primeiro Congresso Internacional de Socialistas. O Congresso encarregou Marx e Engels de exporem num manifesto as idéias por eles tratadas. O "Manifesto" de 1847 é comparado ao grito de guerra da campanha socialista, que se tornou depois mundial.

Na Inglaterra, a luta do proletariado contra a burguesia durante o século XIX se concentrou no Parlamento.

Contudo, na Alemanha, o socialismo se atirou à política militante, sendo seu fundador Fernando de Lasalle. Bismarck interessou-se por Lasalle, e teve várias reuniões privadas com êle, pois via no socialismo uma força unificadora da Alemanha, podendo tornar-se um partido nacional, que colaboraria com êle do lado da opposição. Isto se dava

em 1863, porém em 1878, Bismarck mudara de política com respeito ao socialismo. Com o término da guerra franco-prussiana, a Alemanha estava unificada e o socialismo era apenas uma força perturbadora.



Bismarck

Entretanto, o socialismo se propagava rapidamente. Bismarck aproveitando-se de uns atentados anarquistas, nos quais estêve em perigo a vida do imperador, conseguiu que o socialismo fôsse decretado fora da lei. Contudo, mesmo

perseguido, continuou o movimento através de panfletos e jornais clandestinos.

Na França, o movimento continuava a crescer, enquanto, na Inglaterra, se processava seguindo uma forma ordenada e pacífica. Certos de que o socialismo seria inevitável, um grupo de intelectuais de Londres fundaram em 1889 a Sociedade Fabiana, cuja missão era expor os princípios socialistas.

Na Espanha, não teve grande repercussão, desenvolvendo-se mais as idéias anarquistas.

Nos países nórdicos, devido ao sentido mais prático da realidade, o socialismo tomou uma direção que poderia ser chamada *intermediária*, fundado nas cooperativas de produção e consumo.



.

.

.

.

.

.

A EXPANSÃO DO IMPÉRIO RUSSO

Durante a Idade Média, as fronteiras da Rússia eram ainda bem imprecisas. A luta contra os tártaros ou mongóis, que conquistaram o país durante o reinado de Gengis Khan, terminaram finalmente ao cabo de vários séculos, por meio da diplomacia e campanhas bem realizadas. As primeiras iniciativas de expansão na Sibéria se manifestaram entre os mercadores da cidade-feira de Novgorod, no Volga, perto de Moscou.

A expansão se realizou por diversos meios. Assim, em 1558, um rico comerciante de Novgorod, Gregório Stroganov, conseguiu a concessão de terras, onde edificou e manteve postos fortificados para realizar o comércio sem perigo do ataque de outros povos. Seguiram-se diversos outros, que usaram da mesma tática, daí o início de expansão do núcleo até então pequeno.

Em princípios do século XVIII, a Sibéria já contava com 250.000 emigrados russos e a administração mantinha um sistema de estradas e correios regular. A capital era Tobolsk, onde residia o governador geral. Cada província possuía um encarregado, cuja função principal era cobrar tributos dos moradores da região.

Quando Pedro o Grande subiu ao poder, a Rússia encontrava-se neste estado. Dirigiu a sua atenção para a conquista da Estônia e Livônia, o que lhe daria acesso ao mar Báltico, mas a partir do ano 1714, começou a interessar-se mais pelas vastas regiões, que se estendiam do leste, facilitando e incrementando a penetração russa na Ásia. Após sua morte, a iniciativa de descobrir mares no Extremo Oriente foi continuada por outros.

Em 1738 uma expedição conseguiu chegar às costas do Japão, onde comerciaram, não conseguiram, porém, desembarcar em terra. As expedições para regiões chinesas e japonesas prolongaram-se durante vários anos.

Em 1880, começou a construção da Ferrovia Transcaucásica, que chegou a ter o comprimento de 2.000 km. Em 1891, iniciou-se o famoso Transiberiano. Foram cortadas regiões extensas da China por uma estrada de ferro que chegou até Port Arthur, na península de Liao-Tung. A ocupação deste local estratégico ocasionou a guerra contra o Japão. Seis anos se passaram, e o Japão torpedeou os barcos russos em Port Arthur. Os russos capitularam, mas um armistício proposto por Theodore Roosevelt foi firmado nos Estados Unidos, A Rússia, apesar de ter perdido Port Arthur, continuou como a mais forte potência asiática.



Pedro o Grande

A influência russa nos Balcãs começou durante o reinado de Alexandre I. Os cristãos destas regiões eram súditos dos turcos, o que levou, depois de muitas lutas, à famosa guerra da Criméia. A Rússia, desta vez, perdeu a Bessarábia e as costas até o Danúbio. Foi proibida a construir navios de guerra para o mar Negro; os Dardanelos se declararam fechados, e a existência da Turquia devia ser mantida como um mal necessário para o equilíbrio europeu.

Tôdas estas lutas e mudanças de fronteira realizadas pela Rússia mantinham o estado de ânimo em suspenso na Europa.

Em 1917, dá-se o golpe de Estado e os bolchevistas, que eram uma minoria, tomaram conta do poder. Este golpe, que foi a decorrência de uma série de modificações políticas e sociais, realizou-se no sentido de mudar o governo czarista, até então vigente.

O FIM DO SÉCULO XIX

Os últimos anos do século XIX foram de paz aparente. Na realidade, deram-se várias guerras coloniais e as rivalidades econômicas cada vez aumentavam mais.

Os ingleses tinham ocupado o Egito com a desculpa de defender o canal de Suez e o caminho para a Índia; tinham descido o Nilo até *Karthum*, capital do Sudão, com o intuito de construir uma estrada de ferro através da África, ligando o norte ao sul. Num local chamado Fachoda, havia um destacamento francês, que não quis entregar-se aos ingleses. A Rússia entrou como mediadora, e conseguiu que se fizesse um acordo entre ambos.

Daí ter sido permitido à França a ocupação do Marrocos, o que ocasionou, ante as outras nações européias, ciúmes e ambições. Convocou-se uma Conferência, em Algeiras, e ali se decidiu dar à França e à Espanha a região do Marrocos e para a Alemanha algumas regiões no Congo.

A Itália em 1912 aproveitou-se de tal estado de coisas e conquistou a Tripolitânia e a Cirenáica. Ficou repartido entre ingleses, franceses e italianos toda a costa norte-africana.

Neste estado de coisas, a Alemanha, que sempre se mantivera afastada desta política colonial, abriu os olhos e resolveu ocupar o Camerum, Togo, Tanganica, e uma extensa zona do litoral africano no Atlântico.

Esta política expansionista, seguida pelas potências européias, prolongou-se à Ásia, às ilhas do Pacífico e ao continente africano.

Assim todos estes acontecimentos, como modificações ocorridas dentro da ordem social e econômica, preparavam o estalido que seria o princípio da guerra de 14.

A situação entre os países europeus estava desta forma: de um lado a *Triplíce Aliança*, com a Alemanha, Áustria-Hungria e a Itália; de outro, a *Triplíce Entente*, a Rússia e a França, com a promessa da Inglaterra, caso a França fôsse atacada pela Alemanha. Isto parecia dar um equilíbrio europeu que manteria vários anos de paz. Entretanto, um incidente, ocorrido no dia 28 de junho, no qual foram assassinados o herdeiro da Áustria, Francisco Ferdinando e a esposa, por um estudante sérvio, serviu de estopim. O governo austríaco acusou a Sérvia da responsabilidade desse crime e, apesar de ficar provado o contrário, foi declarada a guerra em julho de 1914.

Iniciou-se com o ataque alemão na Bélgica, para, desta forma, atacar a França. Assim obrigavam a uma paz imediata e tinham tempo de lançar os exércitos contra a Rús-



D. Pedro II

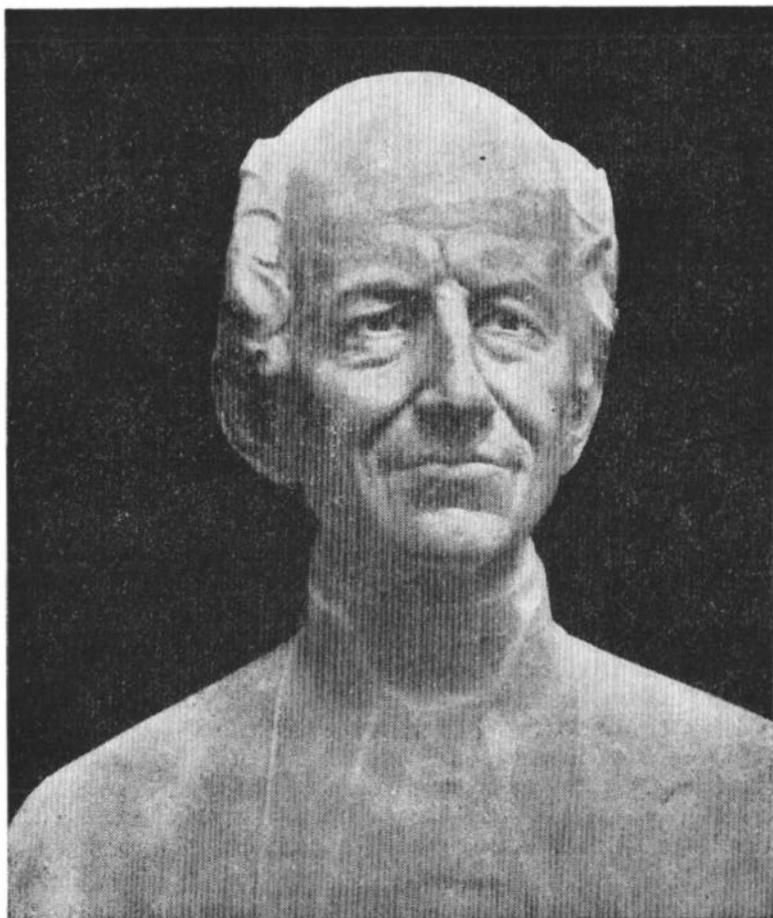


Santos Dumont

sia. Não levou um mês e os alemães estavam em Chantilly, a 40 km de Paris, porém deu-se aí um episódio verdadeiramente notável: o General Joffre deu ordem de resistir e Galiéni derrotou o inimigo na batalha do Rio Marne. Os alemães se atiraram para o litoral com o intuito de cortar as ligações entre a França e Inglaterra, mas foram vencidos pelos ingleses.

Enquanto isto se dava, os russos invadiam a Prússia Oriental, sendo cercados. Davam-se batalhas nas quais todos os combatentes sofriam imensas perdas.

A tática mudou completamente na guerra de 1914: desapareceu a cavalaria, que foi substituída pela aviação, e a artilharia foi empregada no que se chama *fogo de barragem* ou *cortina de fogo*, que precedia à infantaria.



LEÃO XIII

Outro aspecto da guerra de 14, foi o grande número de mortes ocasionado em tôdas as batalhas e linhas de combate.

Em 1917, das duas nações que tinham originado o conflito, Rússia e Áustria, a primeira abandonou a guerra devido à revolução, que estalou em suas terras. A Rússia encontrava-se esgotada, sem armas e alimentos, e esta foi uma das razões da revolução chefiada por Kerenski, depois por Lenine. Com êste novo regime, a Rússia concedia à Alemanha tudo quanto esta exigisse. Isto proporcionou aos alemães unirem tôdas as fôrças, sob o comando do General Lúndendorf (1918), e atacarem a França e a Inglaterra.

Neste período, entrou na guerra os Estados Unidos. Duas foram as causas da intervenção americana: primeiro, a propaganda; a segunda, a questão financeira. A propaganda espalhou que se a Alemanha vencesse a Inglaterra, logo invadiria a América; e havia, além disso, interêsse dos banqueiros americanos, que tinham concedido créditos à Inglaterra e França, e caso a Alemanha fôsse vencedora esta elevada quantia não seria paga.

O presidente Wilson declarou guerra à Alemanha no dia 2 de abril de 1917, e em princípios de 1918 já havia um milhão de soldados americanos na França.

A Alemanha encontrava-se esfomeada e sem possibilidade de levar avante a guerra, sendo forçada a pedir um armistício, que foi, na verdade, uma rendição. As condições de paz definitivas foram discutidas em Paris num Congresso, que só teve os vencedores como delegados, pois os vencidos não tiveram direito de apresentar defesa. No dia 28 de julho de 1919, foi assinado o Tratado de Paz de Versalhes, inspirado nos "Quatorze Princípios" do Presidente Wilson. Por sugestão de Wilson, foi criada a "Liga das Nações" para resolver pacificamente tôdas as questões entre os povos, procurando-se assim, evitar o perigo de uma nova guerra mundial.

Após o armistício, os dirigentes do poder continuaram a ser os mesmos em todos os países que tinham tomado parte na Guerra Mundial.

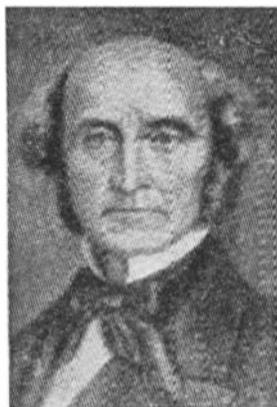
A situação não era muito favorável e em alguns países chegava a ser verdadeiramente desoladora; a Inglaterra estava devastada, do mesmo modo a França e a Bélgica.

Como se daria uma solução a esta situação? A mais fácil era fazer a Alemanha pagar, pois fôra ela quem ocasionara os estragos. A cifra pedida de reparação à Alemanha era imensa, impossível de ser paga antes de passarem três gerações.

Como a Alemanha não tivesse possibilidades, pois também se achava devastada e sem meios, pediu que esperassem. A Inglaterra manifestou-se disposta a ceder tal proposta, mas a França não quis transigir e com um exército atacou a Alemanha tomando conta da região do Ruhr, onde se encontram as maiores fundições e indústrias. Dali os alemães retiravam 85% da produção do carvão e 80% do ferro e aço. Como era de esperar, o govêrno de Berlim



Louis Pasteur



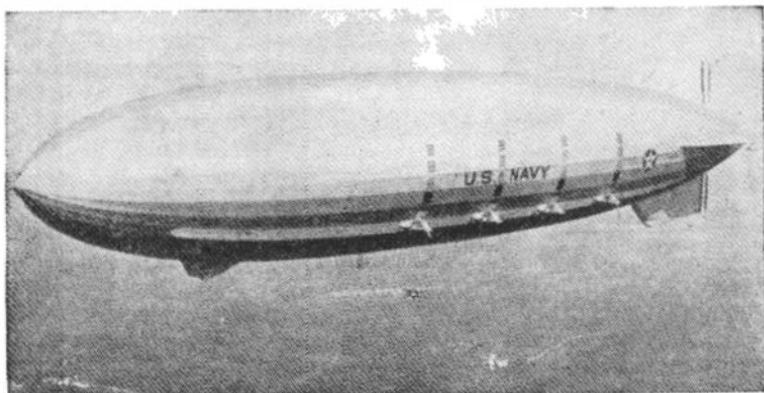
Stuart Mill

não aceitou, e propôs uma greve aos trabalhadores desta região. Assim se passou todo o ano de 1923. O franco caiu e o marco também. Entretanto, nada se resolvia neste estado de coisas e a Comissão de economistas, que traçava o plano de pagamento da Alemanha, não chegava a um acôrdo.

Foram grandes as conseqüências da guerra de 1914, tanto no plano econômico como no político. De acôrdo com o Tratado de Versalhes a carta política da Europa sofreu

grandes alterações: a Alemanha devolveu à França a Alsácia-Lorena e perdeu tôdas as suas colônias. A Polônia que não existia antes da guerra voltou a constituir um país; novas Repúblicas foram criadas como a Tchecoslováquia, a Finlândia, Estônia, Letônia e Lituânia; a Áustria, dirigida por um govêrno republicano, separou-se do Reino da Hungria, e a Rumânia, Bélgica e Itália tiveram os seus territórios aumentados.

No ponto de vista econômico, houve uma paralisia no comércio internacional. O consumo diminuiu muito, e muitas indústrias fecharam suas portas, aumentando com isto o número de desempregados e a provocação de greves em



Zeppelin americano

muitos países. Nasceu dêste estado de coisas, regimes totalitários, como na Rússia o *Comunismo*, na Itália o *Fascismo* e na Alemanha o *Nazismo*.

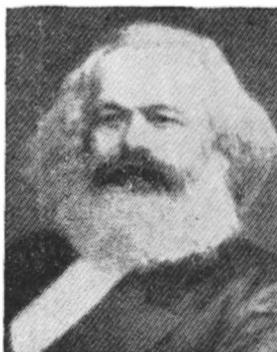
Na Alemanha, a política interior fracassava, havendo movimentos socialistas facilmente sufocados pela burguesia. A burguesia fêz para si uma Constituição, que tomou o nome de Weimar, porque foi naquela cidade que se reuniu a Assembléia Constituinte.

A Constituição de Weimar instaurava uma República com um presidente eleito por votação popular, como nos Estados Unidos; porém dotado de um mínimo de preroga-

tivas. Em 1933, Hitler foi nomeado chanceler do governo de Hindenburg. Logo depois as eleições gerais deram maioria para Hitler no Reichstag, e poucos dias mais tarde a Assembléia lhe concedeu poderes ditatoriais por um período de quatro anos.

O nazismo triunfava, iniciando uma política de reconstrução do exército e da marinha, assim como da indústria, seguindo um plano nacional. Coordenou todos os setores de tal forma que conseguiu tornar a Alemanha devastada de 1918 na Alemanha forte e conquistadora de 1939.

Na Itália, desde 1921, Mussolini tomara conta do poder, desembaraçando-se do Parlamento. Tomou o título de *Duce*, com um Conselho Fascista de vinte e cinco membros, que eram por ele próprio escolhidos. Este Grande Conselho Fascista selecionava de uma lista de mil homens, preparada pelos grêmios e corporações, os quinhentos deputados. Era depois o Duce quem nomeava os prefeitos e governadores de província.



MARX

O fascismo suprimiu a liberdade de imprensa, dissolveu os partidos políticos e estabeleceu um programa de educação nacionalista, que consistia em despertar nos jovens a mística de uma pátria poderosa e imperialista.

O socialismo foi implantado na Rússia com a revolução de 1917. As misérias ocasionadas pela Grande Guerra, além da pobreza e faltas pelas quais passava o povo, tanto da cidade como do campo, foi um grande fator para aceitar o novo regime imposto. O Czar Nicolau II foi obrigado a abdicar, e toda a família foi assassinada, tomando conta do poder um governo democrático chefiado por Kerenski, como vimos.

A revolução estalou em março de 1917 em Petrogrado, quando os soldados se amotinaram. Poucos dias depois, o

czar abdicou em favor do seu irmão Miguel. Este só aceitou o poder com a condição do povo eleger, por meio do sufrágio universal, uma Assembléia, a qual depois o elegeria. Lenine aproveitou-se da situação, verdadeiramente precária, e lançou um programa imediato que se resumia no seguinte: paz a qualquer preço com a Alemanha; confisco das grandes propriedades e fábricas, confiando as terras aos soviets de camponeses, e as indústrias aos comitês operários; nacionalização completa da produção e supressão de privilégios de classe.

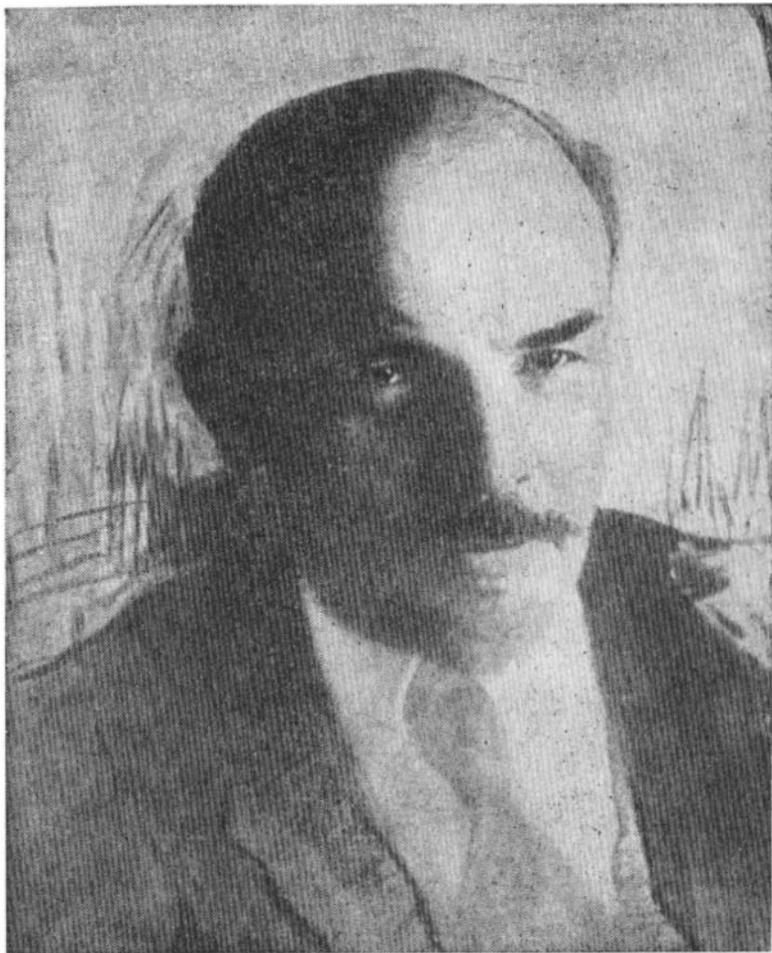


Parada militar na Praça Vermelha de Moscou

O Governo Provisório opôs-se ao bolchevismo de Lenine. Foi formado um novo Governo Provisório, chamado "Soviet dos Comissários do Povo", no qual Lenine era o presidente e Trotzky o comissário dos assuntos estrangeiros. As negociações de paz com a Alemanha foram logo realizadas, e neste trabalho a Rússia cedia sua parte da Polônia, Curlândia, Lituânia, Letônia, Estônia, Finlândia, Ucrânia, Kar, Batum e Ardahán.

No primeiro ano, o regime comunista ou de socialismo totalitário, sob o título de "ditadura do proletariado", teve de empregar tôdas as suas energias para defender-se dos grupos contrários, que não aceitavam tal situação. Assim

os bolchevistas formaram a *Rússia vermelha*, os contrários eram chamados os *brancos*. Conseguiu-se recuperar quase tôdas as províncias, sobretudo a Ucrânia, celeiro da Rússia.

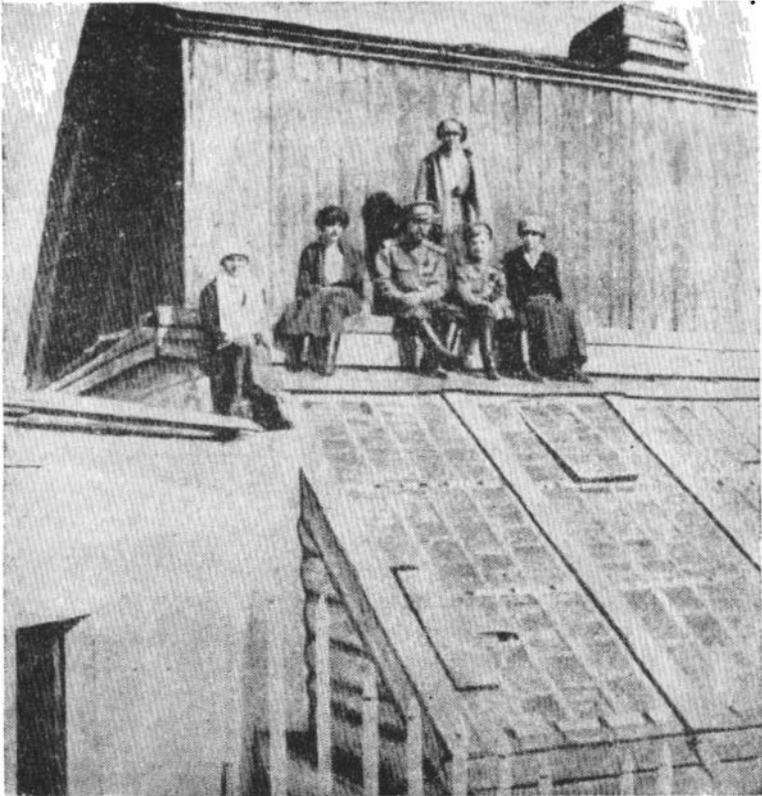


LENINE

Depois de vários ensaios, constituiu-se a Federação ou União de Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS). Esta União é governada por um Congresso de Soviets ou representantes dos Soviets provinciais, que se reúnem cada dois

anos em Moscou. O Congresso dos Soviets compõe-se de 1.500 membros, e sua formação principal é nomear um Comitê Central Executivo da União, o qual, por sua vez, nomeia os comissários ou ministros, fiscalizando sua forma de atuar.

Na Espanha, a situação econômica, realmente grave após a Primeira Guerra, levou o rei Alfonso XIII a recor-



A família imperial russa em Ekaterinenburg, dias antes de seu fusilamento.

rer a um golpe de Estado, realizado em 1923. Foi estabelecida uma ditadura sob a chefia do general Primo de Rivera. Em 1931, havia tal número de republicanos, que

o rei Alfonso teve de abdicar, proclamando-se a república, e sendo eleito como presidente Alcalá Zamora.

O novo governo manifestou tendências socialistas, o que provocou uma revolta em 1936, chefiada pelo general Franco. A guerra civil durou três anos e ensanguentou a Espanha.

Os legalistas pediram auxílio à Rússia, enquanto os revoltosos tiveram auxílio dos alemães e italianos. Ganhando Franco a revolução em 1939, estabeleceu um regime de força, tornando-se ditador.

Em Portugal deu-se uma revolução, em outubro de 1910, que proclamou a República.

Durante a Primeira Guerra, Portugal auxiliou muito os aliados, com enormes sacrifícios. O major Sidônio Pais chefiou a revolução que estabeleceu um governo forte em 1917, quando foi dissolvido o Congresso, reformada a Constituição e reatadas as relações diplomáticas com a Santa Sé.

Não durou muito o governo de Sidônio Pais, assassinado em 1918. Portugal até 1926 viveu sob agitações políticas, até que uma revolução, chefiada pelo general Gomes da Costa, estabeleceu o Estado Novo. Dois anos depois era eleito como presidente da República, o general Carmona que, para melhorar a situação financeira do país, procurou empréstimos através da Liga das Nações. Como não conseguiu melhorar o estado de coisas, chamou para o Ministério das Finanças, Oliveira Salazar, que restaurou o crédito de Portugal.

A atual Constituição da República, promulgada em 1933, estabelece o governo exercido por um Presidente, eleito de sete em sete anos, um Conselho de Estado e uma Assembleia Nacional, auxiliada por uma Câmara Corporativa.

A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

Após o Tratado de Versalhes eclodiram diversos regimes políticos, dos quais já tratamos.

Na Alemanha e Itália a política armamentista imperava; organizavam-se poderosos e eficientes exércitos, junto com uma violenta propaganda contra as democracias.

Assim que em 1936 a Itália atacou a Abissínia e três anos mais tarde ocupava, quase sem encontrar resistência, o território da Albânia. Em 1937 o Japão invadiu a China.

A política de Adolf Hitler fundava-se na acusação do Tratado de Versalhes, afirmando que era "uma paz violenta" imposta à Alemanha. Em 1938, Hitler anexou a Áustria e reclamou o território da Tchecoslováquia, povoada por um grande número de alemães.

A Tchecoslováquia converteu-se na cabeça de uma coligação formada pela Polônia e Iugoslávia, com o intuito de proteger-se da Alemanha. O ministro Chamberlain, chefe do governo inglês, e Daladier, do governo francês, tomaram a resolução de dirigir-se pessoalmente a Hitler; e por intermédio de Mussolini reuniram-se num hotel em Munich para decidir a sorte da Tchecoslováquia. Os representantes da Inglaterra, Alemanha, França e Itália não tomaram parte, nem a própria nação interessada, nem a Rússia, assim como outras nações. Hitler conseguiu o que queria, e parte do território reclamado pelos alemães passou a ser da grande nação hitlerista.

Hitler compreendeu a debilidade dos inimigos seus e tornou-se mais exigente, assim como a Itália, que queria a Córsega e a Tunísia, que pertenciam à França.

A separação dos territórios na Tchecoslováquia deu possibilidade de se firmarem diversos governos locais, alguns rebeldes contra o govêrno de Praga. A Alemanha tomou conta do país, e logo em seguida pretendeu a cidade de Dantzig (que era uma cidade livre alemã que ficara dentro da Polônia com um comissário nomeado pela Sociedade das Nações e um senado municipal). A Inglaterra, descontente com tal atitude alemã, e vendo que o pacto de Munich não era mantido pelos alemães, rompeu no dia 3 de setembro de 1939 as relações com Alemanha, devido à invasão da Polônia pelas tropas alemãs.

Tôda a Europa esperava uma grande defesa por parte da Polônia, contudo, em poucos dias sucumbiu às tropas invasoras. A Rússia aproveitou-se da situação e ocupou a



Mahatma Ghandi



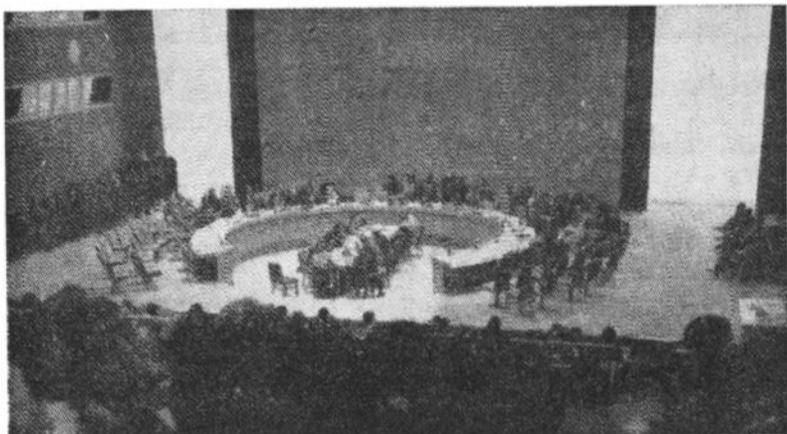
Winston Churchill

parte oriental polonêsa. Sem declaração prévia a Alemanha ocupou a Noruega, Dinamarca, Bélgica e Holanda, e na primavera de 1940 começou a guerra relâmpago no Oeste. O exército alemão, perfeitamente equipado, revelava ser dono de uma tática impecável.

A França foi invadida pelo norte, rendendo-se em três semanas, e o exército inglês, que desembarcara no continente, teve que operar a heróica retirada de Dunquerque. O govêrno francês do Marechal Pétain assinou um armistício com os alemães, entregando-lhes parte do país que fôra já ocupado.

Com a entrada da Itália na guerra, modificou-se o curso das operações. Tentando um ataque à Grécia, não conseguiu seu intento, devido à defesa realizada pelos montanheses da Albânia. Nas colônias africanas foi derrotada, o que levou a Alemanha a ocupar a Romênia, Bulgária e Grécia; conquistando Creta com uma invasão relâmpago de paraquedistas.

Ao mesmo tempo iniciou-se a campanha contra a Rússia. O comando alemão tinha pensado em vencer a resistência inimiga em dois meses. Quando estavam a alguns quilômetros de Moscou, um inverno prematuro deteve os alemães, ao passo que com a ajuda de material bélico americano os russos puderam oferecer resistência.



Uma sessão do Conselho de Segurança em New York

Impossibilitados de conquistar Moscou, os alemães dirigiram-se para a Ucrânia, onde se encontravam os poços petrolíferos. Em fins de 1942, chegavam em Stalingrado, onde foram derrotados pelo exército russo. A "batalha de Stalingrado" ficou famosa, pois marcou o fim da expansão alemã no oriente. Ao mesmo tempo a Inglaterra, dirigida por Churchill, intensificava os bombardeios em cidades alemãs.

Em dezembro de 1941, os Estados Unidos, que já tinham prestado auxílio aos ingleses e russos, entraram na

guerra devido ao ataque japonês à base naval americana de Pearl Harbour (Ilhas Havaí).

A luta no Pacífico foi favorável aos japoneses no início; apoderaram-se das Filipinas, de Singapura e do arquipélago holandês da ilha de Sonda.

Em 22 de agosto de 1942, após ter sofrido o torpedeamento de alguns navios em suas costas, o Brasil também declarou guerra ao Eixo e iniciou a mobilização de suas forças. Em fins deste mesmo ano, os aliados alcançaram uma série de vitórias, derrotando as tropas alemãs no Egito e na Líbia, assim como americanos e ingleses ocuparam o Marrocos e Argélia.

A mobilização norte-americana atingiu todos os pontos de sua vida: suspenderam-se as obras em construção e se edificaram imensas fábricas de produção de material bélico; a população sofreu uma grande racionização, sendo tudo entregue à manutenção do exército. Nas ilhas do Pacífico, com a resistência imposta pelos japoneses, milhares de soldados americanos pereceram. Enviaram além disto a regiões desconhecidas geograficamente, legiões de trabalhadores e material de construção e pesquisa.

Para ajudar a Rússia, teve de enviar os armamentos por comboios, que seguiam pelo norte da Sibéria, através do glacial oceano ártico. Devido à grande quantidade de transportes afundados nas águas geladas, construíram uma linha de estrada de ferro, que ia desde o Golfo Pérsico até o mar Cáspio. Assim os comboios cruzavam o pacífico pelo sul, desembarcavam tratores em Basora, máquinas e munições, que subiam até às terras altas da Pérsia, onde eram recebidas pelos russos.

A guerra teve episódios sensacionais como a tomada de Tobruk pelos alemães, a retirada destes de Stalingrado, o desembarque em Casablanca e na Sicília, e, por fim, a difícil conquista da Normandia, realizada pelos aliados.

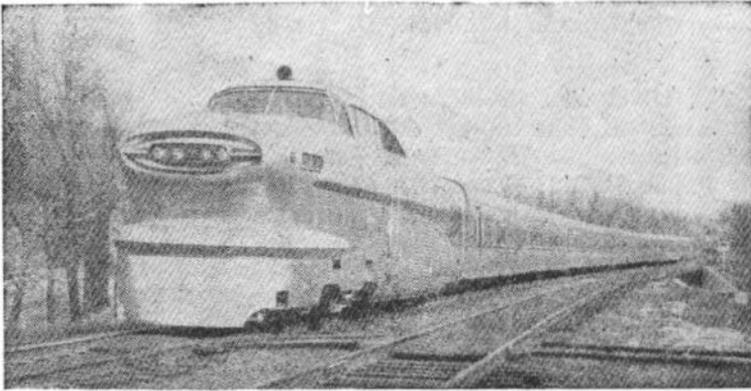
Aperfeiçoaram-se inventos, entre eles o radar, o projétil-foguete e muitos outros.

No início de 1943, a vitória se decidiu pelas tropas aliadas; os alemães eram expulsos da África, tropas aliadas invadiram a Itália, tomando parte nesta ofensiva tropas brasileiras (1944). Em Teerã (Pérsia) reuniram-se Churchill, Roosevelt e Stalin, e combinaram a invasão da Eu-

ropa Ocidental. Em junho dêste mesmo ano, tropas aliadas, sob o comando do General Eisenhower, desembarcaram na Normandia, e no fim do ano as batalhas já se davam no Reno (fronteira da Alemanha).

Os russos expulsaram os alemães da Ucrânia, invadiram a Polônia e a Hungria; em janeiro de 1945, ocuparam Varsóvia e cercaram Berlim. No dia 7 de maio a Alemanha pedia paz.

Contudo, o Japão resistia muito e a conquista das ilhas do Arquipélago seria muito cara, como já o fôra das ilhas do Pacífico e das Filipinas. O Japão rendeu-se após a de-



Uma locomotiva moderna

flagração da ofensiva realizada pelos americanos, que usando a bomba atômica, destruíram duas cidades japonesas. Em 2 de setembro, o Japão rendeu-se.

Após a guerra, a força atômica foi empregada nas instalações industriais. Entretanto, a fabricação de uma bomba atômica é dispendiosíssima e depende de instalações perfeitas. Além da força atômica, uma infinidade de melhorias se introduziram em artefatos e produtos para a guerra. Construíram-se aviões gigantescos, melhoraram-se os mecanismos dos automóveis, laboratórios modernos com os últimos requisitos foram construídos; tendo-se descoberto durante a guerra inúmeras drogas para reduzir e curar os casos de infecção. Tornou-se generalizado o emprego das sulfamidas, de sôro, etc.

Após a finalização da guerra, o mundo ficou um pouco inquieto, sem saber como reagiriam muitos países europeus e qual seria a política adotada.

O plano de uma organização de nações, destinado a manter a paz universal, que já fôra executado após a primeira Guerra Mundial, proposta pelo Presidente Wilson, era a Liga das Nações. Durante a segunda Grande Guerra, a idéia foi retomada, numa declaração feita pelo Presidente Roosevelt e o Ministro inglês Churchill, que se chamou a "Carta do Atlântico". As conferências se deram em Moscou, Teerã e São Francisco, e foi reafirmada a proposta da criação de um instrumento para a paz. Em 1946, em Londres, deu-se a primeira reunião da comissão preparatória, que fundou a O. N. U. (Organização das Nações Unidas).

A ONU está dividida em três ramos de atividade: a política, com sede central em New York; a da Higiene social, estabelecida em Genebra, e a de cooperação intelectual, em Paris. Como a contribuição dos norte-americanos supera em muito à dos demais países, sua influência é predominante. Com exceção dos russos e seus satélites, as Nações Unidas seguem sempre, por regra geral, os conselhos dados pelos norte-americanos.

Na política, houve uma grande influência norte-americana em países subdesenvolvidos. Na Ásia, houve o levantamento de certos países, provocando movimentos democráticos e revolucionários. O Japão, que antes da guerra mantinha um protetorado sobre a Coréia, e que ocupara a Mandchúria, onde instalaram fábricas e altos fornos de fundição, teve de ceder êsses territórios. Os japoneses haviam invadido a China, antes da guerra, provocando uma reação de nacionalismo conservador e outra de tipo comunista, que acabou por dominar, após a guerra de 1939. A expansão comunista, que já atingira a Europa Oriental e a Ásia, preocupa à esfera democrática, principalmente aos Estados Unidos.

Assim, encontra-se o mundo entre duas forças opostas: o comunismo e a democracia, sendo que as duas potências realmente capazes de se defrontarem é a Rússia e os Estados Unidos, e, em breve, a Alemanha, que graças ao grande surto econômico, começa a armar-se.

